

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
UNESP
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**

**JOVENS GUITARRISTAS, APRENDIZAGEM AUTODIRECIONADA
E A BUSCA PELA ORIENTAÇÃO MUSICAL**

São Paulo

2016

HERALDO PAARMANN
(Heraldo Veridiano dos Santos)

**JOVENS GUITARRISTAS, APRENDIZAGEM AUTODIRECIONADA
E A BUSCA PELA ORIENTAÇÃO MUSICAL.**

Dissertação apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Música. Área de concentração: Musicologia/Etnomusicologia/Educação Musical. Linha de pesquisa: Abordagens históricas, estéticas e educacionais do processo de criação, transmissão e recepção da linguagem musical.

Orientadora: Profa. Dra. Margarete Arroyo

São Paulo
2016

P113j Paarmann, Heraldo, 1968-
Jovens guitarristas, aprendizagem autodirecionada e a busca
pela orientação musical / Heraldo Veridiano dos Santos. - São
Paulo, 2016.
147 f.: il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Margarete Arroyo.
Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Estadual
Paulista, Instituto de Artes.

1. Guitarra elétrica. 2. Música – Instrução e estudo. 3.
Autodidatismo. 4. Jovens. I. Arroyo, Margarete. II. Universidade
Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

HERALDO PAARMANN
(Heraldo Veridiano dos Santos)

**JOVENS GUITARRISTAS, APRENDIZAGEM AUTODIRECIONADA E A
BUSCA PELA ORIENTAÇÃO MUSICAL.**

Dissertação apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho” como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em
música.

Orientadora: Profa. Dra. Margarete Arroyo

São Paulo, 29 de junho de 2016.

Banca examinadora:

Prof^a. Dra. Margarete Arroyo
(Orientadora)

Prof^a. Dra. Heloísa Feichas
(Avaliador titular)

Prof. Dr. Daniel Marcondes Gohn
(Avaliador Titular)

AGRADECIMENTOS

A minha querida esposa Ana Paula e aos meus queridos filhos Patrick e Nicolas que me apoiaram nesta jornada mesmo nos vários momentos de ausência.

Ao meu principal incentivador, Gerson meu amado pai. Por sua causa eu toco guitarra. E a minha querida irmã Eliana.

Dedico essa dissertação para minha amada mãe Miriam Paarmann (*in memoriam*). Tudo isso só foi possível graças a você.

A minha eterna mentora Marisa Ramires pelo incentivo desde sempre.

A Paula Molinari. Você me fez começar tudo isso, obrigado.

A toda equipe da secretaria da pós-graduação da Unesp-IA, pelo atendimento carinhoso e dedicado.

Aos mentores da UNESP-IA, Marisa Fonterrada, Carlos Stasi, Yara Caznok, Paulo Castagna e Margarete Arroyo. Vocês agregaram valores importantes na minha vida musical e docente.

A todos os colegas de mestrado, Monique, Isaías, Silvia, Andréa, Tiago e Samuel, pela parceira e pelas prazerosas conversas sobre música e pesquisa.

A CAPES, por ter concedido a bolsa no período final da minha pesquisa para que eu pudesse, com mais tempo, dedicar-me à sua finalização.

Aos meus amigos do quarteto Kroma, em especial ao Alexandre de Orio pelas inúmeras horas de reflexão acadêmica.

Ao Eduardo Santana, pelas oportunidades.

Ao querido amigo Alfredo que me deu frases fundamentais de incentivo.

A todos meus alunos do curso de Licenciatura em Música da FACCAMP e aos amigos do corpo docente, em especial Fernando Poles, Monique Traverzim e Kelly Oliveira pelas conversas acadêmicas, sobre a vida e a educação musical. É muito bom aprender com vocês.

Aos meus alunos particulares. Desde o início, vocês fazem parte desta pesquisa e são minha inspiração.

A todos os meus orientadores, desde a iniciação musical. É um privilégio ser aluno de todos vocês. Nas minhas lembranças vocês continuam me ensinando.

A minha orientadora Prof^a Margarete Arroyo, por me ensinar tudo que está aqui e que o mestrado é tão empolgante quanto estar no palco.

A Deus por me dar a oportunidade de estar aqui e de trilhar o caminho da música.

RESUMO

O autoaprendizado de música é uma prática comum entre jovens que desenvolvem processos personalizados de construção de conhecimento a partir dos seus interesses musicais. Por meio desses processos alcançam seus objetivos imediatos, o que torna essa forma de aprendizado uma opção tentadora. A guitarra elétrica é um instrumento frequentemente sujeito ao autoaprendizado. Para validar essa assertiva, apresento ao leitor nove jovens autoaprendizes de guitarra, que participam desta pesquisa qualitativa, um estudo de caso múltiplo. Observa-se que, nos últimos quinze anos, muito se investigou acerca de como esses processos são vividos pelos autoaprendizes, produzindo, inclusive, uma legitimação das práticas de aprendizado informais na música popular. Porém pouca atenção foi dada para as dificuldades que surgem no decorrer dessa trajetória e à consequente motivação por uma orientação musical de professores, seja presencialmente ou à distância. Sendo assim, o objetivo desta investigação é compreender por que alguns jovens autoaprendizes desejam uma orientação musical. Para ter êxito nesse processo investigativo, foi feito um levantamento de dados no meio digital, por intermédio de entrevistas semiestruturadas individuais, realizadas por videoconferência, criação de grupo de discussão no *Facebook* da pesquisa, observação e análise de vídeos dos jovens guitarristas postados no *Youtube* e registro em um caderno de pesquisa. Para análise e interpretação dos dados, recorri ao conceito de Aprendizagem Autodirecionada (*Self-Directed Learning - SDL*), inicialmente estruturado pelo educador americano Malcom Knowles. Este conceito foi adaptado para o contexto de aprendizagem musical a partir do modelo tridimensional *SDL* criado por Liyan Song e Janette R. Hill, que originalmente desenvolveram-no para a investigação do aprendizado em ambiente on-line. Os resultados desta pesquisa demonstraram que todos os jovens alcançaram limites temporários no autoaprendizado e buscaram orientação musical. Mas, um perfil singular de aprendiz foi identificado, caracterizado pela alternância e simultaneidade entre a autoaprendizagem e a orientação. Este perfil indica que os jovens participantes da pesquisa estão, quer em uma situação ou outra, autodirecionando seu aprendizado. As implicações desta pesquisa para a Educação Musical estão voltadas para que professores de música reflitam a respeito

de suas metodologias de ensino, aperfeiçoando-as para um melhor atendimento a este tipo de aprendiz.

Palavras-chave: Autoaprendizado; Guitarra; Aprendizagem Autodirecionada; Self-Directed Learning; Jovens; Orientação musical

ABSTRACT

Music self-directed learning is a common practice among young people who develop custom processes to build knowledge from their musical interests. Through these processes they reach their immediate goal which makes this form of learning a tempting option. The electric guitar can be considered one of the instruments that could lead to a self-learning. To validate this assertion, I present the reader nine young guitar self-learners who participated in this qualitative research, a multiple study case. It is observed that, in the last fifteen years, plenty of investigations have been made regarding to how these processes are experienced by self-learners, but little attention has been given to the difficulties that emerge in the course of this path and a consequent motivation for a musical orientation. Therefore, the objective of this research is to understand why some young self-learners seek for musical orientation. To succeed in this investigative process, data collection was made in the digital environment, through semi-structured individual interviews conducted by videoconference, debate groups on *Facebook*, observation and analysis of the young guitarists' videos posted on *Youtube*, and records in a fieldnotes. For the data analysis and interpretation, I resorted to the concept of Self-directed Learning (*SDL*), initially structured by the American educator Malcolm Knowles. This concept was adapted for the context of musical learning from the *SDL* three-dimensional model created by Liyan Song and Janette R. Hill that originally developed it to the investigation of the online learning environment. The results of this research have shown that all young people have achieved temporary limits in self-learning and sought for musical orientation. But a singular apprentice profile was identified, characterized by the interchange and simultaneity between self-learning and orientation. This profile indicates that the young participants of the research, either in one situation or in the other, are self-directing their learning. The implications of this research for music education are aimed for music teacher to reflect about their teaching methodologies, optimizing them for a better orientation to this kind of learner.

Key Words: Self-Learning; Electric Guitar; Self-directed learning; Youth; Musical orientation

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS	12
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	13
INTRODUÇÃO	14
Cap. 1 – SITUANDO O OBJETO DE ESTUDO	21
1.1 Uma breve história da guitarra elétrica	21
1.2 Autoaprendizagem na guitarra elétrica	23
1.3 Autoaprendizagem em música	26
1.4 Campo acadêmico da pesquisa	30
1.5 Aprendizagem autodirecionada (<i>Self-directed learning</i> - <i>SDL</i>)	34
1.5.1 História do Conceito	35
1.5.2 <i>SDL</i> e a Educação Musical	37
1.5.3 O modelo tridimensional da Aprendizagem Autodirecionada (<i>SDL</i>)	40
Cap. 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	45
2.1 Desenho Metodológico da Pesquisa	47
2.2 O convite e seleção dos jovens autoaprendizes	47
2.3 A criação do grupo no <i>Facebook</i>	49
2.4 Coleta de dados Parte 1 – Observação on-line (<i>Facebook</i> e <i>Youtube</i>)	50
2.5 Coleta de dados Parte 2 – Questionários e Entrevistas	53
2.6 As transcrições	57
2.7 Vídeos assistidos pelos entrevistados	59
2.8 Categorização dos dados	61
Cap. 3 – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA	62
3.1 Os jovens parceiros da pesquisa	62
3.2 “Descobrimo a música e o instrumento musical” – Os jovens e seus atributos pessoais para a aprendizagem autodirecionada	68
3.2.1 “As cordas são o meu destino” – As motivações para aprender música	69
3.2.2 “Eu vou tocar guitarra” - Pensando estratégias e usando recursos	76
3.3 “Quando comecei a levar a sério” – Jovens autoaprendizes e a busca por orientação musical	83
3.3.1 O despertar da motivação por uma orientação musical	84
3.4 “Agora é pra valer” – As orientações musicais e seus prós e contras	93
3.4.1 “Hoje eu sou autoaprendiz com orientação” – O caso de Michele.	94
3.4.2 “Eu vi que menos é mais” – O caso de Stevie	97
3.4.3 “Voltei a ter aulas sentindo que eu estava mais esponja” – O caso de Flávio	99
3.4.4 “A internet te mostra, mas não te analisa” – Orientação da informação na internet ..	102
CONCLUSÃO	109
Resultados	111
Por que buscar uma orientação musical?	111
Avaliando os períodos com os orientadores	112
A internet e a orientação musical	113
Outros resultados	115
Implicações dos resultados da pesquisa para a educação musical	116

Reavaliando as metodologias de orientação	116
REFERÊNCIAS	118
APÊNDICE	124
ANEXOS	146

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ações e Instrumentos utilizados na coleta de dados	50
Quadro 1 – Entrevistas on-line síncronas	57

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Postagem de um jovem guitarrista <i>Facebook</i>	17
Figura 2 – Um modelo conceitual para compreender a aprendizagem autodirecionada – Song; Hill.	42
Figura 3 – Modelo tridimensional <i>SDL</i> adaptado para o contexto de aprendizagem Musical	43
Figura 4 – Grupo “Participantes da pesquisa sobre o Autoaprendizado em Guitarra”.....	49
Figura 5 – Postagem sobre o objetivo da criação do grupo no <i>Facebook</i>	52
Figura 6 – Programa Skype sendo utilizado durante a entrevista	55
Figura 7 – Programa Action! da empresa Mirillis.....	56
Figura 8 – Programa Action! em uso durante a entrevista.....	56
Figura 9 – Site oTranscribe	57
Figura 10 – Tela capturada do programa em uso com suas ferramentas.....	58
Figura 11 – Vídeo assistido durante a entrevista do jovem Stevie publicado no <i>Youtube</i> em 2013.....	60
Figura 12 – Vídeo assistido durante a entrevista da jovem Josina publicado no <i>Youtube</i> em 2012	60
Figura 13 – Modelo tridimensional <i>SDL</i> – 1ª Dimensão – Atributos Pessoais	68
Figura 14 – Modelo tridimensional <i>SDL</i> – 2ª Dimensão – Processos Autônomos	69
Figura 15 – Tela capturada do programa <i>Guitar Pro</i>	77
Figura 16 – Modelo tridimensional <i>SDL</i> – Resultados e Satisfação	93

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa emergiu a partir das minhas reflexões como autoaprendiz e posteriormente como educador e professor de guitarra elétrica. Por essa razão, para que haja uma melhor compreensão sobre as motivações que me conduziram a investigar a temática *Jovens guitarristas, aprendizagem autodirecionada e a busca pela orientação musical*, apresento alguns momentos do meu processo inicial nos estudos como autoaprendiz de guitarra.

Quando me iniciei como autoaprendiz de guitarra, no início da década de oitenta, não havia professores especializados e rara literatura para adquirir informação e conhecimento para aprendizes iniciantes. Havia alguns cursos de guitarra em escolas de música, porém específicos nos estilos *jazz* e *bossa nova*. A autoaprendizagem era inevitável: só tínhamos a força de vontade para aprender a tocar outros estilos. Nessa época, o *Punk Rock*¹ já fazia parte do novo cenário sonoro no Brasil e era caracterizado pelo “faça você mesmo”, em inglês “*Do it yourself*” (*D.I.Y.*). Dieb observa que:

“*Do-it-yourself*” era um dos lemas do movimento *Punk*, faça você mesmo. Isso significava buscar novas formas de gravar suas músicas e divulgá-las, sem depender das grandes gravadoras e seus sistemas padronizantes. (DIEB, 2013, p. 4)

Com essa intensa motivação que as novas bandas demonstravam, o “faça você mesmo” (*D.I.Y.*) ganhava adeptos como uma nova inspiração para os jovens que almejavam tocar um instrumento. Gallo observa que:

1 *Punk Rock* – “O som é muito simples, e muito rápido. Basicamente percussivo, com vocal violento. Contra a complicação do “*rock progressivo*” que se fazia na época, o *punk rock* é o uso imediato do instrumento. Produzir intensidade e lançar um desafio – essa a contundência do *punk* – e fazer isso com o mínimo. O *punk* surgiu então num momento em que a extrema complexidade de elaboração e execução fazia do *rock* uma obra de muitos anos de trabalho (as etapas de progresso e maturação) e muito dinheiro para comprar os mais sofisticados equipamentos. E enquanto as estrelas do *rock* privavam com os reis (é quando o *rock* perde toda sua força de contestação, sua estranheza) [...]” (CAIFA, 1989, p.9)

[...] o *Do It Yourself* vai além do impulso de resgate da autonomia de fazer coisas e escolhas por si próprio, isto é, representa algo mais profundo, uma independência conquistada em virtude de não se dever nada a ninguém. (GALLO, 2010, p. 309)

A partir do movimento *punk rock* e em virtude de se tratar de um tipo de música sem grandes complexidades de execução, muitos aprendizes de guitarra motivaram-se a aprender a tocar esse instrumento para que pudessem montar suas próprias bandas. Dessa maneira, o autoaprendizado foi se instalando como uma possibilidade para aprender a tocar a guitarra elétrica voltada para o gênero *rock* e suas ramificações.

Na minha iniciação de guitarra, fui absorvendo gostos diversificados por conta do meu ambiente familiar. Meus pais, que também gostavam muito de *rock*, educaram-me a escutar vários estilos musicais. Por conta desses estímulos, minha maior motivação de autoaprendiz era: se eu gostasse de uma determinada música eu precisava aprendê-la.

Com essa motivação central, a busca para aprender era incansável e qualquer informação que pudesse contribuir para essa finalidade tinha uma importância fundamental.

Naqueles tempos, as pessoas se referiam aos guitarristas, que não tinham aulas, utilizando dois termos muito comuns para este tipo de aprendizado que eram “aprender de ouvido” e “autodidata”. Atualmente, muitas pessoas ainda utilizam essas palavras para classificar esses tipos de aprendizes. Mas existe um número razoável de expressões para definir o autoaprendizado, de acordo com Marcos Kroning Correa:

As expressões utilizadas na literatura para tentar definir e classificar aqueles que estudam por conta própria têm variado de acordo com a área de estudo, o contexto e a faixa etária, não havendo um consenso sobre os conceitos envolvidos. Há várias expressões que são utilizadas para definir as formas de aprendizagem de indivíduos que escolhem o que querem aprender, sem formalizarem aulas, e que para isso dedicam parte do seu tempo livre, ou seja, indivíduos que estabelecem o campo, a área em que intentam aprender. Muitas dessas expressões se confundem: autodidaxia, autodidata, autoaprendizagem ou aprender sozinho. Enfim, há uma série de

conceitos que tentam explicar os processos de aprendizagem relativos à autoformação. (CORRÊA, 2000, p.15).

Minha trajetória como autoaprendiz foi permeada por meu desejo e curiosidade por uma orientação musical orientação musical. Encontrei alguns poucos professores de guitarra, que dentro das suas possibilidades deram-me ferramentas para que eu pudesse avançar de uma forma mais eficiente. Comecei transitar entre o autoaprendizado e os períodos de orientação. Esses períodos de orientações não foram longos, mas eram intensos. Era nítido que, após esses períodos, minha visão sobre como aprender sempre era aperfeiçoada ou modificada, mas me mantinha no autoaprendizado. Ao longo dos anos, observei que muitos dos meus amigos guitarristas tinham características de autoaprendizado semelhantes as minhas, incluindo a busca por uma orientação musical.

Há décadas, lecionando o instrumento guitarra, notei que muitos dos guitarristas que me procuravam vinham do processo de autoaprendizado buscando uma orientação musical. E mais uma vez, eu percebia que esses também possuíam características que eram semelhantes a minha trajetória. Os anos se passaram e apesar das tecnologias evoluírem imensamente, da crescente produção dos materiais didáticos para guitarra e, sobretudo, com a chegada da internet alguns jovens autoaprendizes sentem limitações no avanço das suas habilidades, visto que demandam por profissionais para obter orientação musical. Para ilustrar essa afirmação, apresento uma curiosidade: no segundo semestre do ano de 2014, ao navegar pelas páginas do *Facebook* - quando comecei a considerar a utilização desta plataforma como parte da metodologia da pesquisa – deparei-me com uma postagem, oportuna e inusitada, de um guitarrista relatando sua condição de autodidata e seu desejo de um dia ter um professor de guitarra. (figura 1).

Figura 1 – Postagem de um jovem guitarrista no Facebook.



Fonte: Tela capturada pelo autor

Saliento que, no meu aprendizado, em um dado momento precisei organizar meus saberes e adquirir novos conteúdos, e assim senti que era o momento de buscar uma orientação profissional com um professor de guitarra. Portanto, acredito que essa necessidade por uma orientação musical seja uma realidade que necessita de mais investigações, visto que notei, a partir da revisão bibliográfica, a carência de estudos nesse assunto, incluindo um arcabouço teórico que fundamentasse a compreensão dessa temática.

Considerando todos esses aspectos que foram apresentados, emergiu a necessidade de desenvolver esta pesquisa sobre o autoaprendizado de guitarra e a busca pela orientação musical profissional que neste caso se refere ao/a professor/a de guitarra e/ou de música, presencial ou à distância.

A partir do meu contato com a produção acadêmica, surpreendi-me com a quantidade de trabalhos voltados para o autoaprendizado, os quais desvelam que

esse aprender ocorre nas relações interpessoais (familiares, amizades, por exemplo) e por meio de diversos dispositivos (audiovisuais, digitais, por exemplo) e em situações individuais e coletivas. Evidencia-se, nesse processo de autoaprendizagem, o forte impulso dos aprendizes em buscar por eles mesmos o conhecimento (CORRÊA,2000).

Na revisão bibliográfica, observei uma valorização desses processos, porém pouca sinalização e nenhuma investigação acerca da motivação que alguns autoaprendizes manifestam por uma orientação musical. Sendo assim, esta pesquisa focaliza essa motivação e busca responder a questão: por que alguns jovens autoaprendizes desejam uma orientação musical? Assim, o objetivo principal da investigação é conhecer as motivações e as necessidades dos jovens pela orientação na formação musical. Seus objetivos específicos almejam compreender as possibilidades e as limitações da autoaprendizagem em música e coletar dados entre jovens autoaprendizes para verificar o que os motiva a buscar uma orientação musical. O termo “orientação” será utilizado ao longo da pesquisa em conformidade às circunstâncias que professores e educadores musicais deparam-se na contemporaneidade. Como observa Pierre Levy:

[...] a principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizadas dos percursos de aprendizagem, etc.(LÉVY, 1999, p.157).

A escolha pelo termo orientação deve-se ao meu entendimento de que é apropriado, tendo em vista que a figura do professor vem se transformando ao longo das décadas e principalmente pelas várias formas de aprendizagem existentes na atualidade. Apesar de o termo orientação estar tradicionalmente ligado ao professor que ensina presencialmente, é importante observar que o autoaprendiz também pode orientar-se a partir de uma informação existente em forma de texto ou através de algum vídeo explicativo. A internet tornou-se um ambiente de pesquisa de

informações para os autoaprendizes que procuram algum tipo de orientação que não venha diretamente de um professor. Discutirei mais adiante como a figura do professor está fortemente ligada à orientação da informação que é disponibilizada amplamente através da internet.

Esta pesquisa pretende colaborar para a compreensão dos processos que envolvem a construção dos saberes musicais, exemplificada pelos casos de jovens autoaprendizes de guitarra e pontuar a legitimação das práticas de aprendizagem informais em música, em especial no segmento da música popular. Diante desse cenário, esta pesquisa tem a finalidade de gerar referências e possíveis ferramentas para aprimorar as metodologias de professores e educadores musicais.

A dissertação está estruturada, além da introdução e conclusão, em três capítulos. O primeiro capítulo diz respeito à revisão bibliográfica, ao campo acadêmico e à fundamentação teórica. A revisão compõe-se de produção acadêmica voltada para a guitarra elétrica e suas formas de aprendizado e sobre a aprendizagem em música. Indico, a seguir, o campo acadêmico de inserção da pesquisa: a educação musical e a pedagogia da música popular. E por fim, apresento o conceito de aprendizagem autodirecionada (*Self-Directed Learning*) e o modelo tridimensional *SDL* que adaptei para o contexto de aprendizagem musical.

O segundo capítulo trata dos procedimentos metodológicos, no qual exponho o desenho metodológico da pesquisa. Apresento as características do estudo de caso múltiplo, o processo do convite dos jovens para a participação na pesquisa, os programas que utilizei para a realização das entrevistas, observações, registros e transcrições.

O terceiro capítulo contempla a análise, a interpretação dos dados e os resultados. Início pelas biografias dos nove jovens participantes e avanço com vários de seus relatos abordando o início dos seus contatos com a música, a descoberta da guitarra e o despertar pela orientação musical. Além disso, discorro sobre os casos que, durante os períodos de orientação, apresentaram grande alternância e simultaneidade entre o autoaprendizado e a orientação musical. Outro aspecto que também compõe este capítulo diz respeito à utilização da internet como aquisição de conhecimento e sobre o papel do orientador neste processo. Por fim, apresento a

síntese dos resultados, as possíveis tarefas dos orientadores musicais e implicações para a educação musical.

Cap. 1. SITUANDO O OBJETO DE ESTUDO

Neste capítulo, apresento primeiramente os resultados da revisão bibliográfica e, apesar de não encontrar produções acadêmicas diretamente relacionadas às motivações dos jovens autoaprendizes em guitarra por uma orientação musical, localizei apontamentos breves a este respeito os quais serão expostos adiante.

Início com um breve histórico da guitarra, uma vez que aspectos da prática deste instrumento vinculam-se a processos de autoaprendizagem. Na sequência, abordo os estudos de metodologia de ensino da guitarra, aprendizagem informal em música e pesquisas desenvolvidas no campo da educação musical que se dedicaram a compreender a autoaprendizagem em música. Finalmente, apresento o referencial teórico desta pesquisa.

1.1 Uma breve história da guitarra elétrica

A guitarra elétrica foi criada a partir da necessidade da inclusão do violão acústico nas orquestras de *Jazz* americanas, as famosas *Big Bands*. Por conta do alto volume dos instrumentos dessas orquestras, a ideia de amplificar o violão começa a partir de meados da década de vinte, quando *hobbyistas* experimentaram usar microfones colocados próximos a ponte (Rastilho) do violão.

Ralph Denyer conta que as primeiras experiências para a criação profissional da guitarra elétrica iniciaram-se ainda na década de 1920:

Acredita-se que a história do violão elétrico tenha começado com uma pessoa chamada *Lloyd Lear*. Entre 1920 e 1924, quando trabalhava para a empresa de violões *Gibson*, Lloyd experimentou diversos protótipos de captadores, projetados para amplificar o som do violão. No entanto, quando deixou a *Gibson* para fundar sua própria companhia, a *ViVi-tone*, a ideia desapareceu, para só ser retomada na década seguinte. Foi então que a empresa *Rowe-DeArmond* começou a fabricar e comercializar os primeiros captadores magnéticos, adaptados a boca do violão. Foi a *Gibson* que, em 1935, deu mais um passo adiante, introduzindo o modelo ES-150 (*Electric Spanish*). Era um violão de tampa abaulado, com bocas em f, e dotado de um captador de grandes dimensões. (DENYER, 1982, p. 41).

Conforme Ralph Denyer relata, em 1935, a *Gibson* – então renomada fabricante de violões dos Estados Unidos - lança a primeira guitarra elétrica acústica com o modelo ES-150. A primeira gravação desse novo instrumento é creditada a Eddie Durham, mas Charlie Christian será o seu maior protagonista no segmento jazzístico. O Blues também se rende ao novo invento, entretanto, apenas no final da década de 50 é que a guitarra elétrica ganha seu verdadeiro *status* com o surgimento do *Rock And Roll*, onde o seu maior protagonista é Chuck Berry usando uma *Gibson* Semiacústica ES-335. Assim, a guitarra torna-se uma revolução para a música popular.

Nessa mesma época, a empresa *Fender* lança a primeira guitarra de corpo sólido, o modelo *Telecaster*. Nesse momento, a guitarra elétrica sai do conceito de um instrumento semiacústico, por ainda possuir uma caixa de ressonância, passando a ser construído com o corpo totalmente sólido. Denyer (1982) conceitua esse instrumento como a verdadeira guitarra elétrica.

O sentido da guitarra evoluiu e “não demoraria muito para que a guitarra elétrica, que já passara por uma evolução estrutural e agora desfrutava dos recursos tecnológicos da eletrônica” (MEDEIROS, 2002, p.27) A partir dessa transformação tecnológica, a guitarra avança para outro patamar de sentidos e de práticas, produzindo novos sons, gerando novas abordagens musicais, possibilitando aos jovens outras motivações para prática musical. Obviamente, incentivados pelo gênero *Rock and Roll*, a guitarra torna-se um símbolo social de rebeldia para uma geração.

As décadas de sessenta e setenta produziram vários ícones no mercado fonográfico como *The Beatles*, *Jimmy Hendrix*, *Eric Clapton*, *Pink Floyd* (*David Gilmour*), *Led Zeppelin* (*Jimmy Page*), *The Who*, *Beach Boys*, *Jeff Beck*, *Black Sabbath*, *Bob Dylan* e tantos outros. Todos esses artistas e bandas utilizaram a guitarra como sua ferramenta composicional e de personalização sonora, e em suas biografias é relatado que esses artistas foram autoaprendizes, prática recorrente no contexto da música popular, conforme estudos têm constatado (GREEN, 2001).

Hoje, há centenas de marcas e diversas tecnologias disponíveis para que os novos amantes da guitarra tenham oportunidade de aprender a tocar esse

instrumento que após décadas da sua invenção, ainda instiga as novas gerações. Em meados da década de 50, a produção de música popular brasileira já havia incorporado a guitarra elétrica de corpo sólido e a nova era da produção musical começa a ser desenvolvida, onde anos mais tarde, a música pop² passaria a ser produzida com mais enfoque.

1.2 Autoaprendizagem na guitarra elétrica

No início da década de 1980, os recursos de reprodução sonoro-musical como rádio - gravador *K7* (fita magnética), toca-discos e televisão eram essenciais nos processos de autoaprendizado. Naqueles tempos havia dois tipos de gravadores de vídeo, o *Betamax* e o *VHS* (vídeo cassete)³, porém este último só entraria no mercado brasileiro por volta da metade da década de 1980 e tornou-se o gravador de vídeo mais utilizado por milhares de brasileiros. É relevante pontuar que revistas especializadas em cifração de músicas já eram uma realidade, mas a maioria delas era destinada as canções da MPB. Havia poucas revistas que continham músicas cifradas dos clássicos do *rock* internacional.

Nas últimas décadas, houve uma grande produção de métodos para o aprendizado da guitarra⁴ e uma enorme quantidade de revistas especializadas⁵. Atualmente, essa produção de material de apoio avançou em várias formas digitais. Além disso, houve um considerável avanço dos recursos tecnológicos para o

2 Música Pop entendido como um gênero musical que está inserido na categoria “música popular”.

3 *Betamax* era um formato de gravação em fita caseiro de 12.7 mm idealizado e fabricado pela Sony em meados de 1975. O Video Home System (VHS), ou "Sistema Doméstico de Vídeo", (em português) é um padrão comercial para consumidores de gravação analógica em fitas de videotape criado pela empresa JVC. Em 1980 e 1990, com o VHS no pico de sua popularidade, se consolidou como o maior e mais predominante formato de vídeos caseiros de seu período.

4 Alguns métodos existentes em ordem cronológica de lançamento, Don Mock - *Artful Arpeggios* (1977); *Toque – Curso Completo de Violão e Guitarra* - Ralph Denyer (1982); *Dicionário de Acordes Cifrados* – Almir Chediak (1984); *Apostila – Livro Guitarra “Fusion”* – Mozart Mello (década de 1990); *The Brazilian Guitar Book* – Nelson Faria (1994); *Acordes, Arpejos e Escalas* - Nelson Faria (1999); *Guitar Fretboard Workbook – A Complete system for understanding the fretboard* – Barret Tagliarino (2003); *Exercícios de Leitura para Guitarristas e Violonistas* – Nelson Faria (2014);

5 No Brasil temos a *Guitar Player Brasil*, *Total Guitar Brasil*, *Guitarload* e as extintas *Tok pra quem Toka*, *Cover Guitarra* e *Guitar Class*, que tiveram grande veiculação entre as décadas de 1990 e 2000. No âmbito internacional *Young Guitar* (Japão), *Guitar Player* (USA), *Total Guitar* (UK) e *Guitar World* (USA)

aprendizado de guitarra que incluem os computadores pessoais e programas especializados, aplicativos para smartphones e o acesso à internet. Apesar de uma análise desses materiais ser interessante como tema de pesquisa, não me concentrarei nesse aspecto.

O aprendiz de guitarra desenvolve, em sua maioria, habilidades a partir do autoaprendizado, procedimento que é valorizado entre guitarristas, pois o ato de aprender “sozinho” é visto como um grande mérito. Garcia nos mostra em sua pesquisa sobre esta condição peculiar:

Aparentemente, dizer “eu aprendi sozinho” faz com que o guitarrista tenha méritos entre a comunidade instrumental. Ser autodidata e ainda “vencer” (tocar bem) confere ao indivíduo um *status cult* sobre a prática. Relaciono isso ao fato histórico de tantos guitarristas famosos e consagrados pelas mídias em diferentes períodos terem se denominado autodidatas [...].

Na verdade, no início, considero que todos os guitarristas eram autodidatas no instrumento, pois, com a magnetização elétrica dos violões e, depois, com a troca por corpos construídos de madeira sólida e não mais ocos, os violonistas apenas trocaram de instrumento, adaptando-se à nova tecnologia. (GARCIA, 2011, p. 58)

Os autoaprendizes de guitarra desenvolvem intensos afetos por seus ídolos da guitarra e alimentam um grande desejo de seguirem uma carreira tal qual as bandas de *rock* famosas, conforme ressalta Garcia:

[...] os gostos e valores dos estudantes de guitarra estão voltados ao estilo/gênero musical *rock* devido à especial posição dos guitarristas como *bandleaders* de famosos grupos musicais ou virtuosos a partir dos anos 1960 e do auxílio das mídias de massa na divulgação desse modelo musical personificado. (GARCIA, 2011, p. 61)

A guitarra elétrica está presente em muitos gêneros e estilos na música popular. Sua utilização decorre de suas características de praticidade, portabilidade e, sobretudo, tecnológicas e seus protagonistas desenvolvem técnicas próprias e singulares. Essa extrema diversidade de execução confere um caráter de

complexidade para estudos metodológicos da guitarra. Gomes considera este aspecto como um grande desafio e pondera que:

A guitarra elétrica se faz presente em quase todos os estilos da música popular, o que pode tornar bastante complexa uma pesquisa sobre metodologia e linguagem de guitarra [...] A comunidade musical construída em torno da guitarra, seu repertório, sua prática, meio social e estilos encontra-se em contínua transformação, tornando a institucionalização do ensino da guitarra um desafio e uma esperança para o campo educacional superior. (GOMES, 2005, p.18 e 23)

A seguir, volto-me para a produção acadêmica nacional a respeito de processos de aprendizagem da guitarra elétrica.

No Brasil, observa-se que, a partir do início da década de 2000, começam a aparecer pesquisas voltadas para esse instrumento, como em Medeiros (2002), Gomes (2005), Visconti (2005), Miranda Neto (2005), Castro (2010) e Garcia (2011).

Nota-se que não só existe pouca produção acadêmica a respeito das metodologias sobre o ensino da guitarra, como em Rodrigues (2005), Gomes (2005) e Mateiro (2007), mas também pouca atenção sobre os processos de aprendizagem dos aprendizes de guitarra. Algumas propostas metodológicas para a guitarra elétrica foram produzidas, mas ainda existem lacunas importantes sobre este tema. Miranda Neto colabora para que a guitarra elétrica ganhe espaço na academia a respeito das metodologias, ao observar que:

[...] o universo musical da guitarra elétrica é um campo de estudo em formação nos círculos acadêmicos, tanto no exterior quanto no Brasil. Com toda essa variedade de estilos de construção musical quase nada foi pesquisado ou sistematizado seja na área da musicologia, seja na área da formação do instrumentista. O estilo musical de nossos guitarristas quanto à forma de construção melódica, interpretação e improvisação é uma lacuna a ser preenchida na formação de nossos músicos e instrumentistas. São poucas as publicações formais capazes de contemplar e indicar as diferenças da linguagem da guitarra elétrica no Brasil, aspecto que leva muitos músicos a desenvolverem apostilas informais de ensino, geralmente baseadas em materiais musicais estrangeiros. (MIRANDA NETO, 2005, p.1074)

1.3. Autoaprendizagem em música

A pesquisa sobre o autoaprendizado de música ganhou grande atenção, desde o início do século XXI no campo da Educação Musical. A partir da década de 2000, foi encontrada uma significativa produção científica brasileira voltada para o autoaprendizado musical e como a juventude se relaciona com a música.

Alguns autores como Corrêa (2000), Green (2001), Gohn (2002), Rodrigues (2005), Wille (2005), Recôva (2006), Lacorte; Galvão (2007), Marques (2008) e Garcia (2010) desenvolveram pesquisas sobre o autoaprendizado musical fazendo com que este tema tivesse maior visibilidade no ambiente acadêmico.

Esses estudos demonstraram como os músicos populares e jovens entusiastas desenvolvem procedimentos de autoaprendizagem interessantes e eficientes para que seus objetivos musicais sejam alcançados. Também revelaram, como Gohn (2002), que os aprendizes se comprometem com o objetivo de tocar um instrumento e passam a vivenciar um intenso processo de aprendizado. “O aprendiz que opta por um programa de autoaprendizagem tem que enfrentar vários desafios: adquirir um material, organizá-lo e traçar um plano de estudos, isto é, terá que desenvolver uma pedagogia para sua aprendizagem”. (GOHN, 2002, p.22) A partir dessa escolha, é traçada uma vivência pedagógica individual, pois não há um orientador para coordenar a aprendizagem. Assim, observa-se que “há uma história que antecede a expressão musical de cada músico, cada expressão revela os valores, o modo de ouvir e de tocar vivenciado no seu contexto e na sua ambiência musical”. (NASCIMENTO, 2012, p.2)

Em sua maioria, os estudos focados nos processos do autoaprendizado em música compreendem quem são os autoaprendizes, por que decidiram aprender sozinhos, quais são suas motivações, em quais ambientes sociais esses processos acontecem e como acontecem. O “autoaprendizado” em música é entendido nesta pesquisa quando o aprendiz desenvolve o saber sem a orientação de um professor. Daniel Gohn (2002, p.20) enfatiza que:

[...] O indivíduo que decide aprender música sozinho tem total interesse na matéria e relaciona o estudo com as informações

presentes em seu cotidiano. Ele procura elementos na sua vida diária que acrescentem e contribuam com o processo, estabelece para si as condições para desenvolver seu potencial – objetivando independência, criatividade e autoconfiança – e combina sentimentos e inteligência para obter resultados.

Para compreender o que levou esses aprendizes a optarem pelo autoaprendizado do violão, Marcos Kroning Corrêa, em sua pesquisa, realizou entrevistas semiestruturadas com cinco adolescentes moradores em Porto Alegre (RS). A partir dessa investigação, foi possível identificar quais são esses processos e suas motivações, Corrêa explica que:

Essa pesquisa investiga a relação entre adolescentes e o aprendizado do violão. Mais especificamente, descreve e analisa a prática de jovens que tocam e estudam regularmente o instrumento, mas que não frequentam aulas de música. Procurando compreender os processos auto-organizados de aprendizagem que aí ocorrem, o estudo considera as motivações que levam adolescentes a buscar suas formas de aprender. (CORRÊA, 2000, p.1)

Suas questões centrais foram “Por que tantos jovens buscam o instrumento sem a orientação de um professor? De que forma iniciam os seus estudos de violão? O que aprendem? Quais os caminhos percorridos? (CORRÊA,2000, p.1). Esse trabalho demonstrou como esses adolescentes desenvolveram suas práticas musicais sem professor, no entanto as relações interpessoais mostraram-se fundamentais nos momentos de maior dificuldade. Correa nos diz que:

Na auto-aprendizagem do violão, o desejo e a intenção de aprender, aliados à iniciativa do contato inicial com o instrumento, através de uma ação efetiva, exercem um papel fundamental. Nessa fase, é importante a reprodução do que se ouve e vê, bem como a experimentação “a sós” com o instrumento, necessitando horas a fio com o violão. As dúvidas e os acertos são uma constante. A tomada de decisões, as escolhas sobre o que tocará acarretam a responsabilidade pelo fazer ou não. Por outro lado, surgem os problemas decorrentes dessa liberdade, advindos da falta de uma orientação segura. Os erros, as inseguranças, a aflição ou mesmo irritação por querer fazer algo e não conseguir tornam-se relativos quando compartilhados com os amigos. (CORRÊA, 2000, p.141)

Por outro lado, Corrêa observa que os autoaprendizes podem desenvolver problemas por um excesso de liberdade de aprendizado. Entretanto, uma orientação de baixa qualidade também pode ser muito mais danosa no que diz respeito à construção de saberes musicais. Além desse aspecto, outros fatores, como a falta de um bom alinhamento entre professor e aluno pode gerar um grande problema de satisfação entre as duas partes.

Algumas vezes o estágio final que o aluno atinge pode estar longe dos objetivos educacionais do professor. Esse estágio final pode inclusive se constituir na ojeriza do aluno pelo assunto estudado. Situações como essas podem ocorrer quando professor e aluno parecem não estabelecer uma linguagem em comum (GARCIA apud RAMOS, 2011, p.7).

Perante esse contexto, acredito que não haja uma segurança garantida para o autoaprendizado e nem para o aprendizado orientado. Em ambos, os processos de aprendizado existem algumas questões que devem ser consideradas, como, quais as circunstâncias que o autoaprendiz está vivenciando que podem impactar nas suas motivações de aprendizagem? Quais são os seus objetivos? Quais são suas referências musicais? Quais são os recursos tecnológicos que este aprendiz tem a seu dispor?

O autoaprendiz capacita-se a partir das suas próprias vivências, realizando explorações de tentativas e erros, mas estes meios podem ou não levar o autoaprendiz a alcançar seus objetivos, como observa Daniel Gohn:

Os processos de autoaprendizagem podem ter resultados diversos, em que nem sempre o aprendiz desenvolve a capacidade de produzir novos conceitos e ideias. (GOHN, 2002, p.6)

Com exceção de casos extremos, como o prodígio musical, muitas vezes a dificuldade em encontrar caminhos se apresenta como um obstáculo nos processos de autoaprendizagem. (GOHN, 2002, p.111)

Tanto Corrêa quanto Gohn observaram, em seus resultados, que o autoaprendizado traz uma grande carga de responsabilidade para o aprendiz e é

possível que esse processo possa levá-lo a escolhas para o avanço nas suas habilidades. A primeira é a busca de soluções que se dá socialmente, em outras palavras, o aprendiz procura os amigos que possuem uma vivência musical relativamente maior para sanar suas dúvidas e dificuldades. Configura-se, então, uma rede de autoaprendizado, onde os saberes adquiridos são compartilhados com autoaprendizes veteranos (GREEN, 2008).

Na atualidade, graças à grande evolução tecnológica dos dispositivos de comunicação (celulares, *smartphones*, *tablets* e os *notebooks*), essa dinâmica de compartilhamento de saberes é ampliada significativamente. Deve-se evidenciar, nesse novo cenário, que é possível navegar pela internet com velocidades maiores, possibilitando assistir aos vídeos que, em outro momento, eram produzidos no formato de *DVD*. Agora, é possível assistir várias horas de material didático com alta qualidade, e neste caso refiro-me ao site mais famoso de armazenamento de vídeos, o *Youtube*.

A partir dessa nova realidade tecnológica, foram ampliadas as vias para a aprendizagem de música e conseqüentemente possíveis soluções das dificuldades que podem surgir na trajetória do autoaprendizado. Daniel Gohn aborda as relações do autoaprendizado e as tecnologias:

À medida que os equipamentos eletrônicos se tornam economicamente viáveis eles também se integram na realidade prática dos aprendizes, e sua aplicação em processos de autoaprendizagem se torna progressivamente mais acessível e simples. (GOHN, 2002, p.45)

Apesar de todos esses caminhos viabilizarem o autoaprendizado, suprimindo as necessidades dos aprendizes, observo, na minha experiência como professor/educador, ao longo de trinta anos lecionando guitarra, (atendi e ainda atendo), um número considerável de aprendizes que desenvolveram alguma necessidade gerada no autoaprendizado, ou seja, perceberam que não conseguiriam avançar na aquisição de saberes com essa autonomia do aprender.

Os processos de autoaprendizagem ainda inspiram pesquisadores a investigar como esses músicos são despertados para aprender e expressar música.

No livro *How Popular Musicians Learn*, Lucy Green faz uma observação sobre a importância da continuidade de pesquisa sobre o tema, ponderando que:

Mais pesquisas são necessárias para investigar com precisão as práticas de aprendizagem de músicos em diferentes áreas da música popular. A pesquisa, neste livro, destina-se a fornecer apenas um estudo, concentrando-se na música popular e rock baseado em guitarras, que é de interesse em si mesmo, e que também pode ser usado para fins de comparação com outras áreas da música popular⁶. (GREEN, 2001, p.10, tradução nossa)

1.4 Campo acadêmico da pesquisa

O campo acadêmico sobre o qual o objeto de estudo desta pesquisa se assenta e dialoga é o da Educação Musical na sua perspectiva sociocultural. Pontualmente, o diálogo acadêmico-científico ocorre no que tange à prática de aprendizagem informal em música e à pedagogia da música popular.

A aprendizagem informal de música é uma prática que muitos aprendizes adotam espontaneamente, pois a motivação é gerada a partir do ambiente social e por gostos musicais pessoais. Em vista desse processo, é possível afirmar que a educação musical informal faz parte do cotidiano na contemporaneidade e é amplamente adotada em consequência das facilidades que as novas tecnologias oferecem atualmente. Lucy Green argumenta que:

[...] Paralelamente ou em vez da educação musical formal, há sempre, em todas as sociedades, outras maneiras de transmitir e adquirir habilidades e conhecimentos musicais. Estas maneiras envolvem o que vou me referir como "práticas de aprendizagens informais em música", que compartilham poucas ou nenhuma das características do conceito de educação musical formal sugeridas anteriormente. Em vez disso, dentro dessas tradições, jovens músicos, em grande parte ensinam a si próprios ou adquirem habilidades e conhecimentos, geralmente com a ajuda ou incentivo de sua família e colegas, observando e imitando os músicos em

6 Further research is needed to look into the precise learning practices of musicians in different areas of popular music. The research in this book is intended to provide simply one study, focusing on guitar-based popular and rock music, which is hopefully of interest in itself, and which can also be used for comparative purposes with other areas of popular music.

torno deles e fazendo referência a gravações ou performances e outros eventos ao vivo que envolvem a sua música escolhida⁷. (GREEN, 2001, p.5, tradução nossa).

Para reforçar o conceito de aprendizado informal, ou mais precisamente a prática de aprendizagem informal em música, podemos acrescentar sobre os processos de aprendizado dos músicos de *Jazz* nos Estados Unidos. E é importante observar que, de certa forma, as gravações foram os primeiros manuais para o ensino do *Jazz*, considerando que:

[...] na década de 1920 já existiam alguns professores particulares que ensinavam técnicas instrumentais avançadas, leitura e escrita de música para artistas do *Jazz*. Mas, as performances ao vivo e as gravações mais antigas, independentemente da sua qualidade de som, em particular, foram as responsáveis pela propagação da mensagem do *Jazz* de um lado a outro da América, possibilitando aos músicos estudantes escutar, tentar imitar e aprender a música improvisada⁸. (SÚBER apud BAKER, 1989, p.iii, tradução nossa).

É importante considerar que tivemos uma significativa evolução nas tecnologias para a reprodução de música. Estas tecnologias propiciaram um grande avanço na qualidade sonora fazendo com que esta prática, “tirar música de ouvido”, não seja semelhante aos processos vivenciados na década de 1920, pois naquela época havia poucas gravações e com qualidade inferior. Os programas de manipulação de áudio, como é o caso do software *Sound Forge*⁹, possuem uma ferramenta que possibilita a diminuição do andamento da música sem que afinação

7 Alongside or instead of formal music education there are always, in every society, other ways of passing on and acquiring musical skills and knowledge. These involve what I will refer to as ‘informal music learning practices’, which share few or none of the defining features of formal music education suggested earlier. Rather, within these traditions, young musicians largely teach themselves or ‘pick up’ skills and knowledge, usually with the help or encouragement of their family and peers, by watching and imitating musicians around them and by making reference to recordings or performances and other live events involving their chosen music.

8 In the 1920’s, private legit teachers taught advanced instrumental techniques and how to read and write music to jazz artists. But live performances and, regardless of their sound quality, early recordings in particular that spread the message across America, enabling students musicians to hear - and study and attempt - to emulate improvised music. SÚBER, Charles. introdução do livro *Jazz Pedagogy*. BAKER, David. USA, Maher Publications: 1989 p. iii.

9 *Sound Forge* – É um *software* para manipulação de áudio digital oferecido pela empresa *Sony*, destinado para profissionais e semiprofissionais da engenharia de áudio e músicos de vários segmentos.

seja alterada. Contudo, aprender música a partir da escuta de fonogramas continua sendo amplamente utilizada como um recurso dentro da autoaprendizagem de música. Esses processos de aprendizagem informal continuam ativos, porém adaptados para os dias atuais. Mas, em vários casos os aprendizes de música popular transitam entre o aprendizado formal e informal. Muitos músicos que aprenderam em grande parte por meios informais têm experimentado relações com a educação musical formal. (GREEN, 2001, p.7).

Esse trânsito entre informal e formal foi observado nos jovens participantes de pesquisa e ajudou a compreender a motivação por uma orientação musical, como será descrito no capítulo 3.

A pedagogia da música popular (LEBLER, 2008) ou educação da música popular (GREEN; LEBLER; TILL, 2015) é um subcampo de pesquisas recentemente reconhecido quer no âmbito da Educação Musical quer no dos Estudos da Música Popular. Lucy Green; Lebler e Till (2015) que assinam o editorial do número especial da revista da *IASPM – International Society for Study of Popular Music* - acerca do assunto, destacam que somente no *Congresso da ISME – International Society for Music Education* de 2016 uma seção específica sobre pedagogia da música popular está prevista.

Esse próprio número especial da revista da *IASPM* indica o interesse recente dos Estudos da Música Popular pelo tema. Entretanto, discussões e investigações acerca de aprender e ensinar música popular datam do final da década de 1960, como informa Lucy Green:

O *Jazz* começou a sua entrada na educação formal da música na década de 1960, primeiro nos EUA. Até o final do século, ele ocupava uma posição importante em vários países, especialmente nos níveis de ensino superior, foi apoiado por exames de instrumento do iniciante ao avançado, e tinha gerado seus próprios textos pedagógicos e literatura de pesquisa. Primeiramente, a música popular ganhou o apoio de educadores durante o final dos anos 1960. O subsequente desenvolvimento de novos materiais curriculares e estratégias de ensino colocaram-na firmemente no

currículo de muitos países durante a década de 1980, e logo depois chegou ao ensino superior¹⁰. (GREEN, 2001, p.5 – tradução nossa).

A partir dessas constatações, vemos que o *Jazz* foi o primeiro grande passo para que a música popular pudesse avançar na sua aceitação nas instituições de ensino e posteriormente ela ganha mais atenção até chegar ao ensino superior, e conseqüentemente, impulsiona o desenvolvimento de pesquisas, pedagogias e metodologias. Apesar dessa conquista, os processos pedagógicos seguiram os modelos da pedagogia musical referida como tradicional, que está vinculada à tradição europeia da música de concerto. E ainda temos essa questão que não está plenamente resolvida. Lucy Green já havia constatado esse problema quando investigou os processos de aprendizado dos músicos populares:

No geral, há motivos para sugerir - sempre com o reconhecimento da necessidade de mais pesquisas - que as abordagens em sala de aula dos professores estão mais próximas da pedagogia convencional associada à música clássica ocidental do que da grande variedade de músicas no currículo [...] ¹¹. (GREEN, 2001, p.183, tradução nossa).

Para complementar essa visão crítica, Don Lebler corrobora com esse pensamento sobre a pedagogia da música popular:

[...] A inclusão da música popular como uma área de conteúdo no ensino da música não é incomum. [...] No entanto, quando isso ocorre, é provável que seja ensinado mais ou menos da mesma forma que outras áreas de conteúdo mais estabelecidos, como a música clássica ocidental ou *jazz*, com os professores controlando o processo, o programa de estudos, o *feedback* e a avaliação. No entanto, a música popular é geralmente aprendida na comunidade como uma atividade autodirecionada, incluindo interações com

10 Jazz began its entrance into formal music education in the 1960s, first in the USA. By the end of the century it occupied a major position in several countries, especially at higher education levels, was supported by dedicated instrumental grade exams from beginner to advanced standard, and had spawned its own pedagogic texts and research literature. Popular music first gained support from educators during the late 1960s. The subsequent development of new curricula materials and teaching strategies put it firmly in the curriculum of many countries during the 1980s, and soon afterwards it entered further, then higher education.

11 Overall, there are grounds for suggesting – always with the recognition of the need for further research – that teachers' classroom approaches are closer to the conventional pedagogy associated with Western classical music than the wide variety of musics in the curriculum [...]

colegas e atividades em grupo, mas raramente, sob a direção de um tutor especialista/mestre¹². (LEBLER, 2008, p.193, tradução nossa)

É muito comum que os aprendizes de música popular desenvolvam algum tipo de desafio por alguns cursos oferecidos pelas instituições de ensino por conta de pedagogias que estão aquém das suas práticas vindas do aprendizado informal. Chris Phipott aponta que:

[...] a música tem sido relatada como o assunto mais impopular no currículo escolar e ainda, paradoxalmente, o mais importante para os alunos fora da escola. A história da educação musical, ao longo do século XX e primeiros anos do século XXI, mapeou várias tentativas de 'curar' esta alienação. (PHILPOTT, 2013, p.2)

Esta breve incursão na produção acadêmica da aprendizagem informal de música e nas discussões recentes acerca da pedagogia da música popular esclarece que o objeto de estudo desta pesquisa sobre jovens guitarristas autoaprendizes e suas motivações por uma orientação musical dialoga com essa produção e espera colaborar com a mesma. Para avançar nesse intento, recorro a um referencial teórico que está descrito na próxima seção.

1.5 Aprendizagem Autodirecionada (*SDL – Self-Directed Learning*)

A partir de reflexões sobre a temática desta pesquisa, oriundas da revisão bibliográfica, do mapeamento de categorias levantadas das transcrições das entrevistas (Apêndice 5) e da análise parcial dos dados, identifiquei que as maneiras pelas quais os jovens guitarristas percorreram seus caminhos de autoaprendizagem sempre estavam regadas de grande autonomia, autogerenciamento, autoavaliação e motivação.

12 The inclusion of popular music as a content area in music education is not uncommon. However, when this occurs, it is likely to be taught in more or less the same way as other more established content areas like western classical music or jazz, with teachers being in control of the process and the curriculum, the feedback and the assessment. However, popular music is usually learned in the broader community as a self-directed activity, sometimes including interactions with peers and group activities, but rarely under the direction of an expert mentor/teacher.

Essa identificação e a busca por atualizar o conceito de autoaprendizagem conduziram-me ao conceito de aprendizado autodirecionado estudado na literatura de língua inglesa. O termo em inglês é *Self-directed learning* e aparece sintetizado pela sigla *SDL*. A opção pela tradução para o português como aprendizagem autodirecionada está baseada em como o conceito está indexado na base Scielo¹³. Primeiramente, fiz uma pesquisa para checar se já existia uma tradução para o termo em inglês *Self-Directed Learning* e encontrei na base Scielo “aprendizagem autodirecionada¹⁴”.

Porém, mais recentemente, deparei-me com uma segunda tradução na referida base: “aprendizagem autodirigida” (STEBBINS, 2015). Depois de algumas leituras, percebi que os dois termos são utilizados como sinônimos, mas optei pelo termo aprendizagem autodirecionada por entender que ele denota com mais ênfase um sentido de ação, já que os jovens autoaprendizes de guitarra participantes da pesquisa se motivam a tocar, ou seja, eles almejam um objetivo e direcionam seus esforços para alcançá-lo. Nesta dissertação utilizo ora o termo “aprendizagem autodirecionada” ora a sigla *SDL*.

A seguir, farei um breve histórico sobre a construção desse conceito na literatura norte-americana. Após, abordarei a presença do termo “aprendizagem autodirecionada” e a sigla *SDL* na literatura da Educação Musical. Finalizo este capítulo apresentando um modelo de aprendizagem autodirecionada adaptado do modelo tridimensional proposto por Song e Hill (2007).

1.5.1 História do Conceito

O educador estadunidense Malcolm Knowles é considerado um dos principais articuladores do *Self-Directed Learning*, mas cabe aqui explicar que este conceito foi

13 SciELO, a Scientific Electronic Library Online - é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. www.scielo.br

14 BENSON, Phil and HUANG, Jing. Autonomia na transição da aprendizagem de língua estrangeira para o ensino de língua estrangeira. DELTA [online]. 2008, vol.24, n.spe, pp.421-439. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-44502008000300003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 5 fev.2016.

iniciado a partir do seu trabalho de investigação sobre o aprendizado de adultos. Em 1968, Knowles publica o livro *Andragogy, not pedagogy. Adult Leadership* apresentando uma nova reflexão a respeito do conceito de andragogia¹⁵ e suas características. Alvez e Vogt apontam que “a teoria andragógica está baseada em premissas que indicam distinções, do ponto de vista da aplicabilidade do conhecimento e do método de ensinar, entre o ensino voltado para alunos adultos e o ensino de crianças.” (ALVES; VOGT, 2005, p.8).

Em 1975 Knowles publica o livro *Self-Directed Learning: A Guide for Learners and Teachers* onde conceitua o *SDL* como um processo em que:

Os indivíduos tomam iniciativa, com ou sem ajuda de outros, no diagnóstico de suas necessidades de aprendizagem, formulando objetivos, identificando os recursos e materiais necessários, escolhendo e implementando as estratégias adequadas, assim como avaliando os resultados da aprendizagem¹⁶. (KNOWLES, 1975, p. 18).

A partir da criação deste conceito de aprendizagem autodirecionada a educação de adultos ganha um novo formato de aprendizagem que tem como ênfase a valorização da autonomia do aprendiz, considerando sua experiência de vida e suas necessidades. Geri Manning (2004) em seu artigo *Self-Directed Learning: A Key Component of Adult Learning Theory* faz uma análise sobre Knowles apontando três razões importantes a respeito do conceito da aprendizagem autodirecionada (*SDL*):

1. Os indivíduos que tomam a iniciativa na aprendizagem aprendem mais coisas e aprendem melhor do que as pessoas que se sentam aos pés de professores, possivelmente, à espera de ser ensinado.

15 A saber, o termo andragogia não foi criado Knowles, mas foi “[...] formulado originalmente por Alexander Kapp, professor alemão, em 1833; caiu em desuso e reapareceu em 1921, no relatório de Rosenstok, sinalizando que a educação de adulto requer professores, métodos e filosofia diferenciados.” (ALVES; VOGT, 2005, p. 5).

16 Individuals take the initiative, with or without the help of others, in diagnosing their learning needs, formulating learning goals, identifying human and material resources for learning, choosing and implementing appropriate learning strategies, and evaluating learning outcomes. (KNOWLES, 1975, p. 18)

2. Aprendizagem autodirecionada está mais em sintonia com os nossos processos naturais de desenvolvimento psicológico.

3. Muito dos novos desenvolvimentos na educação colocam maior responsabilidade sobre os alunos para que recebam uma boa dose de iniciativa na sua própria aprendizagem.¹⁷(Manning, 2007, p.107)

O conceito de *SDL*, por algum tempo, ficou apenas relacionado ao aprendizado formal como estratégia docente. Mas ao longo das décadas foi identificado como característico da aprendizagem informal. Em artigo recente, Stebbins, baseado em Roberson, cita a aplicação do *SDL* em situações informais de aprendizagem:

Roberson (2005) observa as diferenças fundamentais entre a educação de adultos e a aprendizagem autodirigida [...] Baseando-se em uma conceituação anterior de Lambdin (1997), diz que “[...] a aprendizagem autodirigida é aprendizagem intencional e autoplanejada em que o indivíduo está claramente no controle do processo” (Roberson, 2005, p. 205). Esta aprendizagem pode ser formal (aqui seria sinônimo de educação de adultos), porém, mais frequentemente, é informal. Uma condição importante é o agenciamento, o aprendiz controla o começo, a direção e o término da experiência de aprendizagem. (STEBBINS, 2015, p.11).

1.5.2 SDL e a Educação Musical

Enquanto os conceitos de autoaprendizado ou aprendizado informal em música são recorrentes na literatura da área da Educação Musical, o termo aprendizagem autodirecionada tem pouca presença na área. Entretanto, estudos recentes o têm utilizado (GREEN, 2001; 2008; LEBLER, 2008; PHILPPOT, 2013, NARITA, 2014), mas apenas como sinônimo de autoaprendizagem ou aprendizado informal.

17 1. Individuals who take the initiative in learning, learn more things and learn better, than do people who sit at the feet of teachers possibly waiting to be taught. 2. Self-directed learning is more in tune with our natural processes of psychological development. 3. Many of the new developments in education... put a heavy responsibility on the learners to take a good deal of initiative in their own learning.

Lucy Green, em seu livro *Informal Learning and the School: A New Classroom Pedagogy* (2008), utiliza a expressão aprendizagem autodirecionada, porém sem uma conceitualização e/ou definição mais detalhada. A autora emprega o termo como um sinônimo de autoaprendizagem no campo do aprendizado informal de música e esclarece que:

[...] a aprendizagem informal ocorre só ou juntamente com amigos, através da aprendizagem autodirecionada, da aprendizagem direcionada por pares e aprendizagem em grupo. Isso envolve a aquisição consciente e inconsciente e trocas de habilidades e conhecimentos por meio da escuta, observação, imitação e conversa. Ao contrário da relação professor- aluno na educação formal, aqui há pouca ou nenhuma supervisão e orientação de um adulto¹⁸. (GREEN, 2008, p.32)

Don Lebler (2008) recorre ao conceito de aprendizagem autodirecionada em pesquisa que apresenta a incorporação dessa modalidade de aprendizado recorrente nos processos informais de aprendizagem de música popular em um contexto de curso superior de música na Austrália. Na sua abordagem, a aprendizagem autodirecionada aparece como um dos aspectos que caracterizam o aprendizado informal de música popular: “é normal para o aprendiz ser autônomo, autodirecionando e autoavaliando seu processo de aprendizagem e intrinsecamente motivado¹⁹” (2008, p.194).

Flávia Narita emprega o termo aprendizagem autodirecionada também significando aprendizagem informal na sua pesquisa relativa a um curso de licenciatura em música à distância no Brasil. Fundamentada em Lucy Green e referenciada em Philpott no emprego do termo, em Narita (2014, p. 55) expõe: “O que mais me atraiu ao modelo de aprendizagem informal de música de Green foram suas possibilidades de aprendizagem autodirecionada²⁰” (PHILPOTT, 2013).

18 [...], informal learning takes place alone as well as alongside friends, through self-directed learning, peer-directed learning and group learning. This involves the conscious and unconscious acquisition and exchange of skills and knowledge by listening, watching, imitating and talking. Unlike the pupil-teacher relationship in formal education, there is little or no adult supervision and guidance.

19 [...] it is normal for learning to be autonomous, selfdirected, self-assessed and intrinsically motivated.

20 “What had mostly attracted me to Green’s informal music learning model were its possibilities of self-directed learning (Philpott, 2012)”.

Mas é o educador musical britânico Chris Philpott quem deliberadamente vale-se da sigla *SDL* presente na literatura norte-americana, embora sem fazer qualquer referência àqueles estudos. O texto em questão “explora o papel da avaliação da aprendizagem autodirecionada (*SDL*) de estudantes²¹” (PHILPOTT, 2013, p. 1).

Exemplos de propostas e práticas de educação musical britânica que recorreram à aprendizagem autodirecionada, de acordo com Philpott, são a de Lucy Green (2008), que fornece um modelo à educação musical escolar baseada em como se aprende música informalmente no âmbito da música popular, e o projeto *Musical Futures*, que na sua origem em 2003 “buscou novas e imaginativas maneiras de engajar jovens em atividades musicais significativas e sustentáveis²²”

Philpott (2013, p. 2) considera que a pesquisa de Green é “pioneira e seminal sobre *SDL*” e que “uma exemplificação clássica de *SDL* pode ser tirada²³” tanto do projeto *Musical Futures* quanto da investigação de Lucy Green (2008), nos quais aprendizagem autodirecionada é denominada “informal”. Philpott pontua que:

O modelo de aprendizagem e pedagogia autodirigida (às vezes chamada informal) idealizado pelos pesquisadores de *Musical Futures*, baseou-se em cinco princípios (ver Green, 2008, p. 9-10): os alunos trabalham com música escolhida por eles mesmos, música que gostam e se identificam; os alunos trabalham principalmente através da escuta e de cópia; alunos trabalham com colegas em grupos escolhidos por eles mesmos; habilidades e conhecimento são adquiridos de forma aleatória com pedaços inteiros de peça 'real' de música; ouvir, executar e compor estão integrados ao longo do processo de aprendizagem²⁴. (PHILPOTT, 2013, p. 3)

21 “[...] explores the role of assessment in the self-directed learning (SDL) of pupils [...]”

22 “[...] to find new and imaginative ways of engaging young people in meaningful and sustainable music activities. www.musicalfutures.org

23 “[...] the classic exemplification of SDL will be taken from [...]”

24 The model of self-directed (sometimes called informal) learning and pedagogy devised by the *Musical Futures* research team was based on five principles (see Green, 2008, p. 9-10): pupils work with music chosen by themselves that they enjoy and identify with; pupils work in the main aurally through listening and copying; pupils work with peers in groups chosen by themselves; skills and knowledge are gained in a haphazard fashion with whole ‘real’ pieces at the core; listening, performing, and composing are integrated throughout the learning process.

A compreensão dos processos de autoaprendizagem ou de aprendizagem informal vividos pelos jovens participantes da pesquisa alinha-se com essa “exemplificação clássica de *SDL*”. Entretanto, objetivando avançar com o entendimento desses processos e focalizando o que leva esses autoaprendizes na guitarra a buscarem uma orientação musical, foi que passei a considerar que esses avanços poderiam estar em um modelo de *SDL* que passarei a descrever a seguir.

1.5.3 O modelo tridimensional da Aprendizagem Autodirecionada (*SDL*)

Conforme exposto, a partir da análise das entrevistas com os jovens, percebi que o conceito de *SDL* possibilitava detalhar a compreensão dos processos de autoaprendizado dos jovens guitarristas, incluindo a motivação por buscar uma orientação musical. Desse modo, foi necessária uma investigação mais aprofundada sobre este conceito e o modelo tridimensional proposto por Song e Hill (2007) acerca da aprendizagem autodirecionada.

De acordo com Song e Hill (2007), a conceituação da aprendizagem autodirecionada mantinha-se principalmente composta por duas dimensões segundo os autores que revisaram (Candy 1991²⁵, Brockett e Hiemstra 1991²⁶, e Garrison 1997²⁷). São elas: os atributos pessoais (*personal attribute*) e os processos de aprendizagem autônoma (*autonomous learning process*).

Song e Hill (2007, p. 27) defendem que “o nível [maior ou menor] de autodirecionamento (*self-direction*) pode mudar em diferentes contextos” e que, por isso, é preciso considerar “o impacto de contextos específicos de aprendizagem [...] no autodirecionamento” (p. 30).

25 CANDY, P. C. *Self-direction for lifelong learning: A comprehensive guide to theory and practice*. San Francisco: Jossey-Bass, 1991.

26 BROCKETT, R. G., & HIEMSTRA, R. *Self-direction in adult learning: Perspectives on theory, research, and practice*. New York: Routledge, 1991.

27 GARRISON, D. R. Self-directed learning: Toward a comprehensive model. *Adult Education Quarterly*, 48(1), 18-33. 1997.

No estudo sobre aprendizagem autodirecionada realizada por esses dois autores o contexto era o da aprendizagem online. Exercitando pensar esse modelo no âmbito da minha pesquisa, após levantamento dos dados e pré-análise dos mesmos, verifiquei a possibilidade de adaptação para o contexto de aprendizagem musical a qual se mostrou promissora. Assim, a adaptação que segue está toda baseada nos dados coletados.

Para a compreensão dessa adaptação, é necessário o entendimento do que comporta as três dimensões e como Song e Hill representam o modelo conceitual que propuseram.

A figura 2 traz as três dimensões e a representação do modelo conceitual. A primeira e a segunda dimensões compõem a aprendizagem autodirecionada (*SDL*) e a terceira dimensão diz respeito ao contexto de aprendizagem:

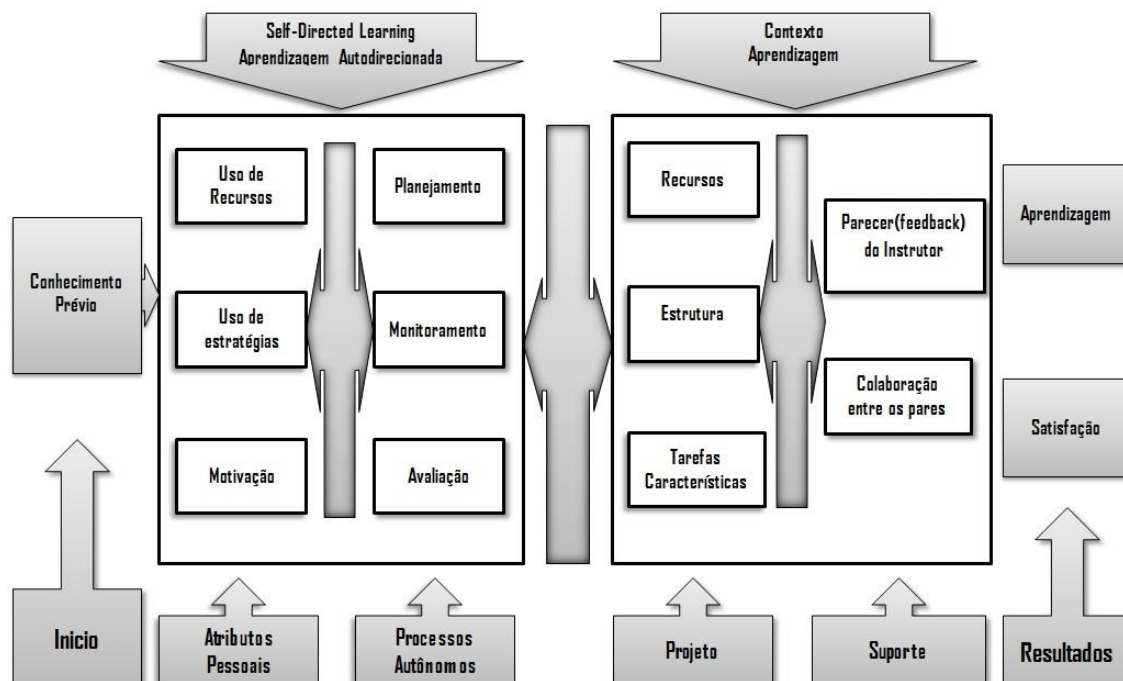
1ª Dimensão: os atributos pessoais “referem-se às motivações e capacidades dos aprendizes para assumirem responsabilmente sua própria aprendizagem” (SONG; HILL, 2007, p. 32). Compõem-se de três aspectos – motivação, uso de estratégias e uso de recursos;

2ª Dimensão: os processos de aprendizagem autônoma dos aprendizes que se compõem de três aspectos – avaliação, monitoramento e planejamento;

3ª Dimensão: o contexto de aprendizagem que “focaliza fatores ambientais e como esses fatores impactam no nível do autodirecionamento do aprendiz” (SONG; HILL, 2007, p. 32). Esta dimensão é dividida em duas seções: 1) as características do contexto definidas por suas tarefas próprias, estrutura e recursos; 2) o suporte que é composto pela colaboração entre os pares e o parecer do instrutor.

Song e Hill enfatizam que essas três dimensões estão integradas e buscam indicar isso (flechas entre as dimensões) na representação que fizeram do modelo tridimensional conforme será observado na figura 2.

Figura 2 - Um modelo conceitual para compreender a aprendizagem autodirecionada – Song; Hill.



Fonte: SONG;HILL (2007, p.11 – Tradução minha)²⁸

Esses autores consideram importante a interação que ocorre entre os atributos pessoais e os processos de aprendizagem autônoma porque “proporciona informação relacionada a como os aprendizes são diferentes em termos de níveis de autodirecionamento [...] e a como os aprendizes têm o controle dos processos de aprendizagem [...]” (SONG; HILL, 2007, p. 32). Os autores esclarecem que:

Para os aprendizes terem controle do planejamento, monitoramento e avaliação dos processos de aprendizagem, eles dependem do uso de estratégias e recursos e de sua habilidade para motivar-se a envolver-se em processos de aprendizagem²⁹. (SONG; HILL, 2007, p. 32-33).

A terceira dimensão “impacta não apenas na maneira que os aprendizes planejam, monitoram e avaliam seus processos de aprendizagem, mas ela tem o

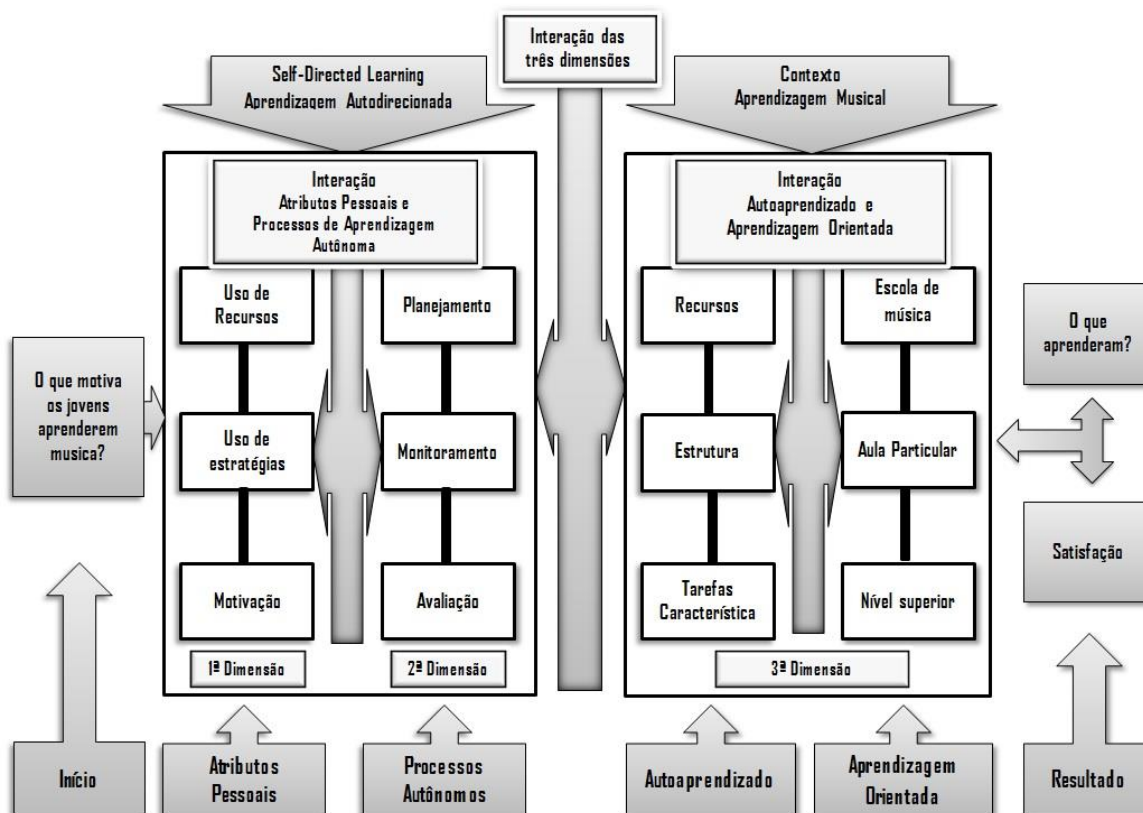
²⁸ A figura original encontra-se no apêndice 1.

²⁹ For learners to take control of the planning, monitoring, and evaluating learning processes, they rely on their use of strategies and resources, and their ability to motivate themselves to involve in the learning processes.

potencial de influenciar como o aprendiz torna-se motivado a aprender. E como ele ou ela usa vários recursos e estratégias para realizar a aprendizagem em um contexto específico”.³⁰ (SONG; HILL, 2007, p. 33)

A figura 3 traz o modelo conceitual de *SDL* adaptado por mim para o contexto da aprendizagem musical.

Figura 3 – Modelo tridimensional *SDL* adaptado para o contexto de aprendizagem musical



Fonte: Elaboração do autor

A estrutura do modelo adaptado se compõe da seguinte forma: o *início motivador*, onde a pergunta “o que motiva os jovens a aprenderem música”, impulsiona o processo de aprendizagem autodirecionada. A *SDL* se compõe da interação entre duas dimensões, os *atributos pessoais* e os *processos autônomos*

30 [...] not only impacts the way learners plan, monitor, and evaluate their learning (process), but it has the potential to influence how a learner becomes motivated to learn, and how he or she uses various resources and strategies to accomplish learning in the specific learning context.

mantidos como no modelo original e a terceira dimensão que, nessa adaptação, é o *contexto de aprendizagem* musical. Nesta terceira dimensão, existe outra interação interna que é composta pelo *autoaprendizado* e a *aprendizagem orientada*.

Em seguida, temos o resultado que será visto aqui como continuidade no aprendizado musical, sendo que é possível que o aprendiz siga uma nova trajetória. Ele é composto basicamente pelo *resultado*, *grau de satisfação* e a análise sobre o *que foi aprendido*. Este modelo não segue uma sequência pré-determinada, ou seja, não é um processo linear. Essas dimensões acontecem de maneira integrada, simultânea e em ordens diversas que vão se inter-relacionando. São processos individuais determinados de acordo com o perfil de cada aprendiz de música.

O modelo de *SDL* ajustado por mim com base no que Song e Hill propuseram possibilita, a meu ver, compreender com mais detalhes as experiências de aprendizado informal em música, o desejo por uma orientação musical e as experiências de aprendizado musical com orientação.

É com base nele que estruturo a organização da descrição e interpretação dos dados no capítulo 3. Antes dele, porém, apresento os procedimentos metodológicos seguidos na pesquisa.

Cap. 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A abordagem desta investigação é qualitativa. De acordo com Mirian Goldenberg (1997, p.14):

[...] na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc.

E acrescenta que:

Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa em pesquisa se opõem ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, baseado no modelo de estudo das ciências da natureza. Estes pesquisadores se recusam a legitimar seus conhecimentos por processos quantificáveis que venham a se transformar em leis e explicações gerais. Afirmam que as ciências sociais têm sua especificidade, que pressupõe uma metodologia própria. (GOLDENBERG, 1997, p. 16)

O jovem autoaprendiz desenvolve uma construção de saberes a partir de seus interesses, criando uma forma de aprender personalizada ou idiossincrática, nas palavras de Lucy Green (2008, p.10). Portanto, a abordagem qualitativa é a mais adequada para esta pesquisa, considerando que esta forma de aprendizado se desenvolve a partir das suas referências socioculturais, resultando em vivências singulares.

Nesta investigação, o método do estudo de caso mostrou-se adequado considerando que:

De um estudo de caso espera-se que abarque a complexidade de um caso particular. Uma folha específica, até mesmo um único palito, tem uma complexidade única, porém dificilmente nos preocupamos o suficiente para que se converta em objeto de estudo. Estudamos um caso quando existe um interesse especial em si mesmo. Buscamos o detalhe da interação com seus contextos. O estudo de caso é o estudo da particularidade e da complexidade de um caso particular,

para chegar a compreender a sua atividade em circunstâncias importantes³¹. (STAKE, 1999, p.11)

O estudo de caso oferece recursos importantes para investigações no ambiente social, possibilitando, desta maneira, trilhar caminhos para compreender a motivação pela orientação musical apresentada por jovens autoaprendizes de guitarra. É importante pontuar que tanto nas ciências sociais, assim como na área de educação musical, os pesquisadores utilizam esse método com diferentes propósitos, tais como:

a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; b) preservar o caráter unitário do objeto estudado; c) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; d) formular hipóteses ou desenvolver teorias. (GIL, 2007, p.54)

Esta pesquisa, sobretudo, recorre ao estudo de casos múltiplos, pois participam da investigação nove jovens. De acordo com Alda Judith (2006, p. 640-41):

Podemos ter também estudos de casos múltiplos, nos quais vários estudos são conduzidos simultaneamente: vários indivíduos (como, por exemplo, professores alfabetizadores bem-sucedidos), várias instituições (diferentes escolas que estão desenvolvendo um mesmo projeto), por exemplo.

Stake (apud ALVES-MAZZOTTI, 2006) categoriza os estudos de caso em: intrínseco, coletivo e instrumental. O objeto de estudo desta pesquisa se alinha com a categoria instrumental, cujo:

[...] interesse no caso deve-se à crença de que ele poderá facilitar a compreensão de algo mais amplo, uma vez que pode servir para fornecer insights sobre um assunto ou para contestar uma

31 De un estudio de casos se espera que abarque la complejidad de un caso particular. Una hoja determinada, incluso un solo palillo, tienen una complejidad única pero difícilmente nos preocuparán lo suficiente para que los convirtamos en objeto de estudio. Estudiamos un caso cuando tiene un interés muy especial en sí mismo. Buscamos el detalle de la interacción con sus contextos. El estudio de casos es el estudio de la particularidad y de la complejidad de un caso singular, para llegar a comprender su actividad en circunstancias importantes. (STAKE, 1999, p.11)

generalização amplamente aceita, apresentando um caso que nela não se encaixa. (ALVES-MAZZOTTI, 2006, p. 642)

2.1 Desenho Metodológico da Pesquisa

Nesta seção, apresento as ações e os instrumentos metodológicos utilizados na investigação que comportaram: convites on-line feito às/aos jovens guitarristas, questionário on-line como instrumento de seleção dos jovens, criação de um grupo no *Facebook* composto por mim e pelos jovens selecionados para a pesquisa, observações on-line no *Facebook*³² e *Youtube*³³ (postagens dos próprios jovens de suas performances na guitarra) e registro dessas observações e apontamento referentes à investigação em um caderno de pesquisa, comunicações via e-mail e *WhatsApp*³⁴ e entrevistas semiestruturadas on-line síncronas.

2.2 O convite e seleção dos jovens autoaprendizes

De acordo com o Estatuto da Juventude em vigor no Brasil desde 2013, a população jovem compreende pessoas com idades entre 15 e 29 anos, mas para esta pesquisa convidei jovens entre 18 e 29 anos. Tal escolha justificou-se por conta da maioria e conseqüentes facilidades para participarem desta pesquisa. Foi primordial que esses jovens já tivessem uma vivência musical na guitarra iniciada por meio do autoaprendizado.

Com base nos objetivos da pesquisa, elaborei critérios para a seleção dos sujeitos que participariam da pesquisa. Os critérios foram: o início da aprendizagem da guitarra por processos informais, o acesso à internet no seu cotidiano para o autoaprendizado, aos equipamentos adequados para a realização das entrevistas on-line e o interesse em participar da investigação. Já foi mencionado anteriormente

32 *Facebook* é uma rede social que foi criada em meados do ano de 2004 e tornou-se a maior da atualidade.

33 *Youtube* é um *site* que permite que os seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital e é considerado o mais utilizado da atualidade.

34 *Whatsapp Messenger* é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.

que a rede social *Facebook* constituiu-se o principal meio de trabalho onde postei os convites on-line dirigidos em um primeiro momento para jovens do sexo masculino e feminino e no segundo somente às guitarristas.

Esses convites foram feitos com postagens no meu perfil pessoal no *Facebook* e em vários grupos de discussão³⁵ que abordam temas relacionados à guitarra e música (Ver apêndice 1 e 2). Juntamente aos convites foi adicionado um link para que o interessado fosse encaminhado ao questionário seletivo (Apêndice 3) criado no GoogleDocs³⁶. Neste tipo de coleta de dados, temos a utilização da ferramenta assíncrona, onde o interessado tem a opção de responder às questões de acordo com o seu tempo.

O primeiro convite computou cinquenta e um jovens de várias partes do Brasil, que após a seleção com base nos critérios acima, chegou a vinte e um interessados. Esse convite buscou encontrar autoaprendizes de ambos os sexos, porém apenas uma jovem respondeu. Por conta dessa disparidade, resolvi criar um novo convite direcionado exclusivamente para o sexo feminino, utilizando o mesmo questionário do GoogleDocs. Com este novo convite recebi respostas de oito jovens.

Após os questionários serem respondidos, consegui selecionar um total de vinte e nove candidatos, sobre os quais haveria outra seleção para chegar aos dez jovens que participariam deste estudo de caso múltiplo. Para esta nova seleção, analisei com mais detalhes as respostas dos jovens ao questionário segundo os seguintes conteúdos: frases instigantes dos participantes, relatos das suas vivências no autoaprendizado, tempo de aprendizado e publicações de vídeos na internet.

Nesta última etapa seletiva, foi alcançado o número de dez participantes³⁷ sendo cinco jovens do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Entretanto, houve uma desistência de um dos jovens por conta da falta de tempo. Os nove que permaneceram são: Stevie (São Paulo, SP), Jason (Mogi-Guaçu, SP), José (São

35 Aula de guitarra Cifra Club, Músicos e Bandas de São Paulo, Guitarristas/venda e troca de instrumentos, Música FACCAMP grupo Geral, Aulas e Dicas de Guitarra, Canal do Youtube Guitarristas (Divulgação)

36 Formulários Google <https://docs.google.com/forms/>

37 Um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) foi aprovado por comitê de ética e assinado pelos nove jovens cujos nomes neste relatório são fictícios. (Apêndice 6 e Anexo 1)

Paulo, SP), Flávio (Brasília, DF), Michele (São Paulo, SP), Daniele (Arujá, SP), Josina (Cambuí, MG), Ludmilla (Camaçari, BA). Para preservar suas identidades, cada um escolheu um nome fictício.

2.3 A criação do grupo no *Facebook*

A rede social *Facebook* dispõe de uma ferramenta chamada “grupo” que se assemelha aos populares fóruns de discussões espalhados pela internet. No entanto o dispositivo possui ferramentas internas diferenciadas que possibilitam interações e comunicações (popularmente chamados de posts), publicações de fotos, vídeos e enquetes. Sendo assim, não só avaliei que esses dispositivos seriam de expressiva valia para a investigação, mas também criei no *Facebook* um grupo específico composto apenas com os jovens guitarristas selecionados (Figura 4).

Figura 4 – Grupo “Participantes da pesquisa sobre o Autoaprendizado em Guitarra”



Fonte: Elaborada pelo Autor - Tela capturada da página do grupo³⁸ no *Facebook*

38 Disponível em <https://www.facebook.com/groups/pesquisaheraldomestrado/>

Em princípio não foi previsto criar meios de interação entre os participantes, uma vez que a intenção era apenas facilitar a comunicação. Contudo, no desenrolar da pesquisa, muitos não estavam respondendo aos e-mails com rapidez e por esta razão decidi criar este grupo no *Facebook*.

Com essa minha ação, o retorno das respostas se mostraram sensivelmente mais ágeis. A partir desse fato, ficou evidente que a pesquisa qualitativa com estudo de casos múltiplos pode evoluir para caminhos que não poderiam ser previstos, e assim, a pesquisa se mantém em constante ajuste de acordo com as necessidades de seus participantes.

O quadro 1 traz uma síntese das ações e instrumentos de pesquisa.

Quadro 1 - Ações e Instrumentos utilizados na coleta de dados.

Ações e instrumentos	Datas
1º Convite on-line para ambos os gêneros	Em 09-10-2014
Questionários on-line - seleção dos participantes – Total de 51 participantes	Parte 1 em 11-10-2014 Parte 2 em 26-10-2014
Convite on-line direcionado ao gênero feminino e questionário GoogleDocs. Total de 8 candidatas	Postado em 01-11-2014
O critério de avaliação a partir das respostas dos questionários e seleção final dos 29 candidatos	Em 12-11-2014
Seleção dos 10 participantes – 5 masculinos e 5 femininos	Em 03-12-2014
Criação do grupo no <i>Facebook</i> como ferramenta de interação e compartilhamento de informações	Em 10-02-2015
Observação on-line (<i>Facebook</i> e <i>Youtube</i>)	De 10-02-2015 a 13-04-2015
Entrevistas on-line síncronas via Skype Videoconferência Registro das entrevistas	De 23-03-2015 a 11-04-2015

Fonte: Elaboração do autor.

2.4 Coleta de dados Parte 1 – Observação on-line (*Facebook* e *Youtube*)

As observações on-line de vídeos, postados pelos jovens, foram de grande importância para esta pesquisa por me possibilitar apreciá-los na ação musical, no caso, executando seu instrumento. Gil considera que:

A observação constitui elemento fundamental para a pesquisa. Desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa. É, todavia, na fase de coleta de dados que o seu papel se torna mais evidente. A observação é sempre utilizada nessa etapa, conjugada a outras técnicas ou utilizada de forma exclusiva. Por ser utilizada, exclusivamente, para a obtenção de dados em muitas pesquisas, e por estar presente também em outros momentos da pesquisa, a observação chega mesmo a ser considerada como método de investigação. A observação nada mais é que o uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano. (GIL, 2008, p.100)

Atualmente, as redes sociais fazem parte do cotidiano de muitas pessoas, e, sobretudo, da juventude, que utiliza esses meios para suas comunicações diárias. Nesta investigação, todos os jovens possuíam perfis no *Facebook* e, em sua maioria, canais no *Youtube*. Dessa maneira, eles se expressam textualmente sobre suas vidas e procuram se expor com vídeos das suas performances musicais.

No decorrer desse processo, os jovens foram observados com suas postagens de texto e vídeos em três ambientes. O primeiro foi no perfil individual que eles possuíam no *Facebook*, por meio do qual eu teria condições de conhecer mais sobre cada um deles. E a partir dessa observação, eu poderia iniciar uma breve biografia, descrição de perfil e classificação sobre seus gostos e hábitos musicais.

Outro aspecto importante é sobre os vídeos que podem ser postados no perfil pessoal. Em muitos casos, eram vídeos mais intimistas e de curta duração sem a preocupação de uma exposição mais significativa. O segundo foi dentro do grupo de comunicação com os participantes no *Facebook*, quando percebi que poderia observa-los interagindo uns com os outros.

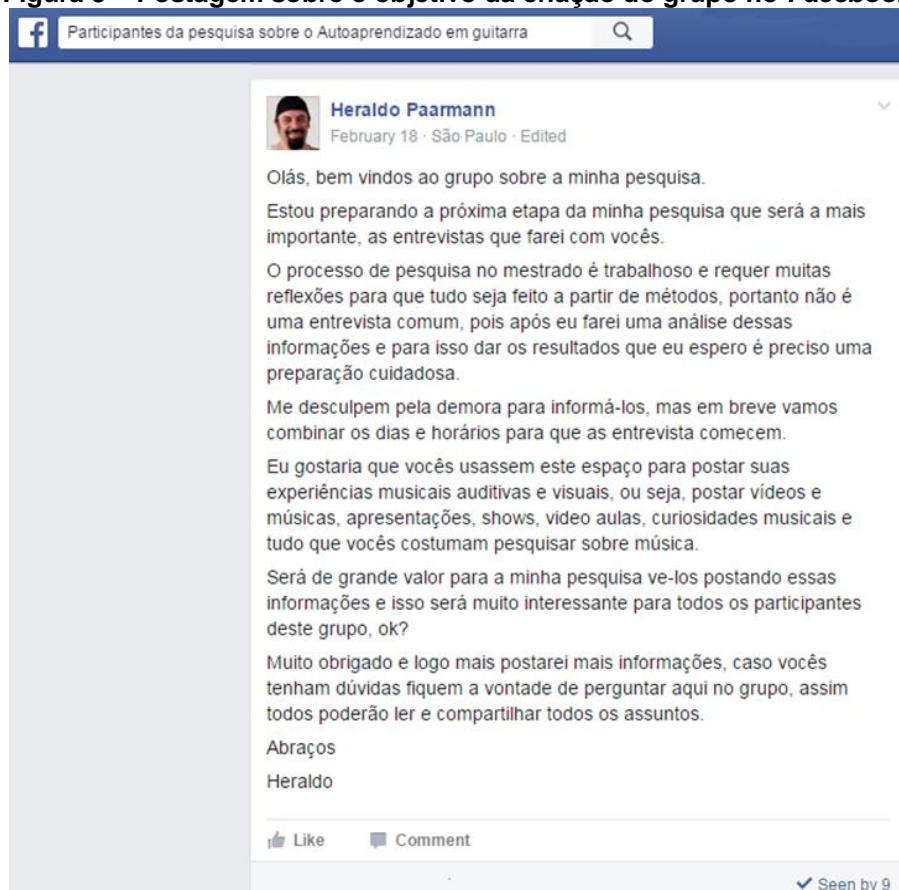
Por um curto espaço de tempo – no período de 18/02 a 11/03 de 2015 - assumi o papel de observador na tentativa de estimulá-los a compartilharem suas produções de vídeos e materiais relacionados com suas aprendizagens ou apenas temas curiosos sobre música e guitarra. Nesse cenário, minhas intervenções eram em forma de postagens para que eles pudessem entender o objetivo desses compartilhamentos.

Apesar de o período ter sido breve os jovens postaram e compartilharam vídeos pessoais, de artistas e algumas curiosidades, mas foi preciso muito estímulo para que essas postagens fossem incorporadas ao cotidiano. Após as entrevistas, os participantes perderam o interesse por essa atividade proposta.

Na Figura 5, apresento a primeira postagem a respeito do objetivo da criação do grupo e, sobretudo, que poderia ser um espaço de compartilhamento das suas experiências musicais. O terceiro ambiente se estabeleceu no site *Youtube*.

Nesta plataforma foram observados os vídeos postados pelos jovens nos canais pessoais e/ou de colegas, escolas de música, bandas, etc.

Figura 5 – Postagem sobre o objetivo da criação do grupo no Facebook.



Fonte: Elaborada pelo Autor - Tela capturada da página do grupo³⁹ no Facebook.

39 Disponível em <https://www.facebook.com/groups/pesquisaheraldomestrado/>

2.5 Coleta de dados Parte 2 – Questionários e Entrevistas

Para o levantamento de dados, recorri às ferramentas síncronas e assíncronas que de acordo com Paiano definem-se como:

Ferramentas síncronas - ferramentas que necessitam que todos os participantes estejam presentes em um mesmo espaço de tempo (comunicação em tempo real). Dentre as ferramentas síncronas mais utilizadas estão a Videoconferência e o Chat, também conhecido como Bate-papo.

Ferramentas assíncronas - ferramentas que se caracterizam pelos interlocutores não terem a necessidade de estarem reunidos no mesmo espaço de tempo para que haja a interação, ou seja, o tempo é flexível. (PAIANO, 2007, p.28)

Como ferramenta síncrona, utilizei entrevistas semiestruturadas individuais por videoconferência por meio do software Skype e para as comunicações assíncronas foram utilizados e-mails, questionários on-line, WhatsApp e bate-papo no *Facebook*. Os jovens já incorporaram em suas relações sociais a utilização desses softwares principalmente por intermédio dos celulares e smartphones. É relevante frisar que esta pesquisa trabalha diretamente com jovens autoaprendizes que utilizam a internet como uma importante ferramenta para seu aprendizado e compartilhamento de suas práticas musicais. A partir dessa condição, a escolha pela entrevista on-line mostrou-se como uma forma eficiente para a coleta de dados. Freitas aponta que:

A internet vem agregando novas tecnologias, com novos recursos, cada vez mais interativos. O pesquisador/analista tem a possibilidade de utilizar recursos que em um processo normal de pesquisa não seria possível, e o respondente, por sua vez, recebe estímulos (visuais, sonoros, etc) que o incentivam a responder, a participar. Pesa a favor do pesquisador também a facilidade com que tudo isto é feito, e a favor do respondente a liberdade de participar quando lhe for mais conveniente. (FREITAS et al., 2004, p.9)

As entrevistas foram realizadas por meio de videoconferência. Esta escolha deve-se ao fato de proporcionar muitas vantagens. Entre elas estão:

- a) Acesso aos jovens de várias regiões do Brasil;
- b) Facilidade para agendamento das entrevistas;
- c) Ausência da necessidade de deslocamento físico para a realização;
- d) Registro através de software de gravação no formato de vídeo;
- e) Possibilidade de conversão do formato de vídeo para o formato em mp3 e
- f) Maior conforto para os entrevistados.

Nos dias atuais, muitas pessoas têm a videoconferência como prática cotidiana e por esta razão pode-se concluir que:

Independentemente dos objetivos da pesquisa, uma condição é indispensável para a realização de entrevistas on-line, a de que entrevistados e entrevistadores estejam intimamente familiarizados com os ambientes nos quais elas serão conduzidas, ou seja, quando para eles esses ambientes forem sentidos como naturais. Isto posto, vejamos quando elas são adequadas, desejáveis e/ou necessárias. As entrevistas on-line são adequadas sempre que essa condição básica for satisfeita e o objetivo da pesquisa permitir seu uso. (NICOLAI; ROMÃO-DIAS; LUCCIO, 2009, p.38-39).

Elaborei um roteiro geral de entrevista para todos os jovens baseado nas respostas ao questionário e nas observações realizadas. Entretanto, outras questões foram inseridas de acordo com o fluir da conversa. (Apêndice 4). Algumas diretrizes foram consideradas para que as questões garantissem uma investigação detalhada:

[...] (a) os roteiros devem ser estruturados em sua concepção, porém aplicados com flexibilidade; (b) os roteiros devem se inspirar em conversas naturais; (c) para que as perguntas sejam automaticamente adaptadas ao contexto das entrevistas, preservando todas as suas características linguísticas e extralinguísticas naturais, os roteiros devem constar apenas de itens que serão expandidos sob a forma de questões durante as próprias entrevistas. (NICOLAI; ROMÃO-DIAS; LUCCIO, 2009, p. 38-39).

As entrevistas ocorreram no período de 23-03-2015 a 11-04-2015 e o uso do *software* Skype (Figura 6) permitiu assistirmos, simultaneamente, aos vídeos postados pelos entrevistados no *Facebook* e *Youtube* durante as próprias

entrevistas. Dessa maneira, o entrevistado teve condições de fazer comentários em tempo real com mais profundidade sobre a sua trajetória de aprendizado.

Figura 6 - Programa Skype sendo utilizado durante a entrevista.

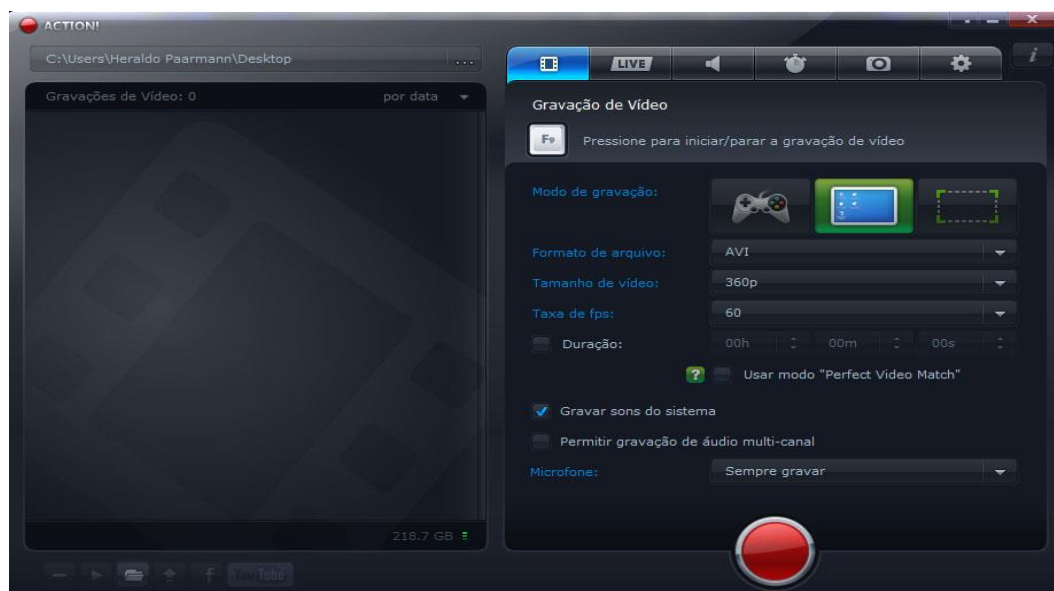


Fonte: Elaborada pelo Autor - Tela capturada do Skype em uso.

Recorri ao programa *Action!*⁴⁰ (figura 7) que registrou no formato de vídeo todas as entrevistas em sua totalidade para que posteriormente fossem transcritas e analisadas.

40 Tive conhecimento deste programa por indicação do meu filho mais velho. *Mirillis* é a empresa criadora do programa. O *Action!* é uma ferramenta de gravação de vídeo que lhe permite capturar qualquer ação no desktop do computador. Com este programa é possível registrar com alta qualidade conversas em vídeo conferência com áudio e imagens, além de capturar fotos (*Print Screen*). Nesta pesquisa foi utilizada a versão 1.16.0.0 de 2013. <https://mirillis.com/en/products/action.html>

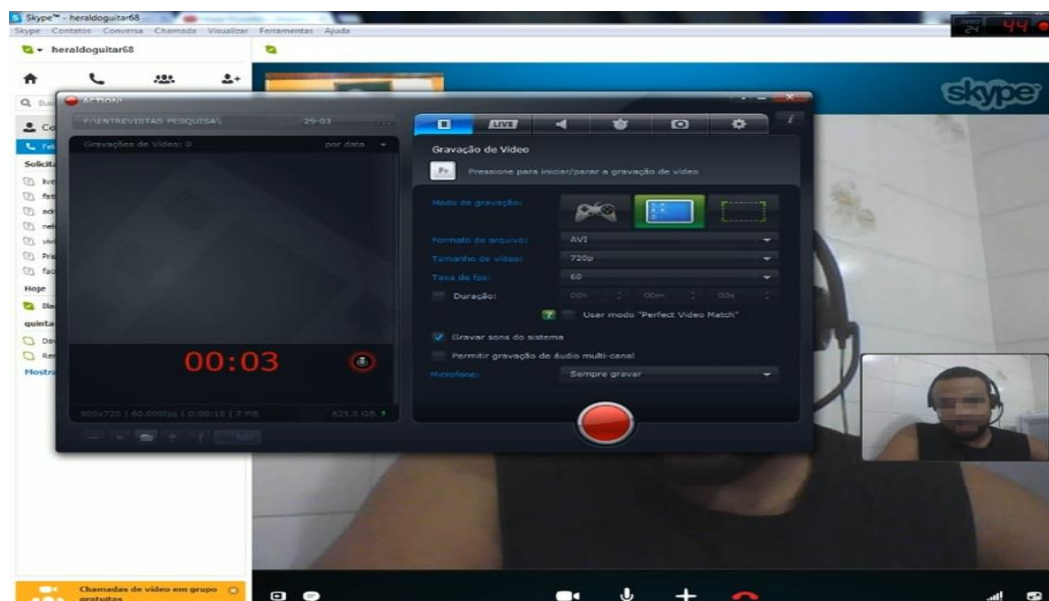
Figura 7 - Programa Action da empresa Mirillis.



Fonte: Elaborada pelo Autor - Tela capturada do Action.

Na figura 8, apresento o programa *Action* em pleno uso na gravação da entrevista *on-line* com o jovem Stevie.

Figura 8 – Programa Action em uso durante a entrevista.



Fonte: Elaborada pelo Autor - Tela capturada do Action.

A seguir, no quadro 2, apresento a lista dos nove entrevistados e detalhes das entrevistas.

Quadro 2 - Entrevistas On-line Síncronas

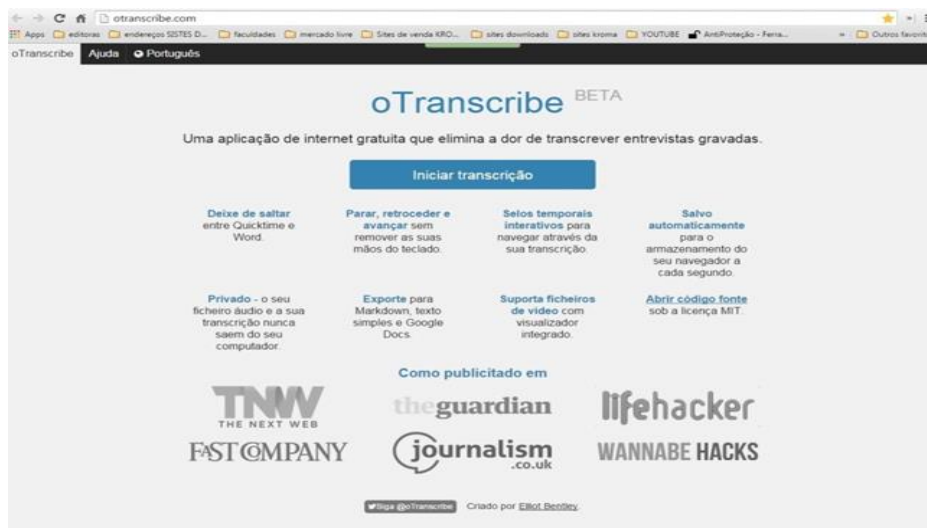
Entrevistas	Entrevistados	Datas	Horários	Duração
1ª Entrevista	Stevie (São Paulo- SP)	29-03-2015	Início 19:14hs até as 20:21hs	66 min
2ª Entrevista	Michele (São Paulo- SP)	29-03-2015	Início 20:45hs até as 21:38hs	52 min
3ª Entrevista	Daniele (Arujá- SP)	31-03-2015	Início 13:46hs até as 14:51hs	65 min
4ª Entrevista	Jason (Mogi-Guaçu- SP)	03-04-2015	Início 01:01hs até as 02:14hs	72 min
5ª Entrevista	Mirella (Louveira- SP)	07-04-2015	Início 14:02hs até as 15:09hs	66 min
6ª Entrevista	Flávio (Brasília- DF)	08-04-2015	Início 11:08hs até as 12:13hs	65 min
7ª Entrevista	José (São Paulo-SP)	08-04-2015	Início 14:14hs até as 15:12hs	58 min
8ª Entrevista	Josina (Cambuí-MG)	08-04-2015	Início 22:36hs até as 23:17hs	51 min
9ª Entrevista	Ludmilla (Camaçari-BA)	11-04-2015	Início 23:50hs até as 00:51hs	61 min

Fonte: Elaboração do autor

2.6 As transcrições

Após muitas tentativas de criar uma forma mais ágil e prática para a realização das transcrições, descobri o programa *on-line oTranscribe*⁴¹ (figura 9).

Figura 9 - Site oTranscribe.



Fonte: Elaborada pelo Autor – Tela Capturada do site *oTranscribe*.

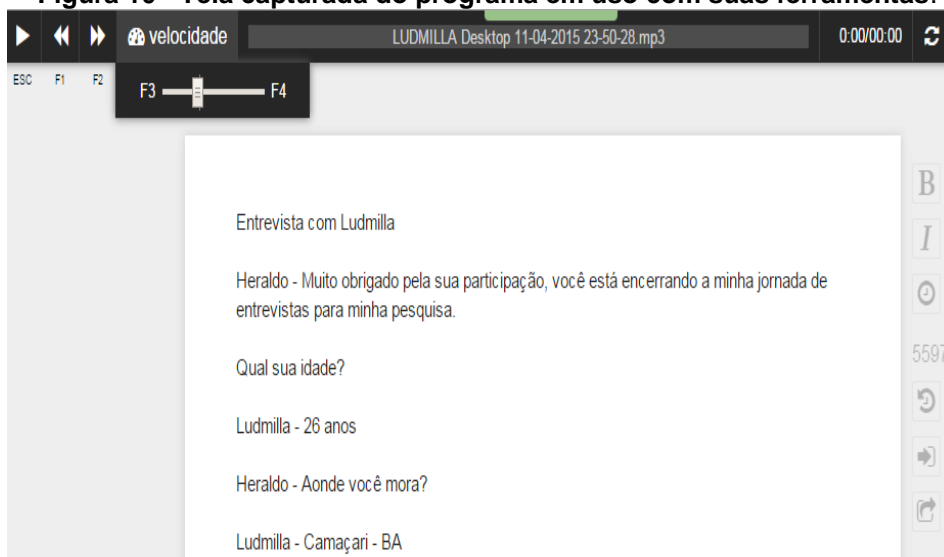
41 <https://www.otranscribe.com>

Este programa oferece inúmeras facilidades para quem necessita realizar transcrições de entrevistas, tais como:

- a) Programa on-line não necessita de instalação;
- b) Site com opções para várias línguas, em especial o português;
- c) Ferramentas para reprodução de vídeo e áudio;
- d) Programa estilo Word;
- e) Ambos os programas são utilizados em uma só tela;
- f) A transcrição é armazenada no site;
- g) Integração com o Google drive e
- h) Exporta em vários formatos de texto.

O destaque fica para as ferramentas de áudio/vídeo. Para a transcrição, optei em converter os vídeos para o formato de mp3. O tocador de mp3 dispõe de recursos de manuseio do áudio que podem ser acessados diretamente no teclado do computador⁴². É importante destacar que essas duas ferramentas são disponibilizadas em uma só tela (figura 10), facilitando e dinamizando a transcrição.

Figura 10 - Tela capturada do programa em uso com suas ferramentas.



Fonte: Elaborada pelo autor – Programa *on-line oTranscribe*.

42 - Tecla de pausa com retorno do áudio de 5 segundos; Teclas de retrocesso e avanço; Tecla para diminuição da velocidade do áudio sem alteração da afinação.

2.7 Vídeos assistidos pelos entrevistados

Quando as entrevistas foram iniciadas, eu tive a ideia de assistir aos vídeos junto com o entrevistado, para que eu pudesse ver suas reações perante esse momento. Na construção do roteiro das entrevistas, cheguei a colocar essa situação como indispensável, mas decidi deixar em aberto. Considerei prudente fazer dessa forma para sentir se o entrevistado iria aceitar essa experiência com tranquilidade, afinal eu não conhecia os entrevistados o suficiente para saber se, assistir aos seus próprios vídeos, poderia ser um momento de desagrado, ao invés de um momento produtivo. Enfim, apenas dois dos entrevistados não passaram por essa experiência, não que eles tenham dito que não o fariam, mas por uma simples questão de que no decorrer da entrevista essa oportunidade não apareceu. Observei que vários jovens tinham vídeos postados, que foram feitos no início do aprendizado de guitarra além dos vídeos mais recentes.

Foi muito interessante assistir a esses vídeos como um exercício de autoavaliação para cada um deles. O mais instigante é que, mesmo estando nesse compartilhamento de tela, o Skype mantém uma pequena janela mantendo a vídeo conferência ativa, e desta maneira eu conseguia ver as expressões faciais, vocais e corporais do entrevistado (figuras 11 e 12). A existência do canal do *Youtube* e a grande evolução tecnológica para gravação de vídeos criou uma prática dos jovens guitarristas, de registro das suas performances. E a partir dessas observações pós-gravação, eles passam a desenvolver a autocrítica.

Figura 11 – Vídeo assistido durante a entrevista do jovem Stevie publicado no *Youtube* em 2013.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 12 - Vídeo assistido durante a entrevista da jovem Josina publicado no *Youtube* 2012.



Fonte: Elaborada pelo autor.

2.8 Categorização dos dados

Na pesquisa qualitativa, a interpretação dos dados é central e ocorre durante o desenvolvimento da pesquisa pela constante avaliação por parte do pesquisador do material coletado (FLICK, 2005). É fundamental para a interpretação dos dados que a categorização seja realizada por meio de um mapeamento temático do material textual produzido na investigação.

No caso desta pesquisa, foi realizada a categorização do questionário e da transcrição das entrevistas. Esta etapa (Apêndice 5) pode ser considerada um divisor de águas na minha pesquisa, pois a partir da releitura e reflexões sobre o material coletado foi possível detectar com mais profundidade o material levantado.

Nessa categorização, baseie-me em duas perspectivas: a primeira compõe-se na pesquisa como um todo a partir do objetivo e das questões de pesquisa, além dos temas que abarcam a investigação, como o autoaprendizado em música e as motivações por orientação musical; a segunda perspectiva surgiu após a leitura das entrevistas. Assim, fui observando similaridades entre os entrevistados e a partir dessas constatações outras categorias foram sendo agregadas.

Após as leituras e anotações, organizei o mapeamento em oito categorias - Incentivo Familiar, Profissionalização, Autoaprendizado, Orientação Sistematizada, Autoanálise – Trajetória de aprendizado, Metodologia, Indicações de *SDL – Self-Direct Learning* e Dificuldades gerais – e suas respectivas subcategorias. Com essas informações, foi possível tanto identificar os processos de aprendizado que cada jovem desenvolveu ao longo da sua trajetória, como também observar que cada indivíduo tem suas próprias formas e ordenações de autoaprendizado.

Sendo assim, a organização das informações existentes nas transcrições constituiu um procedimento decisivo para que as análises fossem mais precisas, possibilitando indicar possíveis respostas para as questões que esta pesquisa se propôs a investigar.

Cap. 3 – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Neste capítulo, exponho a descrição dos dados desta pesquisa. Início com a biografia de cada jovem, visando com isto apresentar, sinteticamente, os parceiros da pesquisa e a diversidade de processos e contextos de aprendizagem que marcam suas trajetórias musicais. Em seguida, descrevo os dados coletados com base no modelo de aprendizagem autodirecionada que foi apresentado no capítulo 1 e representado na figura 3.

A primeira série de relatos está relacionada aos atributos pessoais. Farei, ao longo do texto, observações sobre os processos autônomos, pois estes são uma constante na trajetória dos jovens aprendizes. Finalmente, apresento os momentos em que os jovens manifestam seus interesses pela orientação musical e a seleção de alguns casos que despertaram mais interesse para a pesquisa no que diz respeito ao período de orientação musical.

3.1 – Os jovens parceiros da pesquisa

Todos os jovens participantes contribuíram sensivelmente para que esta pesquisa obtivesse os resultados que serão descritos a seguir. Os nomes fictícios foram escolhidos pelos próprios entrevistados, nomes que têm seu significado pessoal e cuja escolha deu-se em um momento de descontração⁴³.

Biografia – Stevie (SP) – 1º jovem entrevistado

Stevie é paulistano. Tem vinte e seis anos de idade, é guitarrista amador e trabalha com tecnologia da informação. Seu interesse por tocar algum instrumento começou há cerca de dez anos quando ganhou uma flauta doce de seu tio. Pouco

43 Alguns jovens relataram as razões pelas escolhas dos seus nomes fictícios. O jovem que escolheu denominar-se STEVIE o fez por ser fã do guitarrista STEVIE RAY VAUGHAN; a jovem JOSINA quis homenagear a sua mãe já falecida. Outro jovem escolheu José porque ele achou engraçado. Os demais não relaram seus motivos, mas percebi que tinham certo afeto e/ou algum motivo em particular.

tempo depois, ficou vislumbrado quando teve contato com o violão ao ver um amigo vizinho tocando. Desde então seu foco foi transferido para as cordas e daí chegou à guitarra.

Conheço Stevie faz alguns anos. Tivemos o primeiro contato em meados de 2008, quando ele me procurou para ter aulas particulares de guitarra. Depois desse período de aulas, que durou até meados de 2010, encontramos-nos pouco. Dias após a publicação do convite para a pesquisa no *Facebook*, para minha surpresa ele estava na listagem do questionário que acompanhava o convite da pesquisa. Considerei que o distanciamento mencionado seria conveniente para que ele pudesse participar da investigação, e assim eu poderia entrevistá-lo.

Biografia – Michele (SP) – 2ª jovem entrevistada

A paulistana Michele tem vinte e um anos de idade, é guitarrista profissional e professora de guitarra. Começou seu interesse pelo instrumento aos quinze anos tendo como referência seu irmão guitarrista que não quis ensiná-la e nem emprestar-lhe o instrumento. Essa situação acabou motivando-a a aprender sozinha e após algum tempo ela ganha, de seu pai, a sua primeira guitarra.

Michele é uma garota muito focada e disciplinada e em seis anos de atividade como aprendiz construiu uma trajetória de aprendizado intensa, transitando entre o autoaprendizado, aulas particulares e aprendizado formal. Até quando conversamos, Michele estava matriculada no curso de graduação de bacharelado em música oferecido pela FIAM/FAAM (SP) e mantendo aulas particulares com sua professora de guitarra.

Biografia – Daniele (SP) – 3ª jovem entrevistada

Daniele nasceu e reside em município da grande São Paulo, Arujá, mas trabalha na capital. Ela tem vinte e três anos, é guitarrista profissional há dez anos e também leciona o instrumento. Nesta pesquisa, um dos critérios de seleção dos jovens foi que tivessem iniciado na guitarra como autoaprendizes. Daniela foge a

essa exigência, pois seu interesse em aprender violão a levou diretamente a um professor.

Inicialmente, fiquei no dilema de aceitá-la, mas depois de refletir decidi mantê-la na pesquisa. Vi aqui uma oportunidade para tentar entender por que ela não iniciou no autoaprendizado e compreender por que ela aceitou fazer parte da pesquisa. Em princípio, ela relata que em vários momentos possuía certa dificuldade em aprender sozinha, mas com o tempo esse problema foi sendo amenizado.

Ela se mostra muito motivada nos seus estudos, é muito disciplinada e vive intensamente sua vida como musicista profissional. Mais uma vez, deparo-me com uma professora de guitarra.

Biografia – Jason (SP) – 4º jovem entrevistado

Jason tem vinte e três anos, é guitarrista há dez anos e graduado em Licenciatura em música pela UFSCAR (SP). Mora no interior de São Paulo na cidade de Mogi-Guaçu. Iniciou seu interesse pelo violão com seu pai e avô aprendendo músicas regionais e pouco tempo depois passou a frequentar as aulas na igreja onde seu pai lecionava violão para a comunidade. Num dado momento, começa a ter aulas de teclado em uma escola da região por influência de seu irmão.

Nesse período, Jason aprende um pouco de teoria e leitura de partitura. O violão não estava descartado, mas num outro momento ele passa a ter aulas de violão erudito e nesta nova fase ele também descobriu a guitarra.

Paralelamente continuou com as aulas de violão erudito. Tempos depois, encerra as aulas de violão e passa a se dedicar apenas à guitarra, inclusive começa a ter aulas desse instrumento.

Até o momento da entrevista, Jason vem se dedicando à sua profissionalização como instrumentista e professor de música. Hoje, ele tem aulas de guitarra no *IG&T* (Instituto de Guitarra e Tecnologia) na cidade de Campinas (SP).

Biografia – Mirela (SP) – 5ª jovem entrevistada

Mirela reside na cidade de Louveira, interior de São Paulo, e tem vinte e um anos de idade. Ela já se relaciona com violão e guitarra há sete anos, não toca profissionalmente, mas leciona música em uma escola da região onde mora. Começou seu interesse aos dez anos quando via seu avô construir instrumentos de corda que ele inventava e nesses momentos ela tentava tocá-los.

O grande desejo começou quando alguns jovens que tocavam violão se mudaram para a rua onde ela morava. E a partir desse momento, começou a aprender com eles. Ela relata que, nessa época, não tinha nenhum acesso à internet e por esta razão seus únicos recursos eram as revistas físicas com cifras de músicas famosas. Muito motivada e dedicada não se abatia com as dificuldades de aprender sozinha.

Passado algum tempo, Mirela e os novos amigos formam a primeira banda e é nesse momento que a guitarra surge, juntamente com as necessidades de aprender mais. A partir dessa motivação, ela decide procurar um professor de guitarra, mas a experiência não foi como ela esperava e acabou desistindo na terceira aula.

A partir deste momento, as coisas começam a mudar para melhor. Hoje, ela atua como professora de música em uma escola particular e faz faculdade de música no curso de Licenciatura em Música na FACCAMP em Campo Limpo Paulista, SP.

Biografia – Flávio (DF) – 6º jovem entrevistado

Flávio tem vinte e dois anos e reside em Brasília (DF). É estudante de medicina e desde os treze anos de idade é muito envolvido com música e guitarra. Seu primeiro instrumento foi um violão velho que tinha apenas duas cordas, pois era o que foi possível comprar naquele momento.

Flávio teve várias motivações para aprender a tocar guitarra, dentre elas a sua primeira banda de rock formada por amigos do ensino médio.

Atualmente, sua banda vem se dedicando a desenvolver músicas autorais além de clássicos do *rock* e *pop/rock*.

Biografia – José (SP) – 7º jovem entrevistado

José é o mais velho entre os pesquisados, tem vinte e nove anos e reside na zona norte da cidade de São Paulo. É guitarrista profissional e também leciona guitarra. Sua motivação para aprender a tocar guitarra se deu por conta dos seus pais que ouviam *rock*.

Em meados de 1999, ele ganha seu primeiro violão. Iniciou no autoaprendizado com amigos e revistas cifradas. Tempos depois, percebeu muitas dificuldades em aprender sozinho e decidiu procurar seu primeiro professor. Retornou ao autoaprendizado compartilhando músicas com amigos e tocando em bandas. Sua trajetória também tem várias tentativas pela busca do professor. Atualmente, cursa faculdade de Música na Unisantana, São Paulo, no curso de bacharelado em guitarra e mantém-se paralelamente como aluno em aulas particulares de guitarra. José é professor particular de guitarra e toca em bandas de cover e autorais.

Biografia – Josina (MG) – 8ª jovem entrevistada

Josina é uma garota do interior de Minas Gerais que mora na cidade de Cambuí. Ela teve seu início musical, por incentivo absoluto de sua família. Todos, em sua casa, são músicos e o ambiente a levou a desenvolver este gosto. Começou sua trajetória musical aos doze anos de idade, tendo aulas de canto por dois anos, mas não tinha muito gosto para cantar.

O seu desejo sempre foi aprender a tocar guitarra. A prática com banda foi determinante e motivadora para o seu aprendizado.

Esse processo foi interrompido por conta de um problema de doença na família e por longos cinco anos ficou afastada do instrumento. Porém, depois desse tempo, aos vinte e dois anos de idade, ela retorna e busca um professor. Segundo

Josina, depois de iniciar seus estudos orientados, sua forma de tocar e aprender mudou consideravelmente.

A jovem trabalha como professora de guitarra e tem uma banda de baile onde toca guitarra e canta. Um assunto recorrente, na sua entrevista, diz respeito ao preconceito⁴⁴ que Josina sofreu por ser uma garota que toca guitarra.

Biografia – Ludmilla (BA) – 9º jovem entrevistada

Ludmilla reside em Camaçari (BA), tem vinte e seis anos e toca guitarra há doze anos. Ludmilla é mais uma jovem que iniciou seus estudos como autoaprendiz. Em 2001, começou tocando violão por falta de condições de comprar uma guitarra. Esse período que durou cerca de cinco anos. Aos dezessete anos, adquiriu sua primeira guitarra. Com a chegada do acesso à internet na sua cidade, abre-se um novo caminho para sua evolução como guitarrista.

Ela sempre teve desejo de ter aulas, mas devido à falta de professores de guitarra na região esse desejo ficava em segundo plano. Ludmilla acredita que não está preparada para ter aulas de guitarra, apesar de demonstrar muita vontade. Ela possui muito material para estudar adquiridos nessas poucas aulas particulares, além dos materiais oriundos dos *downloads* que fez da internet. Na ocasião da entrevista, estava cursando o último semestre do curso de licenciatura em música na FACESA (Faculdade Evangélica de Salvador), trabalha como instrumentista e é professora de guitarra e musicalização.

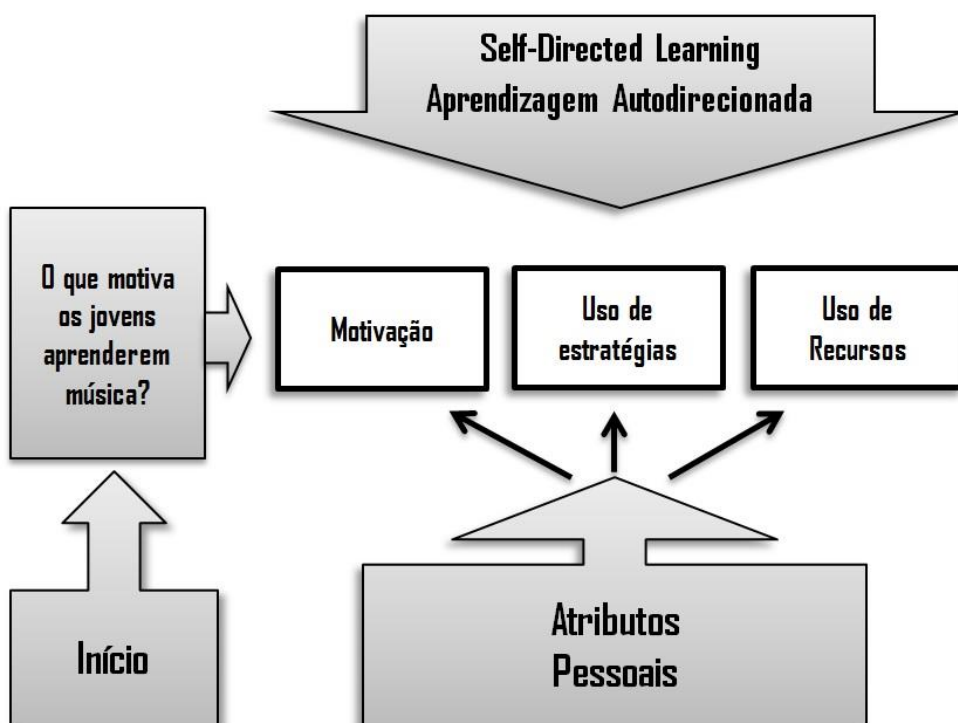
44 Apesar de assunto relevante, a relação música e gênero (masculino e feminino) não será discutida nesta dissertação, mesmo porque surgiu espontaneamente apenas na fala de Josina.

3.2 – Descobrendo a música e o instrumento musical - Os jovens e seus atributos pessoais na aprendizagem autodirecionada

No modelo conceitual tridimensional *SDL* (figura 13), a dimensão dos atributos pessoais comporta motivação para aprender, o uso de estratégias e o uso de recursos para o aprendizado. O início do autoaprendizado de música, constatado entre os jovens participantes da pesquisa, mostrou-se regado de intensa motivação, especialmente quando acontece o primeiro contato com um instrumento musical.

Neste tópico, apresento as motivações que irão desencadear o uso de estratégias e de recursos que eles adotaram para a construção da sua trajetória de aprendizado.

Figura 13 – Modelo tridimensional *SDL* – 1ª Dimensão – Atributos Pessoais

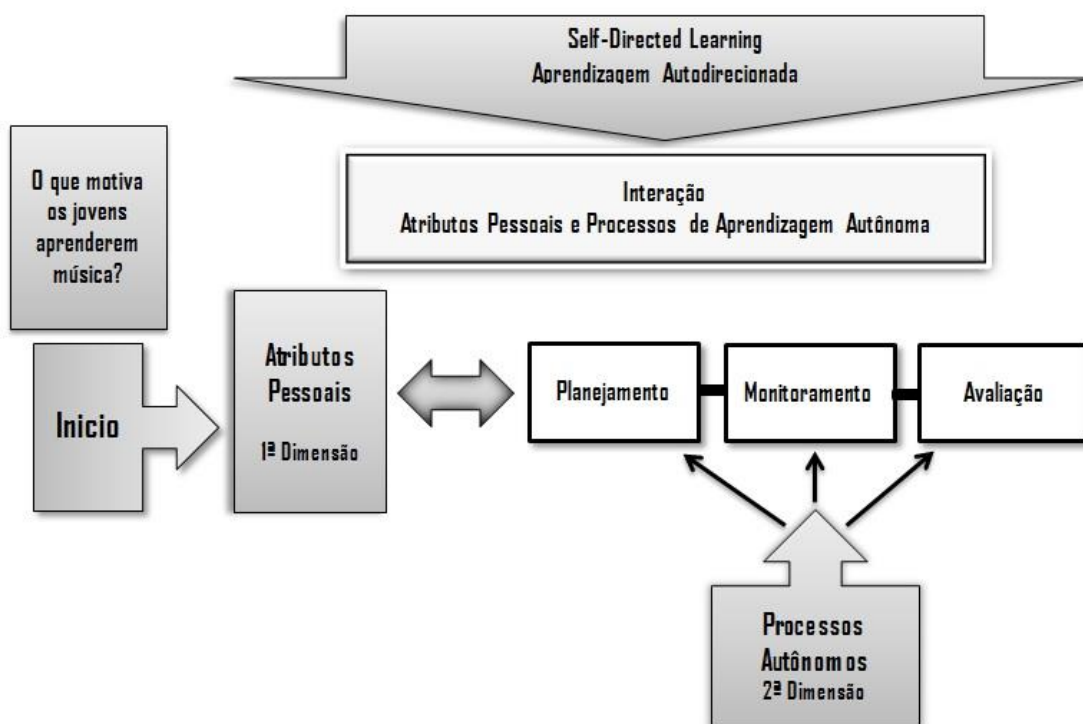


Fonte: Elaboração do autor

Além da descrição de dados relativos a essa primeira dimensão do modelo, são também identificados aspectos da segunda dimensão, processos autônomos

(figura 14), uma vez que são permanentes na trajetória dos jovens. Em outras palavras, quer nos processos de autoaprendizado, quer na própria busca por orientação musical os jovens mostraram-se, motivados, buscando recursos e estratégias, autônomos, planejando, monitorando seu desempenho e autoavaliando-se.

Figura 14 – Modelo tridimensional SDL – 2ª Dimensão – Processos Autônomos



Fonte: Elaboração pelo autor

3.2.1 “As cordas são o meu destino⁴⁵” - As motivações para aprender música.

A trajetória do autoaprendizado de guitarra é cheia de histórias interessantes, mas provavelmente a mais importante é a descoberta do instrumento e o desejo de aprender a tocá-lo. Mas é importante observar que nem sempre a/o jovem iniciante despertou seu interesse por música por meio da guitarra. Muitos dos jovens

⁴⁵ Frase dita pelo jovem Stevie (Entrevista, 29/03/2015, p.3,4)

participantes da pesquisa iniciaram sua trajetória musical tocando outros instrumentos e posteriormente desenvolveram o desejo por tocar guitarra.

As biografias indicaram que a maioria dos jovens iniciou seus contatos com a música por intermédio do violão. Apenas Stevie e Josina começaram com outros instrumentos. Stevie iniciou seu aprendizado por meio de um instrumento de sopro (flauta doce), o qual possibilitou a desenvolver seus processos de autoaprendizado.

Heraldo- [...] como foi seu início de aprendizado musical?

Stevie - Foi bem curioso (ênfase na frase de forma dramática). Comecei com flauta doce e o que aconteceu? [...] meu tio tinha uma flauta (leve pausa) e um vizinho meu tinha um violão. E assim, eu peguei aquela flautinha e comecei a tirar várias músicas de ouvido, mas sem nunca ter tocado, nunca tinha visto nada. Eu comecei a tirar música de ouvido. Tirei várias músicas. Mas músicas bobinhas como *atirei o pau no gato*, a musiquinha da copa. Aquelas músicas bordãozinho de algum comercial, (respira fundo rapidamente) e o pessoal (seus amigos) falavam “pô meu, você tem um ouvido bom, né? Você tá tirando a música de ouvido. Isso é legal!” Aí eu pensei, é verdade! (Entrevista, 29/03/2015, p.3)⁴⁶

O incentivo familiar e o desejo de tocar com amigos criaram o ponto que marca o início da sua trajetória musical, mas o reconhecimento da sua capacidade de tirar música de ouvido, que neste caso pode ser considerado um recurso, foi um atributo pessoal motivador para continuar seu processo de aprendizado.

Josina relata que já possuía o desejo de aprender a tocar guitarra, mas seus pais a matriculam em uma escola para aprender canto.

Josina – [...] vou tentar resumir. Minha mãe era cantora e meu pai é guitarrista... Eles se casaram por causa da música e tiveram a mim e meu irmão que é baixista. Eu comecei a cantar quando eu era pequena, só que eu não gostava muito. Fui matriculada numa escola de Cambuí (MG), a extinta Escola Música Livre que era especializada em canto, guitarra e violão. Fiquei lá mais ou menos uns dois anos estudando canto dos doze aos quatorze anos de idade aproximadamente. Mas eu não gostava de cantar, eu queria mesmo era tocar guitarra! (Entrevista, 08/04/2015, p.3)

46 Essa referência indica a técnica de pesquisa, a data da coleta, e a página do caderno de pesquisa.

Conforme indicado nas entrevistas, o despertar musical, para muitos desses jovens, aconteceu no ambiente familiar. Porém, esse interesse por aprender a tocar um instrumento pode ser motivado sem nenhuma influência familiar como é o caso do jovem Flávio. Seus amigos, que já tocavam violão e tinham alguma popularidade na escola, e o jogo *Guitar Hero*⁴⁷ despertam seu interesse pelo instrumento.

Flávio: [...] quando eu era mais novo e tal, a gente sempre viu o pessoal levando o violão pra escola e sempre tinha um que tinha habilidade de tocar. Tinha um amigo meu que gostava muito de violão e tocava guitarra há certo tempo e já pegava aula, e assim, ele levava o violão pra escola e era um sucesso. Eu ficava vendo aquilo e achando muito legal. Aí, comecei a jogar *Guitar Hero*. Vi e entrei em contato com muita música; aprendi a gostar de muitos estilos que eu não conhecia, e muitas músicas que eu nem imaginava que existiam. (Entrevista, 08/04/2015, p.4)

É importante salientar que o *Guitar Hero* não tem como objetivo ensinar alguém a tocar guitarra, pois apesar do controlador (uma adaptação criada para substituir o tradicional *joystick*) ter um formato parecido com uma guitarra não corresponde em nada com o instrumento real. Atualmente existe o jogo *Rock Smith*⁴⁸ onde é possível utilizar uma guitarra elétrica convencional.

Outro aspecto motivacional se dá a partir do desejo de seguir um modelo, ou seja, os ídolos da música passam a ser um significativo referencial motivador.

Flávio – [...] daí um dia eu decidi que queria fazer uma banda também, eu queria ser como esses exemplos que eu peguei, eu queria ser um exemplo, queria que as pessoas falassem (sobre ele),

47 [...] “*Guitar Hero*, jogo lançado em 2005 pela produtora *Red Octane*, já carrega uma identidade fortemente associada ao gênero *rock* antes de ter seu conceito explicado. Trata-se de uma série de jogos musicais onde o jogador utiliza um controle em forma de guitarra para simular a ação de tocar o instrumento entre várias canções de *rock*. O desafio não está em tocar exatamente igual ao instrumento real, mas em combinar botões coloridos com as cores exibidas na tela, dando sequência a uma música e, quando feito com sucesso, animando também uma plateia virtual e acumulando pontos.” (NOGUEIRA, 2010, p.5).

48 [...] Em outubro de 2011 foi lançado nos Estados Unidos pela Ubisoft o game *Rocksmith* que possibilita que o jogador plugue uma guitarra de verdade no console e jogue/toque. [...] *Rocksmith* é o primeiro jogo onde o jogador pode plugar sua guitarra, violão ou contrabaixo no console e jogar sem ter que adquirir um instrumento especialmente feito para o game. *Rocksmith* foi desenvolvido para os consoles Playstation 3, Xbox 360 e computador. O jogo utiliza um cabo para conectar a guitarra ao console ou computador chamado de *Real Tone Cable*. Em uma das pontas há um conector P10 (6.35mm) que é conectado à guitarra e, em outra ponta, um conector USB que é inserido nas portas USB do aparelho. (PFÜTZENREUTER, 2013, p.59,60).

queria fazer esse negócio como esse cara (o ídolo guitarrista). Eu era moleque né? (Entrevista, 08/04/2015, p.4)

Motivado por esse sonho, Flávio compra o seu primeiro violão e começa seu processo de autoaprendizado.

Flávio – Daí eu fui no gás (nessa motivação). Às vezes a gente não consegue dimensionar o tamanho dos nossos sonhos. Daí eu fui com tudo. Comprei esse violão por trinta reais. Ele estava encostado na casa de um *brother* (amigo) meu, aliás, é ele que toca comigo hoje em dia. Daí, eu comecei a pegar algumas coisas que ele passava. Mas era o começo de uma música de James Blanch (ele começa a cantar a frase melódica da música) e eu só usava as duas cordas. [...] porque o violão só tinha duas cordas [...] (Entrevista, 08/04/2015, p.4).

Stevie iniciou sua trajetória na flauta doce, no entanto, em um dado momento ele descobre o violão e sente outra motivação bastante singular.

Stevie – E aí um amigo da minha rua tinha um violão todo velho e aí eu falei para fazermos uma brincadeira musical. Vem aqui em casa aí eu vou fazer uns solinhos de flauta e você faz umas bases e a gente fica brincando. Aí ele trouxe o violão e eu com a minha flauta. Só que quando eu vi o violão eu falei “meu, isso é muito mais legal que a flauta” (sua fala diminui a velocidade dando certo clima de admiração e ênfase para a frase). Eu já estava pensando em comprar um clarinete. [...] Só que quando o violão apareceu na minha frente, tudo mudou né? É, as cordas são o meu destino. (Entrevista, 29/03/2015, p.3,4)

Nesse relato, é nítida a sua empolgação por essa descoberta e seu principal objetivo passa a ser conseguir tocar algumas músicas ao violão. Sua motivação é bem mais forte do que foi com a flauta doce e é nesse momento que suas decisões para buscar recursos de autoaprendizado começam.

Stevie – Esse meu amigo conseguiu outro violão e me deu o violão velho. Aí comecei [...] Eu entrava no site Cifra Club⁴⁹ e começava a pegar as musiquinhas com dois acordes, três acordes, etc. Aí tinha um amigo meu também que, inclusive, atualmente é o vocalista da

49 Cifra Club – Site de compartilhamento de músicas cifradas www.cifraclub.com.br

minha banda... Ele já tocava e ia lá em casa e me ensinava as músicas. Eu comprava aquelas revistinhas da banca de jornal que vem com as cifras das músicas e eu ia tirando. Aí eu fui indo nessa onda. Apesar de eu gostar de *rock*, eu também tirava umas músicas nacionais, porque era mais a base (harmonia). Eu sempre toquei a base, os acordes [...] (Entrevista, 29/03/2015, p.4).

Vemos, aqui, uma série de ações motivadas pelo objetivo de tocar músicas ao violão e já demonstra consciência de que era preciso começar com músicas mais simples. Ele passa a utilizar alguns recursos que estavam ao seu alcance, como acessar a internet para encontrar sites com músicas cifradas, utilizar as revistas impressas especializadas e continuar aprendendo com seus amigos.

A trajetória de autoaprendizado pode ter variações de intensidade motivacional. Alguns aprendizes não se deixam abater, mas outros transitam nessas variações de ânimo. Esse tipo de atributo pessoal pode ter resultados diversos para alcançar um objetivo musical.

Michele é uma jovem que não se deixava abater quando se deparava com alguma dificuldade. A motivação que a levou ao início de autoaprendizado musical da guitarra (ela foi a única entrevistada que começou diretamente nesse instrumento) é inusitada.

Heraldo: Você começou tendo contato com a música através da guitarra?

Michele: Foi com a guitarra, fui direto. Eu tenho um irmão, né? [...] ele ganhou a guitarra [...] Eu era ligada no *rock* por causa dele e da minha mãe... Ela tinha uns *cds* do Lenny Kravtz⁵⁰ e tal. Eu sempre achei legal, mas daí [...] minha mãe deu uma guitarra de presente para ele e eu pegava o instrumento escondida pra dar umas arranhadas. Foi aí o meu primeiro contato [...] Foi por volta de 2008 e 2009, por aí. (Entrevista, 29/03/2015, p.1)

[...] Mas ele não queria me ensinar e não emprestava a guitarra. Tive que esperar alguns meses para ter o primeiro contato. Assim que ganhei a guitarra comecei a aprender sozinha, tirando músicas com auxílio de programas de tablatura e revistas. Não estudava teoria, nem improviso, apenas tirava músicas e treinava técnicas para

50 Lenny Kravtz – Cantor, guitarrista e compositor do gênero pop/rock americano.

velocidade. Isso durou aproximadamente dois anos, até eu resolver que gostaria de ser musicista. (Questionário, 29/03/2015, p.1).

Nem sempre uma motivação pode estar ligada a situações empolgantes e positivas. É possível que uma situação inversa acabe se tornando motivadora. O aprendiz terá que possuir um atributo pessoal diferenciado para que ele transforme essa situação, em princípio desagradável, em uma motivação positiva para aprender.

Jason passou por uma fase interessante até descobrir a guitarra. Ele teve um grande estímulo familiar, começou a aprender a tocar o violão popular com seu pai e seu avô. Pouco tempo depois, ele migrou para o teclado por influência de seu irmão mais velho: “eu o via tocando umas músicas no teclado e eu pensei em tentar também”.

Depois de um tempo, ele repensa seu gosto pelo teclado: “fiquei um ano tocando teclado daí eu falei assim, o teclado não é para mim, vou ficar só com o violão!” (Entrevista, 03/04/2015, p.4). E assim, ele retorna ao violão e matricula-se em uma escola de música da região, mas desta vez decide estudar o violão erudito.

Jason – Foi o seguinte, eu fui fazer aula de violão erudito para buscar um pouco mais de conhecimento no instrumento. Eu sabia tocar os acordes, mas tinham coisas que eu não sabia fazer. Então eu vi que eu precisava dar um jeito de fazer aulas. Daí eu fiquei sabendo que aqui na cidade tinha essas aulas em uma escola de música, a EMIA, que ainda existe, e fui lá fazer. Pensei, vamos ver qual é que é [...] (Entrevista, 03/04/2015 p. 6).

Essa fase de experimentações acontece dos sete aos dez anos de idade que é quando ele retorna ao violão. O que me chamou atenção foi que, apesar de ser uma criança, Jason tomava decisões, buscando o instrumento que mais lhe interessava naquele momento. Ele já manifesta autonomia, de certo modo monitorando-se e autoavaliando-se (“tinha coisas que eu não sabia”) e planejando (“eu vi que precisava fazer aulas”). Seus estudos no violão erudito seguem até que um dia a guitarra cruza seu caminho.

Jason – [...] eu gostava muito de tocar o violão erudito e eu ia muito por sonoridade. Nesse período foi muito sonoro; eu ia muito pelo

som. Por exemplo, tocar a guitarra era uma coisa legal, mais chamativa. Uma guitarra é mais bonita e têm todas essas coisas que chamam atenção, né? Quando eu vi a guitarra pela primeira vez eu disse, NOSSA (fala com grande ênfase), O QUE É ISSO? EU QUERO TOCAR ISSO PARA SEMPRE!⁵¹ (Entrevista, 03/04/2015 p.6)

Esse momento acontecia quando ele começava a tocar com a banda da igreja que frequentava. Depois desse grande encantamento, o jovem decide aprender a tocar guitarra sozinho e, paralelamente, mantém-se matriculado no curso de violão erudito.

Jason – Eu estudava o violão erudito com leitura e a parte mais livre era na guitarra que eu pegava com os meus amigos. Nesse período, que eu fazia erudito e tocava guitarra, eu tentava tocar guitarra como eu tocava o violão erudito, mas não era a mesma coisa. Era totalmente diferente, e então o que fiz? Eu passei a estudar guitarra sozinho e estudar violão erudito em separado (com o professor na escola). (Entrevista, 03/04/2015, p.4).

Mais uma vez, o caso de Jason me chamou atenção, pois ele transita entre o autoaprendizado (Guitarra) e o aprendizado orientado (Violão Erudito) e todas essas ações estão ligadas a uma grande motivação de experimentar e vivenciar aprendizados diferentes. Outro aspecto interessante é a diferenciação do aprendizado entre os dois instrumentos. O aprendizado de guitarra é classificado como “mais livre” do que o aprendizado do violão erudito, que em contraponto com a sua classificação da guitarra. Logo, posso presumir que ele considere mais “preso” por conta do estudo do violão erudito ser, tradicionalmente, desenvolvido por meio da leitura de partituras.

Nesta seção, dedicada aos atributos pessoais, vimos que os aprendizes vivenciaram uma intensa fase de descobertas quando iniciam suas aprendizagens em música. Cada jovem demonstrou um conjunto de atributos pessoais singulares

51 Escrita em caixa alta - *Caps Lock* – Recurso para expressar que a pessoa está falando alto, com ênfase ou chamando atenção. Este recurso é amplamente utilizado nas comunicações escritas na internet como *Email*, *Whatsapp*, bate-papo (*Messenger*) do *Facebook*, *Twitter*, *SMS*, etc. Utilizei este recurso para que, nas citações dos jovens entrevistados, sejam expressas as dinâmicas durante suas falas.

que variam de acordo com as suas personalidades, ambiente familiar, cultural e social, portanto, integrados aos contextos de aprendizagem musical.

3.2.2 “Eu vou tocar guitarra⁵²” – Pensando estratégias e usando recursos

A maioria dos jovens entrevistados relatou que seus gostos musicais, embora fossem diversificados, tinham ênfase no gênero *Rock*, no qual a guitarra elétrica é essencial. Para a maior parte dos jovens entrevistados, o grande momento de motivação aconteceu quando eles descobriram a guitarra e conseguiram ter um contato físico com ela. Jason teve uma experiência intensa quando esse contato físico aconteceu.

Jason – Eu estava com nove anos de idade, eu lembro até hoje que quando eu peguei (a guitarra) pela primeira vez eu não dormi, eu fiquei a noite inteira pensando, COMO É QUE EU VOU FAZER PARA TER UMA GUITARRA COMO AQUELA? Pois aquela guitarra era de um amigo meu [...] E eu falei, CARAMBA QUE DA HORA, NOSSA EU VOU TOCAR GUITARRA! (risos) foi o ponto decisivo. (Entrevista, 03/04/2015, p.6)

A motivação é o combustível para que o aprendiz de guitarra esteja numa constante busca de realizações dos seus objetivos. Nesta seção, abordarei acerca das estratégias e dos recursos que esses aprendizes encontraram e desenvolveram nos seus autoaprendizados.

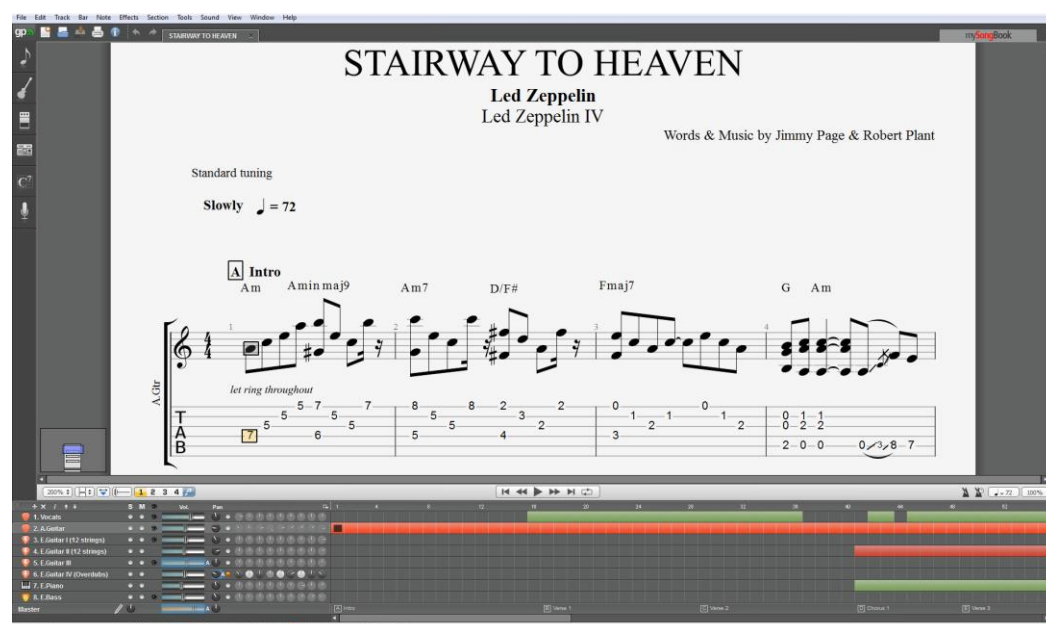
O uso de recursos tecnológicos para o aprendizado é uma constante entre os entrevistados. A utilização de cifras e tablaturas são os principais meios de compartilhamento de músicas, as quais são fartamente encontradas na internet e nas revistas impressas especializadas em música popular e guitarra. É importante observar que tanto a música cifrada quanto a tablatura não oferecem códigos suficientes para uma execução musical sem nenhuma escuta prévia, ao contrário da partitura tradicional. Na tablatura e na música cifrada não há alturas e nem durações especificadas, porém algumas tablaturas são escritas com as durações rítmicas.

52 Frase dita pelo jovem Jason. (Entrevista, 03/04/2015, p.6)

Boa parte desses aprendizes não possuíam conhecimento teórico da linguagem musical e até mesmo a leitura de tablaturas, muitas vezes, mostrava-se uma ferramenta difícil de entender.

Existem vários softwares voltados para a guitarra, mas talvez o *Guitar Pro*⁵³ (figura 15) seja o mais famoso entre os guitarristas iniciantes. Basicamente, ele é um programa de escrita musical e como o próprio nome identifica é destinado à guitarra. Este programa faz uma união da cifra, tablatura, partitura e o som, e ainda é possível escutar os instrumentos separadamente, ou seja, o *Guitar Pro* oferece uma forma de escrita mais clara e eficaz para o guitarrista como ferramenta de aprendizagem das suas músicas prediletas.

Figura 15 – Tela capturada do programa *Guitar Pro*



Fonte: Elaborada pelo autor

Michele decide que aprenderia sozinha e começa a buscar recursos para alcançar seu objetivo de tocar algumas músicas. Na sua fase inicial de autoaprendizado, não possuía nenhum conhecimento teórico e técnico, mas mesmo

⁵³ *Guitar Pro* - <https://www.guitar-pro.com>

assim ela conseguiu aprender muitas músicas utilizando este programa. Neste relato, a jovem descreve suas estratégias e a utilização do software *Guitar Pro* como recurso de aprendizado.

Michele – [...] comecei mesmo foi quando meu pai resolveu me dar uma guitarra e então eu descobri o *Guitar Pro*, né? [...] Meu irmão me ensinou poucas vezes a ler a tablatura, mas eu não sabia ler nota. Não sabia ver nada. Então descobri o *Guitar Pro*. Lá dá para pausar, acelerar, diminuir a velocidade (da música). Só tocava e decorava Iron Maiden e tal. Só tirava música lendo tablatura e isso foi por um ano inteiro. Nesse tempo eu ganhei bastante técnica, que hoje em dia eu acho que até perdi um pouco [...] Eu tirava música e acabava não tendo problema com o tempo das músicas, porque de certa forma eu estudava tocando junto com o metrônomo do programa. Mas foi isso. Teoria nada. Depois de quase um ano tocando foi que eu fui descobrir os nomes de notas e essas coisas assim. Eu lia cifra, mas só fazia a posição, eu não fazia ideia do que era aquilo. (Entrevista, 29/03/2015, p.2)

Além da utilização do *Guitar Pro*, Michele também recorreu às revistas impressas, em especial a revista *Guitar Player Brasil*⁵⁴ que também publica tablaturas dos clássicos do *Rock*. O recurso digital (*Software*) auxiliou na compreensão e utilização de um recurso tradicional, neste caso a revista impressa.

Heraldo: [...] Você usava mais o que como recurso de pesquisa? Internet? Revista? Como é que era?

Michele: Logo no começo foi com o *Guitar Pro*. Eu tirava música copiando (tocando igual) através do programa, até que eu descobri a revista *Guitar Player*. Meu pai me deu algumas de presente. Na verdade foi uma edição especial que tinha umas cinco revistas juntas. Nessas revistas tinham uns toques (Dicas) como do guitarrista John Petrucci e esse tipo de coisas. Eu ficava fazendo aqueles exercícios e só né? Minha fonte era sempre tablatura porque eu sempre gostei muito de *heavy metal* e eles não tocavam acordes cheios⁵⁵. As músicas das bandas Iron Maiden e Metallica não tinham muitos acordes cheios. Então eu só copiava a tablatura com ritmo, eu não sabia nada.

54 Licenciada pela *Guitar Player* norte-americana, a *Guitar Player Brasil* é uma revista mensal especializada em guitarra. www.guitarplayer.com.br

55 Acordes cheios – Acordes completos na formação de tríades. Bandas de *rock*, de modo geral, utilizam díades formadas apenas por fundamentais e quintas justas, no segmento da guitarra são chamados de *powerchords* ou bicordes.

Heraldo: [...] você teve mais acesso à revista física, não a virtual.

Michele: [...] só a revista física *Guitar Player* e o *Guitar Pro* que era o programa de leitura de tablatura. (Entrevista, 29/03/2015, p.2)

Os processos de autoaprendizado de Michele são interessantes, pois, nesses relatos, detectei uma grande interação entre motivação, estratégia e uso de recursos. Esses aspectos dos atributos pessoais foram decisivos para sua construção de aprendizado. São também detectáveis processos autônomos, pois a jovem sempre está em constante autoavaliação e monitoração da sua evolução (“eu não fazia ideia do que era aquilo”).

No próximo trecho da entrevista, é possível observar essas interações dos seus atributos pessoais onde ela explica como ela lidava com as dificuldades iniciais para aprender a tocar com o uso das tablaturas.

Heraldo – [...] você sentia muita dificuldade para aprender nesse processo da utilização das revistas e do *Guitar Pro*?

Michele – No começo, eu não me lembro de ter nenhuma dificuldade [...] eu me sentia perdida por não saber por onde começar, mas quando eu via as tablaturas e comecei a aprender a desacelerar (velocidade da música que ela queria aprender), eu não tive dificuldade, eu era bem persistente [...] eu não me importava em quanto tempo eu levaria pra tocar a música, a dificuldade não me parava, eu não conseguia enxergar a dificuldade, pela vontade de tocar as músicas. (Entrevista, 29/03/2015, p.2)

Mais uma vez a motivação para aprender mostra-se essencial para alcançar objetivos, mesmo que ela tivesse dificuldades por onde começar seus estudos. O aprendiz de música cria sucessões de motivações e não mede esforços para realizar seus desejos musicais.

Stevie, depois da sua fase tocando as harmonias no violão, descobre a escala pentatônica e passa a desejar fazer solos de guitarra: [...] “eu nunca tinha feito um solo até um dia que me apresentaram a pentatônica de lá menor. Aí tudo mudou na minha vida” (Entrevista, 29/03/2015, p.4). Ele adquire sua primeira guitarra e começa a buscar recursos para conseguir solar. Esse jovem também utilizou o mesmo programa (*Guitar Pro*) para conseguir aprender com um pouco mais de facilidade.

Stevie - O que o *Guitar Pro* me ajudou porque tinha o som. Então a tablatura, às vezes, tinha aqueles símbolos do *bend* (termo técnico para puxada de corda. Eu pensava, MEU, MAS QUE NEGÓCIO É ESSE? O QUE EU TENHO QUE FAZER AQUI? Aí com o *Guitar Pro* tinha o som (o som simulado do *bend*) aí eu dizia, AAAAAH É ISSO! (ele fala alongando o AH e com grande sorriso de surpresa) Aí me ajudou. O *Guitar Pro* funcionava como uma legenda sonora. As coisas que eu não conseguia identificar na parte visual eu entendia pela parte sonora. (STEVIE, 29/03/2015, p.10)

Enquanto a maioria dos jovens entrevistados possuía computadores e acesso à internet, alguns não tiveram essa tecnologia à disposição. Esse era o caso de Mirela. Ela desperta seu interesse no violão com jovens vizinhos, mas avança sozinha, com muita persistência.

Mirela - Normalmente eu ficava muito tempo em casa sozinha sem nada para fazer na vida [...] Por exemplo, eu não tive televisão na minha infância, não tive acesso à internet e nem nada. Eu sempre tive essa coisa de brincar, de inventar coisas em casa, e a música foi uma coisa que tomou muito o meu tempo nessa época de adolescência. Eu não tinha nada para fazer, eu ia para escola, chegava na minha casa e era isso. Quando eu descobri a música eu ficava entre quatro a cinco horas por dia [...]. Mas na maior parte do tempo eu ia às bancas procurar revistas (sobre música e violão) e quanto encontrava eu sempre pulava a parte teórica. Eu achava chato, eu não tinha uma pessoa para me ajudar, porque é mais difícil você entender lendo do que uma pessoa te falando, né? E eu não queria essa parte teórica, eu pensava, eu quero é tocar, eu não quero saber por que o lá é lá, quero saber o desenho e pronto! (Entrevista, 07/04/2015, p.3)

O que chama atenção é a respeito da sua intensa motivação de buscar soluções de problemas de forma independente. Um dia Mirela depara-se com o seu primeiro grande desafio de aprendizado – que talvez seja o mais importante dos aprendizes iniciantes de violão – que é conseguir executar os acordes com pestana no violão. A seguir, ela relata como ela conseguiu superar esta dificuldade.

Mirela – Eu peguei o livrinho (com músicas cifradas) e começava a ler, pulava a parte teórica, eu sempre pulei a parte teórica, eu sempre fui direto para a prática (falando rindo). Eu comecei a ver os desenhos e como se coloca os dedos no braço do violão e treinava. Eu aprendi a tocar, razoavelmente, com pestana em três meses, mas eu ficava durante quatro a cinco horas por dia, sem parar. Enquanto

eu não conseguia fazer a pestana eu não parava. Meus dedos inchavam, sabe o calo?

Heraldo - Sim.

Mirela – Doía e doía e eu pensava... NÃO É POSSÍVEL! Normalmente quando uma coisa me desafia eu tenho mania de persistir. Eu sou teimosa, né? (fala sorrindo) E aí eu fico brava com aquilo e eu falo, EU VOU CONSEGUIR! E eu fui, fui, fui até que a pestana começou a sair naturalmente. Eu não perdia mais o ritmo porque eu tocava sempre com música (acompanhava a gravação) Eu colocava a música e eu tentava acompanhá-la. Porque eu não tinha um professor que falasse, OLHA, NA MÃO DIREITA VOCÊ VAI FAZER ASSIM NESSA POSIÇÃO então eu fui com a música e ela me ajudava no ritmo que eu iria fazer na mão direita... E fui indo até que foi ficando mais fácil... Foi assim que começou mesmo! (Entrevista, 07/04/2015, p.1, 2)

Mirela transformou seu problema com a pestana em motivação. Mesmo não tendo nenhuma orientação ela conseguiu superar essa dificuldade. Utilizou, como estratégia, ações de tentativas e erros aliadas ao uso das revistas com cifras como principal recurso. Observa-se que a força de vontade e persistência são atributos pessoais importantes quando o aprendiz depara-se com uma grande dificuldade, principalmente no que diz respeito a questões de mecânica e postura no violão ou guitarra.

Outro caso onde as tecnologias estavam longe de alcance é o da jovem Ludimilla. Morando na cidade de Camaçari (BA), relata que além de não ter computador, a cidade não disponibilizava acesso à internet. A partir dessa condição, mais uma vez o recurso principal era o meio social, mas desta vez na igreja. [...] “Eu comecei com o violão, era emprestado pegando umas notas (aqui ela se refere aos acordes) aqui e ali com os amigos na Igreja”. (Entrevista, 11/04/2015, p.2). Ela já desejava ter uma guitarra, mas não tinha condições financeiras para poder comprá-la. Então resolveu começar aprendendo no violão.

Ludmilla aprendeu na prática tocando coletivamente. Ela participava da banda da igreja e tocava o repertório do culto. A jovem relata que não usou cifras. Aprendeu vendo seus amigos tocando e tirando as músicas de ouvido e que isso não foi uma tarefa fácil.

Heraldo – E como é que era? Você sentia muita dificuldade para aprender neste início de aprendizado?

Ludmilla – No início sim, porque na Igreja, pelo menos lá onde eu congrego, [...] as pessoas não tinham o costume de ensaiar e estudar a música antes. Pegava na hora de ouvido, entendeu? E até hoje acontece isso de vez em quando. Eu tinha dificuldade de pegar a música na hora de ouvido. O baixista da Igreja sempre ia me falando as "notas"⁵⁶ durante a música e assim eu ia pegando. [...] Não tinha muitas cifras não, era mais falando as "notas", mostrando, era só as fitas K7 pra gente ouvir. (Entrevista, 11/04/2015, p.3).

Josina, também não tinha acesso à internet e seu principal recurso era o uso das revistas impressas especializadas.

Heraldo - Então nessa época, até você ter a conexão de internet na sua casa, você ficava apenas tirando músicas de ouvido ou com o seu pai?

Josina - Isso mesmo, com aquelas revistinhas que você compra na banca (de jornal), sabe? (fala rindo) Que é cheia de cifras de música nacional.

Heraldo - Então a motivação que você tinha eram as músicas que você gostava?

Josina – Isso. (Entrevista, 08/04/2015, p.4)

Ela era assinante da revista Cover Guitarra que também publicava várias matérias sobre o segmento e várias músicas transcritas em partitura e tablatura. Josina relatou que, em uma das edições dessa revista, descobriu que havia mulheres brasileiras tocando guitarra profissionalmente.

Josina – Tinha também as revistas especializadas em guitarra, eu tinha assinatura da Cover Guitarra que tinha até as transcrições de músicas [...] Aliás, foi aí que eu conheci a Tatiana Pará e eu pensei, NOSSA QUE LEGAL UMA MULHER TOCANDO GUITARRA TAMBÉM com isso eu fui muito influenciada por ela. (pelo fato de uma mulher ser guitarrista no Brasil). (Entrevista, 08/04/2015, p.4)

56 Muitos aprendizes de guitarra, e até mesmo alguns veteranos, quando se referem ao acorde costumam chamá-lo de "nota".

Neste tópico, foi possível detectar, por meio dos relatos dos jovens autoaprendizes de guitarra, os três quesitos que compõem a dimensão dos atributos pessoais que são a motivação, as estratégias e os recursos de aprendizagem.

Observei que cada jovem possui uma construção de aprendizado personalizada, pois o ambiente familiar e sociocultural interfere sensivelmente na sua forma de aprendizagem da guitarra.

O atributo pessoal mais importante que pude detectar foi o alto grau de determinação para que os problemas fossem solucionados com os recursos que os aprendizes tinham ao seu alcance. Processos autônomos como monitoramento, avaliação e planejamento foram identificados nessas incursões no autoaprendizado.

3.3 – “Quando comecei a levar a sério⁵⁷” – Jovens autoaprendizes e a busca pela orientação musical

Neste tópico, abordarei o tema central desta pesquisa que é quando o jovem autoaprendiz de guitarra busca uma orientação musical realizada por um professor de guitarra e quais foram os motivos que o levaram a tomar essa decisão. Mais uma vez me deparei com o atributo pessoal recorrente em todos os jovens desta pesquisa, a motivação.

O que a análise dos dados indicou, aqui, é o momento no qual a autoaprendizagem chega a um limite temporário e como consequência os jovens entrevistados recorrem a outro recurso, que neste caso, foi à busca de uma orientação musical com um professor de guitarra e/ou de música. A autoavaliação e o constante monitoramento mostraram-se mais intensos ocasionando mais estímulos para solucionar problemas e, conseqüentemente, o replanejamento para realizações de novos objetivos musicais, o que indica a forte presença dos processos autônomos. Mas a motivação também está sempre presente (atributos

57 Frase dita pela jovem Josina. (Entrevista, 08/04/2015, p.2)

peçoais). Evidencia-se que a principal autoavaliação desses jovens recai sobre o que consideram suas limitações no processo de autoaprendizado.

3.3.1 O despertar da motivação por uma orientação musical.

Depois que Stevie começou a tocar com banda católica, percebeu que a sua forma de execução na guitarra precisava ser melhorada, pois esta banda exigia mais do seu desempenho. Mas, esse momento ainda não foi a principal motivação para que ele procurasse um professor. A ampliação do seu repertório de escuta e seguir os modelos dos novos ídolos culminam no desejo de tocar essas músicas, e como consequência estes aspectos o fizeram avaliar sua situação como autoaprendiz, como a transcrição a seguir mostra.

Heraldo – [...] voltando para essa parte das necessidades, então essa necessidade que você sentiu foi em função da banda católica que começou a exigir mais de você.

Stevie - Sim, tem isso também, mas teve outra coisa. O que aconteceu foi o seguinte, é uma coisa que vai até coincidir quando você começou a me dar aula e você percebeu. Eu queria fritar⁵⁸ igual um louco né? Porque eu comecei a ouvir *Heavy Metal* com bandas como o Metallica, Angra e aí eu pensava, NÃO, NÃO DÁ PRÁ FAZER AQUILO (Solo) SEM FAZER AULA DE GUITARRA. É IMPOSSÍVEL! COMO QUE O CARA FAZ AQUELAS PALHETADAS? TEM QUE TER UM TRUQUEZINHO E O PROFESSOR VAI ME ENSINAR ALGUMA COISA. E aí eu ficava pesquisando sobre os professores para saber quantas palhetadas ele tocava por segundo, eu pensava MANO, TEM QUE SER UM PROFESSOR TIPO UAU, NÉ? Você lembra né? Quando eu comecei as aulas com você eu queria descobrir como eu poderia ser o Deus grego da guitarra. (Entrevista, 29/03/2015, p. 6,7)

Aqui, vemos a autoavaliação (processos autônomos) em ação. O jovem Stevie consegue constatar que essa dificuldade não seria fácil de ser superada e, portanto, passa a considerar a ideia de que era preciso recorrer a uma orientação

58 Fritar é uma gíria que é usada entre os guitarristas que significa tocar muito rápido. Neste caso um guitarrista virtuoso também é chamado de fritador.

musical. Nesse primeiro momento, seu principal critério para encontrar o seu primeiro professor dizia respeito as habilidades do professor, em outras palavras, que o professor fosse um virtuose da guitarra.

No entanto, outras motivações contribuíram para que ele buscasse uma orientação musical. Stevie também observa que o acesso à internet era complicado por conta da baixa velocidade de conexão. Por conta desse problema, ele não tinha acesso aos métodos, vídeo aulas e tudo que a internet estava começando a proporcionar.

Neste próximo relato, ele faz uma observação interessante sobre esses momentos e explica como isso impactou na sua decisão de iniciar suas aulas com um professor. Esta fala indica também processos autônomos como monitoramento, autoavaliação e planejamento.

Heraldo – Então você ficava se autoavaliando...

Stevie – O jeito de tocar, a postura... Porque às vezes um acorde que eu via alguém fazendo com facilidade eu pensava, MEU, MAS PORQUE QUE ESTÁ TÃO DIFÍCIL? Realmente EU PRECISO FAZER AULA (fala rápido e com ênfase)... Hoje em dia tem até muito conteúdo na internet... Tem muito professor dando aquelas aulinhas curtas... Você consegue até resolver isso, mas claro que é diferente com um professor. Com o professor sempre é diferente porque tem hora que você quer fazer uma pergunta ali na hora, e você não pode. Eu assistindo ao vídeo nunca foi suficiente. Imagine que naquela época eu não tinha um acesso à Internet tipo “speed super-rápido⁵⁹”, não tinha nada. Então... eu precisava de alguém que fosse profissional para me mostrar e falar que ESSE É O JEITO CERTO DE FAZER AS COISAS! (Entrevista, 29/03/2015, p. 8 e 9)

Mirela distanciou-se do aprendizado de violão e começou a tocar guitarra, principalmente pelo fato dela ter formado, com os seus amigos – os novos vizinhos, a sua primeira banda de pop/rock. Ela percebeu que todos os integrantes deveriam não só investir mais nesta banda, mas também sugeriu que todos deveriam ter aulas

59 Conexão de banda larga oferecida pela antiga Telefônica em São Paulo (SP) que tinha o nome de *SPEEDY* em meados do início da década de 2000.

para que tocassem melhor e, assim, a banda teria mais qualidade. A percepção da jovem Mirela demonstra como os processos autônomos sempre estão em atividade.

Mirela – [...] Nós estávamos tocando (a banda) e já dava para tocar mais músicas, daí resolvemos levar isso para frente, tocar em festivais e começar dessa forma... Né? Daí eu falei, MAS PARA ISSO A GENTE PRECISA DAR UMA MELHORADA NISSO AQUI, NÉ? Daí eu, o baixista e o baterista fomos atrás de professores e tudo mais. Eu e o baixista fomos no centro da cidade, numa loja de instrumentos e nos fundos da loja ele dava aula, daí eu fui ter aula com o este professor. [...]

Heraldo - Então, quando você foi buscar essa orientação foi por conta da motivação para melhorar a banda, certo?

Mirela – É, porque eu queria muito aquilo para mim, eu ficava extasiada, eu não consigo nem explicar [...] A gente pegava no domingo, a gente tocava das 14h00min depois do almoço e só íamos para a noite [...] durante as músicas a gente também zoava (brincavam com as músicas e instrumentos) né? Aí, um pegava a guitarra e outro pegava a bateria [...] E era assim em todos os finais de semana [...] E quando dava, durante a semana, a gente estava lá, mas éramos eu e o baterista que mais queriam fazer dessa maneira, os outros eram mais por hobby. Daí quando eles falaram, A GENTE QUER, VAMOS! Eu senti que eles queriam. Eu fiquei muito feliz. E foi aí que procuramos uma orientação, para melhorar o som da banda mesmo. (Entrevista, 07/04/2015, p.6)

Flávio também se motiva para conseguir montar a sua primeira banda com seus amigos da escola e sugere, assim como fez a jovem Mirela, que era preciso cada integrante do grupo buscar orientação musical.

Flávio – [...] a banda foi montada com uma galera do meu ensino médio [...] eu falei para eles, AAHH A GENTE VAI FORMAR A BANDA, ENTÃO EU VOU APRENDER GUITARRA, VOCÊ TAMBÉM VAI PARA A GUITARRA E ELE VAI PARA O BAIXO. Então a gente foi meio que correr atrás do aprendizado (No sentido de procurar professores). (Entrevista, 08/04/2015, p.6)

O caso da jovem Michele foi um dos mais interessantes no que diz respeito as suas motivações para começar a ter aulas de guitarra. Motivada pela curiosidade, ela resolveu consultar suas colegas da escola, que já faziam aulas de violão, para

entender como essa orientação funcionava. Sua conclusão, neste primeiro momento, foi de desapontamento, mas essa percepção duraria pouco tempo.

Michele – Então, sobre o professor foi o seguinte. Na época que eu comecei a tocar, tinha umas três ou quatro meninas que tocavam violão [...] Eu perguntava para elas como eram suas aulas de violão e como é que elas funcionavam. Mas, elas só me mostravam o caderno com músicas cifradas, tipo assim, hoje eu aprendi a música tal e aprendi a música tal... Então, naquele dia eu tive a ideia de que a aula de música era pra aprender músicas e só. Mas eu pensava, eu já faço isso, já tiro as músicas e de graça e assim, de certa forma eu acabava tocando mais que elas. Tinha uma das meninas que era guitarrista, mas eu via que ela tocava violão na guitarra, não era muito uma guitarra né? Eu pensei, se for para tocar (risos) e aprender música, vou aprender em casa. Mas foi quando eu comecei a ouvir blues e comecei a querer começar a improvisar, eu pensei “Putz não tem como”. Isso foi uma das coisas que me levaram a procurar aulas, mas isso já foi bem na época que eu estava decidindo a ser musicista mesmo. (Entrevista, 29/03/2015, p.5)

Tempos depois dessa conclusão desmotivadora sobre o que era ter aulas, Michele passou a ouvir Blues, o que demandou improvisar, prática que não lhe era fácil. E então, procurou uma orientação. Mas, a grande e mais importante motivação para que ela buscasse uma orientação acontece quando a jovem decide que iria levar a música mais a sério.

Michele – Professor só veio no momento que eu resolvi sair do cursinho, pois eu estava decidida a fazer a faculdade de arquitetura. Parei com tudo e decidi que eu queria levar a música a sério. Afinal, se eu vou levar a sério vou precisar saber de onde vem às coisas, como é que funcionam. Eu precisava ter uma base né? Se eu ia levar a sério, não posso querer tocar só as músicas que eu gosto. Então foi aí que resolvi procurar um professor. (Entrevista, 29/03/2015, p.5)

Depois dessa decisão, Michele teria que conversar com o pai sobre a sua escolha profissional. Seu pai cria uma condição para que esta escolha fosse aceita por ele, cursar uma faculdade.

Michele – Eu resolvi fazer a faculdade de música. Na verdade, não foi bem uma decisão minha. [...] Eu falei para o meu pai, VOU ESTUDAR MÚSICA, e ele me disse, SE VOCÊ QUER SER MUSICISTA SEM PROBLEMAS, MAS TERÁ QUE FAZER UMA FACULDADE. Com esse pensamento dele eu teria que ter algum

diploma independente do que seria. Então eu falei TUDO BEM EU VOU FAZER A FACULDADE DE MÚSICA. (Entrevista, 29/03/2015, p. 7)

A partir dessa decisão acordada com seu pai, Michele iniciou sua busca por uma orientação musical para que ela pudesse iniciar o curso de música na faculdade.

Jason já possuía uma razoável experiência em ter aulas, pois já havia aprendido a tocar teclado com professor e mantinha-se no curso de violão erudito. Porém, seus estudos de guitarra aconteciam pelo autoaprendizado. Aqui, o aprendizado com orientação (violão erudito) e o autoaprendizado da guitarra ocorrem simultaneamente, conforme apontado.

Heraldo - Sobre essa facilidade que você estava percebendo no violão, você tentava aplicar essas técnicas na guitarra?

Jason - Eu tentava, mas não soava bem, porque eu não sabia os *Shapes* (formatos de escalas por região). No violão erudito eu ia pela partitura e pelas notas. Eu sabia que naquela casa era uma nota lá e na guitarra também, mas eu não sabia a escala de Lá Maior. Eu não sabia montar os *shapes*⁶⁰ das escalas na guitarra. Eu ia muito pelo som, por casa e posição.

A autonomia no monitoramento e a avaliação (processos autônomos) do seu autoaprendizado de guitarra mostraram que ele havia chegado ao seu limite e era necessário buscar uma orientação musical.

No próximo relato, Jason detalha como ele chegou à conclusão que era o momento de procurar um professor de guitarra.

Heraldo – O que te levou a buscar um professor de guitarra? Em qual momento você sentiu essa necessidade?

Jason – Eu cheguei num ponto que eu estava tocando guitarra como se fosse um violão. Eu não conseguia fazer o que “os caras” (Guitarristas experientes) faziam; não conseguia fazer o que eu escutava, e eu pensava COMO É QUE FAZ ISSO? Daí foi quando eu vi esse guitarrista que foi o meu primeiro professor. Eu o vi tocando numa banda de rock clássico, e daí eu pensei NOSSA O CARA

60 Shapes – Formatos ou desenhos de digitação para escalas, arpejos e acordes na guitarra.

CONSEGUE FAZER TUDO! COMO É QUE SERÁ QUE ELE CONSEGUE FAZER TUDO AQUILO? Dai eu fiquei sabendo, por um amigo do meu irmão que ele dava aula particular de guitarra. Daí eu pensei, É O MOMENTO CERTO PARA EU IR BUSCAR ISSO AÍ. AS COISAS QUE EU NÃO SEI FAZER EU ACHO QUE EU VOU APRENDER COM ELE! Na época eu estava meio assim, sabe? NOSSA EU NÃO CONSIGO FAZER! Só que é aquilo, a gente pensa em desistir, mas a gente é persistente, né? A gente quer tentar fazer aquilo!

Heraldo - Então, em algum momento você ficou com certa frustração, desmotivado...

Jason – É eu fiquei um pouco desmotivado, mas quando eu o vi tocando voltei a ter mesma motivação do início. Pensei que eu teria que aprender aquilo que ele estava tocando. Daí eu consegui o contato dele para fazer as aulas. (Entrevista, 03/04/2015, p.8)

José teve o seu despertar pela orientação musical de uma forma inusitada. Seus amigos diziam que ele estava tocando bem, pois já se apresentava com bandas de *punk rock*. Esses elogios lhe davam uma aparente segurança de que ele realmente estava progredindo como guitarrista, mas as limitações começaram a aparecer.

Heraldo – Você foi aprendendo algumas coisas com seus amigos, tirando músicas de ouvido, tudo isso sozinho e foi percebendo crescimento, mas você percebeu que existia alguma limitação?

José – Percebi muita limitação, até porque eu tinha muita dificuldade no formato de escalas. Chega uma hora que todo mundo começa a te elogiar e o ego do músico vai se elevando pesado. Aí eu tinha iniciado com algumas bandas, bandas de garagem, e as pessoas começaram a falar que eu estava tocando legal. A gente (bandas que ele tocava) começou a abrir, mesmo porcamente, shows para bandas conhecidas e todo segmento *punk rock* era próximo para mim, pois eu estava no meio. Mas, apesar disso eu comecei a sentir muita dificuldade naquilo que eu estava fazendo, até porque todo mundo estava falando que eu tocava bem, mas eu não gostava daquilo que eu estava tocando (no sentido de como ele estava fazendo). Aí procurei aula. (Entrevista, 08/04/2015 p.4)

Josina tinha uma percepção que em algum momento seria necessário buscar orientação musical. Essa consciência foi estimulada pelo seu pai, que também é guitarrista, e que de certa forma foi o seu primeiro professor. De acordo com o seu

relato, ela explica que seu pai “sabia o básico de tudo, ele disse que poderia me ensinar até um determinado ponto, mas depois eu deveria procurar um professor ou aprender com meus amigos”. (JOSINA, 2015, p. 5 E 6).

Neste relato, seu pai aponta dois caminhos para que ela possa evoluir na guitarra: aprender com uma orientação dada por um professor ou no autoaprendizado (aprendendo com amigos). Depois, desse momento ela se manteve estudando como autoaprendiz por um longo tempo e posteriormente decidiu levar a música a sério e que era o momento de procurar um professor.

Josina – [...] até 2006 eu tocava muito bem, pegava os solinhos, riffs e tudo mais.

Heraldo – Sozinha como autoaprendiz [...]

Josina – Isso, sozinha. Aí aconteceu de minha mãe ficar doente e ela veio a falecer. E isso mexeu com todos nós. Ela era cantora e nos incentivada muito, então eu fiquei parada de 2006, ano que ela faleceu, até meados de 2010 ou 2011. [...] foi quando eu decidi voltar a tocar novamente, foi aí que eu quis levar a sério. Foi neste momento que eu procurei meu primeiro professor particular para ter aulas em Bragança (SP) e estou com ele até agora. (Entrevista, 08/04/2015 p.8)

Daniele foi a única entrevistada que não teve grande motivação para iniciar seus estudos pelo autoaprendizado. Aos oito anos de idade, começou a ter aulas de violão durante um ano e meio, mas acabou abandonando os estudos e depois desse período ficou um longo tempo sem ter aulas. Entretanto, Daniele não abandonou a prática de tocar o violão, pois segundo ela “nesse período que eu fiquei sem fazer aulas eu tocava e pegava o violão eventualmente, tocava e tudo mais, mas não estudava. Eu só tocava algumas músicas, levava o violão para escola e coisas do tipo, mas não estudava”. (Entrevista, 31/03/2015, p.2).

Daniele, motivada pela descoberta da guitarra, só retoma seu interesse pelos estudos aos quatorze anos de idade. Por conta da sua dificuldade de aprender sozinha, ela decide procurar um professor particular.

Daniele – Aos quatorze anos de idade, quando retomei o interesse, eu já comecei a comprar revistas e olhar e ler matérias e tudo mais, mas logo depois eu já fui procurar aulas muito por conta dessa questão de realmente não conseguir entender sozinha e conseguir absorver o conteúdo sem uma instrução.

Heraldo - Essa reflexão partiu de você ou foi conversando com amigos e com isso você acabou concluindo que seguir sozinha iria ser muito complicado?

Daniele – [...] partiu de mim. Eu realmente eu tenho um pouco de dificuldade de absorver sozinha, [...] eu tenho disciplina, mas eu preciso de uma orientação do tipo OLHA FAZ ISSO E AQUILO OUTRO. Então quando eu voltei com a guitarra e tentei aprender com revistas, livro e métodos, aquelas coisas de bancas de jornal, que hoje em dia já não rolam mais, eu não conseguia absorver, eu não conseguia entender a linguagem, não conseguia evoluir e não conseguia ver diferença no que eu estava tocando. (Entrevista, 31/03/2015, p. 2)

Transitando entre o aprendizado orientado e brevemente pela autoaprendizagem, aspectos da *SDL* são identificados no seu relato. A percepção sobre si mesma, em relação as suas limitações, mostra como as duas dimensões, atributos pessoais e processos autônomos, estavam acontecendo no seu aprendizado de guitarra.

O caso da jovem Ludmilla difere-se dos demais entrevistados, visto que ela tinha intenções de ter aulas de guitarra, mas devido a uma série de circunstâncias não levou isso adiante.

Heraldo – E a partir disso quando você começou a pensar em ter um professor?

Ludmilla – [...] eu sempre tive vontade de ter um professor, eu sempre tive vontade de estudar, porém aqui onde eu moro e devido a algumas dificuldades financeiras, eu não tinha muito acesso a professores. Eu procurava e não encontrava. E quando encontrava tinha as minhas dificuldades financeiras para fazer essas aulas. (Entrevista, 11/04/2015, p. 4)

A partir dessa situação, Ludmilla manteve-se aprendendo com os recursos que estavam disponíveis, ou seja, ela seguiu no autoaprendizado. Mas, em um dado

momento, um professor percebeu seu potencial e dedicação e por esta razão se ofereceu para ajudá-la.

Ludmilla – [...] eu conheci um amigo, um irmão da Igreja, que tocava guitarra. Ele era considerado um dos melhores da cidade, aí eu comecei a ter aula com ele.

Heraldo - E como foi esse processo com ele?

Ludmilla – Ele me viu tocando e gostou. Ele viu o meu interesse e a minha vontade de aprender. Por causa disso começou a me chamar para passar algumas coisas para mim, questões de solos, escalas e técnicas. (Entrevista, 11/04/2015, p. 4)

Neste tópico, que foi denominado como “O despertar da motivação por uma orientação musical”, apresentei os relatos de todos os nove participantes da pesquisa a respeito de quando este momento aconteceu e quais foram as suas motivações. A principal questão que esta pesquisa se propõe a responder é por que alguns jovens autoaprendizes desejam uma orientação musical?

Os dados revelaram que existem vários “porquês”. Mas, foi possível entender que todos os jovens que participaram da pesquisa chegaram aos seus limites, ao menos momentaneamente, dentro da autoaprendizagem, e por esta razão buscaram uma orientação musical.

Analisando os dados dos nove entrevistados, pude detectar alguns desses “porquês”. Uns decidiram que se tornariam profissionais (Michele e Josina), outros por conta de alguma dificuldade em particular (Stevie, José, Jason e Ludmilla) e outros pela motivação de estar tocando ou iniciando uma banda (Mirela e Flávio). Porém, apenas um dos jovens teve pouca motivação dentro da autoaprendizagem e logo partiu para a orientação musical (Daniele).

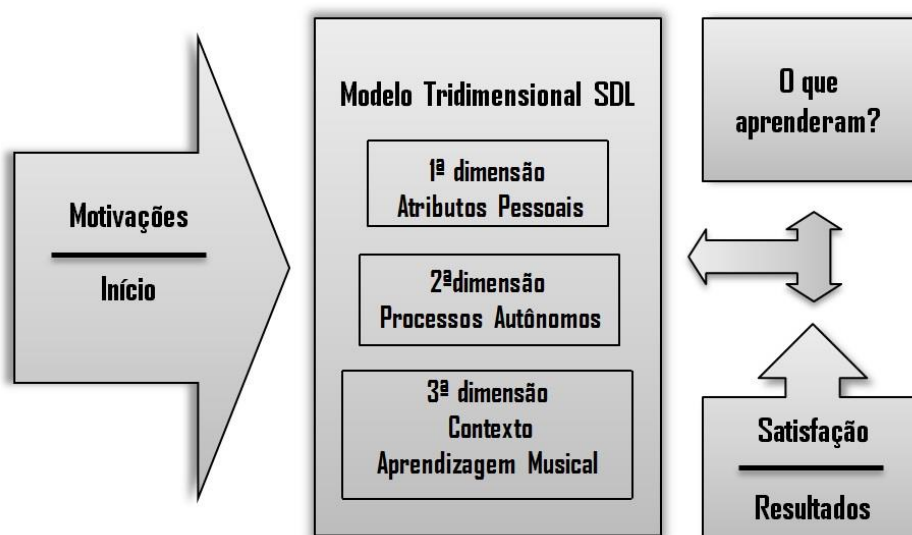
No próximo tópico, apresentarei uma seleção de alguns relatos sobre as experiências que esses jovens tiveram com as orientações recebidas. Esses relatos trazem as autoavaliações dos aprendizes acerca de prós e contras a respeito da orientação musical e desvelam que, mesmo no contexto de aprender com orientação, os jovens mantêm características da *SDL* vinculadas aos atributos pessoais e aos processos autônomos.

3.4 “Agora é pra valer” – As orientações musicais e seus prós e contras

O desejo dos jovens por uma orientação musical levou-os a formas diferentes de orientação. Alguns procuraram escolas de música, outros professores particulares de guitarra e o nível superior. Mas, houve aqueles que transitaram e/ou alternaram orientações diferentes, buscando as que estivessem mais adequadas para atender às suas necessidades.

Neste tópico, apresento alguns casos que me chamaram mais atenção sobre os seus processos de aprendizado como orientandos. Apresento, também, as suas avaliações que o modelo tridimensional do *SDL* (resultados/satisfação) auxiliou na interpretação. Essas avaliações se referem aos objetivos, grau de satisfação e o que aprenderam, conforme figura 16.

Figura 16 – Modelo tridimensional *SDL* – Resultados e Satisfação



Fonte: Elaboração do autor

3.4.1 “Hoje eu sou autoaprendiz com orientação⁶¹” – O caso de Michele

A jovem Michele experimentou orientações diferenciadas a partir de professores de música e de guitarra até chegar a um modelo que considerou o mais adequado para o seu aprendizado. Além disso, pesou em sua escolha a condição, estipulada por seu pai, ter um diploma. Essa conjuntura levou Michele buscar informações sobre o curso de bacharelado em música e, neste momento, teve consciência de que o conhecimento de que a teoria musical era necessária para o seu ingresso na faculdade.

Por não ter tido nenhum contato com teoria, decidiu procurar uma escola de música para se preparar para o curso de bacharelado em guitarra.

Heraldo – Você disse que foi procurar o professor por causa da sua decisão de se profissionalizar, mas você também tinha suas necessidades sobre os conteúdos teóricos musicais [...].

Michele – Sim. Percebi que o tempo que levei pra aprender a tocar sozinha levaria a metade do tempo ou menos, com auxílio do professor. Eu precisava de alguém que me orientasse e ajudasse a organizar o meu aprendizado, e que me ensinasse àquilo que eu precisava pra poder ingressar na faculdade (Entrevista, 29/03/2015, p. 4)

Ao se matricular em uma escola especializada em guitarra, a jovem vivencia, pela primeira vez, a experiência de ser orientada. “Minha primeira orientação musical foi quando entrei para a EM&T. Fiz esta escolha por ser uma escola famosa e por ver que bons guitarristas saíram de lá [...]” (Entrevista, 29/03/2015, p.5).

Michele procedia a uma avaliação constante tanto do seu aproveitamento no curso quanto da metodologia que a escola propunha. Apesar da empolgação inicial, percebe que o curso não estava atendendo a suas necessidades sobre o objetivo de se preparar para o nível superior.

Michele – Quando eu cheguei ao curso da EM&T e vi o método eu achei demais. Eu seguiria uma linha do que eu iria aprender. Quando você está aprendendo sozinho é tanta coisa que você não faz nem

61 Frase dita pela jovem Michele (Entrevista, 29/03/2015, p.10).

ideia por onde começar. Quando se aprende sozinho a gente não sabe o porquê e no que vai te ajudar isso ou aquilo. No EM&T, o professor aplicava o método e me auxiliava com toda a explicação que eu não tinha quando eu era, como que se diz? Autoaprendiz, né? Então eu achei importante. Mas pra mim, apesar de ser um método, eu acabava achando bom, mas eu também o via como uma prisão. Porque eu pensava, NOSSA EU VOU TER QUE CUMPRIR ESSE LIVRO! Mas no final das contas eu acabei terminando o livro em dois meses (dos seis meses que duraria o curso). Eu achava que o conteúdo era muito pouco. Talvez porque eu já tocava solos e técnicas, né? Eu via que não tinha muita teoria musical que era o que eu estava precisando naquele momento, né? (Entrevista, 29/03/2015, p.6)

A partir dessa avaliação, Michele abandona o curso na escola e decide procurar um professor particular. Mais uma vez os processos autônomos estão presentes nos quais a avaliação e o monitoramento estão em plena atividade.

Michele – Então, sobre o professor particular foi para sair do método, Quando eu procurei um professor particular, eu já tinha meus objetivos. Eu sabia o que eu precisava e o que era preciso aprender. Eu sempre pesquisava muito sobre o que eu precisava aprender, mas eu acabava não aprendendo o que eu queria (risos). Por isso que ela (a nova professora de guitarra) me ajudou muito para entrar na faculdade e estou com ela até hoje. (Entrevista, 29/03/2015, p.6)

Depois de algum tempo tendo essas aulas particulares, em 2012, Michele alcança seu objetivo de iniciar seu curso de Bacharelado em música com especialização em guitarra oferecido pela FIAM/FAAM⁶² (SP). Entrar para o curso de nível superior é sua quarta experiência de aprendizado orientado, mas desta vez ela percebe que o ensino formal era muito diferente do que ela havia vivenciado nas outras formas de orientação.

Michele – Quando eu entrei na faculdade foi um choque ao ver a grade das disciplinas. Fiquei muito assustada. [...] No primeiro semestre teve um momento que eu me perguntei, o que eu estou fazendo aqui? Será que é isso mesmo e só existe esse jeito de se formar? Foi assustador chegar e começar a analisar obras da música clássica, mas eu não desanimei e tem sido divertido. Minha

62 FIAM/FAAM Faculdades Integradas Alcântara Machado (comunicação) e Faculdades de Artes Alcântara Machado - Curso de Música do FIAM-FAAM Centro Universitário, integrante do Complexo Educacional FMU, situada em São Paulo-SP.

professora particular de guitarra também se formou nesta mesma faculdade e já tinha me falado que as aulas de guitarra eram voltadas para o *jazz* e música brasileira. Mas os alunos que não tiveram essa orientação sobre o curso, ao entrarem, tiveram um choque maior. Alguns vieram do *heavy metal* e disseram que não passariam quatro anos tocando *jazz* e saíram fora. Foi bem interessante esse momento da faculdade. Foi um momento que fiquei meio desestabilizada, mas resolvi levar em frente. (Entrevista, 29/03/2015, p.7)

Michele menciona um problema muito comum existente nos cursos de bacharelado em música com especialização em guitarra. Trata-se do alto grau de desapontamento dos alunos, pois os cursos contemplam, em sua maioria, basicamente dois gêneros da música popular, o *Jazz* e a *Bossa Nova*.

Muitos desses futuros alunos descobrem a guitarra a partir de vários gêneros, mas o *rock* é o gênero predominante. Depois dessas intensas avaliações, Michele resolve não interromper suas aulas com sua professora particular. Considerou que essa seria a melhor opção para que ela conseguisse cumprir o programa oferecido pela faculdade de música.

No próximo relato, ela faz uma retrospectiva interessante na qual classifica o contexto de aprendizagem da escola de música e da faculdade (terceira dimensão do modelo tridimensional *SDL*) como uma “prisão” e o da autoaprendizagem e de orientação em aulas particulares como “liberdade”.

Michele – Olhando hoje, na guitarra, continuo com orientador particular, mesmo estando na faculdade. Eu penso que, primeiro foi a liberdade (autoaprendizado), depois foi a prisão do método (escola EM&T), na sequência o orientador (professor particular de guitarra) foi a liberdade novamente e a faculdade estou vendo que é a mesma prisão, apesar do professor sendo “meio livre” dentro do programa que ele propõe. Por isso eu decidi continuar com o orientador particular. Só assim eu conseguiria ter essa liberdade de aprender o que eu quero e também aprender o que eu não estou bem na faculdade. Dessa maneira eu poderia continuar com o método que a faculdade determina. Acho que esse ciclo vai continuar para sempre; eu sendo livre no que eu quero aprender e ter um método para seguir. (Entrevista, 29/03/2015, p.9)

Michele – Então, hoje eu sou uma autoaprendiz com orientação. (Entrevista, 29/03/2015, p.10).

O Jovem Jason já havia relatado uma situação semelhante ao da jovem Michele, quando ele classifica a guitarra como um aprendizado “mais livre” do que o aprendizado do violão erudito.

3.4.2 “Eu vi que menos é mais⁶³” – O caso de Stevie.

Stevie passou por algumas experiências com professores particulares e a cada vivência ele ganhava mais consciência sobre as suas necessidades musicais. A avaliação e o monitoramento (processos autônomos) sobre a metodologia do professor começam a fazer parte do seu processo de aprendizagem. O seu primeiro professor não era exatamente o que ele esperava, mas naquele momento ele poderia solucionar questões mais básicas que eram necessárias para seu aprendizado.

Heraldo – Quando você encontrou esse primeiro professor [...] o que aconteceu neste primeiro contato?

Stevie – Então no primeiro contato eu queria ver primeiro como ele tocava. Eu pensei, SE ELE É UM PROFESSOR ELE DEVE “ESMIRILHAR”⁶⁴ NÉ? Aí ele se apresentou e tocou. Eu lembro que ele disse assim, DEIXE-ME VER COMO É QUE VOCÊ TOCA, ME ACOMPANHE AQUI NESSES ACORDES. E eu acompanhei. Inclusive eu usei a pentatônica e ele disse QUE LEGAL. Só que ele não era um professor assim tão experiente, mas foi bem tranquilo sabe? Eu vi que ele não tinha uma técnica tão absurda de tocar rápido, mas ele tinha muita coisa para agregar para mim, como teoria, acordes, ideias, progressões, etc. Então eu pensei VAI DAR PARA APRENDER ALGUMA COISA COM ELE. Mas eu sabia que eu precisava de um professor que fosse um pouquinho mais além do que ele sabia, eu fui até onde dava. Até que uma hora ele mesmo me falou, VEJA, EU NÃO TENHO MAIS NADA QUE EU POSSA TE ENSINAR... VOCÊ PRECISA ENCONTRAR OUTRO PROFESSOR. Então, eu fui procurar outro professor, entendeu? (Entrevista, 29/03/2015, p.10)

63 Frase dita pelo jovem Stevie (Entrevista, 29/03/2015, p. 12).

64 “Esmirilhar” - gíria usada pelos guitarristas para exaltar o guitarrista virtuoso que toca bem e rápido.

Stevie procura outro professor na esperança de encontrar aquele que iria mostrar as técnicas que ele tanto necessitava para conseguir tocar como um grande virtuose da guitarra.

Heraldo – [...] sobre o próximo professor, como foi a sua experiência nessa outra fase de orientação?

Stevie – Foi um tapa na cara (risadas). Senti isso porque quando a gente acha que aquilo é o ideal a gente descobre que não é. Para mim foi uma salvação. Sinto que se eu não tivesse tido aula com esse professor eu não ia conseguir entender realmente o que é um solo e o que é você saber fazer uma coisa musical, entendeu? Eu era muito pelo lado técnico. Eu vi QUE MENOS É MAIS. Esta é uma frase que eu levo até hoje, e realmente é o que levo na minha banda. Hoje em dia o pessoal (amigos músicos) vê isso como uma característica boa que eu tenho. Eles dizem para mim, VOCÊ FAZ O SIMPLES BEM FEITO, é o que importa. Com esse professor eu fui mais pro lado do blues e das origens, que é o que dá “pegada”⁶⁵ e musicalidade. (Entrevista, 29/03/2015, p.12).

Stevie, no seu primeiro contato com este novo professor, comenta sobre suas necessidades, porém o professor oferece uma nova proposta de aprendizado. Ao longo das aulas, o jovem começa a perceber que suas necessidades começaram a mudar. Stevie relata como essa nova abordagem de aprendizado mudou suas percepções sobre as suas necessidades.

Stevie – Na questão das necessidades, foi algo que eu não precisei falar, porque ele propôs o caminho certo para eu seguir para chegar ao ponto ideal como guitarrista. Ele propunha de uma maneira muito séria.

Stevie – As novas necessidades foram surgindo de acordo com as aulas e com o que ele ia me mostrando. Era um mundo totalmente novo. Aí eu fui começando a pegar gosto por aquilo. Eu não ouvia blues, não conhecia o Steve Ray Vaughan⁶⁶ e hoje, esse guitarrista, é como se fosse um mestre. Foi uma coisa totalmente diferente do que eu gostava de escutar. Eu passei a pensar, NOSSA, TEM ESSAS PEGADAS FUNKEADAS, TEM ESSAS PEGADAS BLUSEIRAS, O CARA COM CINCO NOTAS CONSEGUIE FAZER UM SUPER SOLO. Aí foi o ponto que a minha necessidade deixou

65 “Tocar com pegada” – Tocar de uma maneira vigorosa e com segurança.

66 Stevie Ray Vaughan – Guitarrista Americano do gênero Blues.

de ser tocar rápido para tocar bonito e que até hoje continua sendo. [...] a minha necessidade mudou totalmente, foi isso. (Entrevista, 29/03/2015, p.12)

Stevie demonstrou grande empolgação quando respondia às perguntas sobre essa segunda experiência de orientação musical. Nos relatos apresentados, percebem-se como essas aulas ampliaram suas formas de escuta e de prática musical. Outro benefício que foi percebido diz respeito às suas novas necessidades, que anteriormente estavam focadas no virtuosismo da guitarra. Stevie manteve-se no controle dos seus processos de aprendizagem, sempre buscando recursos para resolver seus problemas musicais com intensos momentos de reflexão e autoavaliação, mas também avaliando as orientações que ele recebia.

3.4.3 “Voltei a ter aulas sentindo que eu estava mais esponja⁶⁷” – O caso de Flávio.

Flávio inicia suas aulas de guitarra com o novo professor que foi indicado por um dos seus amigos que também fazia aulas. A seguir, ele relata como foi este primeiro encontro e o impacto que esta aula teve no seu aprendizado de guitarra.

Heraldo – Ele te propôs um programa, ou você já expos suas necessidades?

Flávio – Foi assim. No começo o professor me pediu pra que eu mostrasse o que eu sabia e falasse mais ou menos o que eu tinha de insegurança, o que eu sabia sobre o instrumento e eu mostrei que eu sabia o básico. Aí ele fez assim: primeiro passou o esquema de aula que era pra corrigir algumas coisas que porventura poderia ter aprendido errado e aí eu passei um bom tempo corrigindo e fazendo exercícios. Ele sempre frisava a necessidade de fazer exercícios de digitação 1, 2, 3, 4, de coordenação para a mão esquerda, etc. Até podia ser chato o tanto que for, mas se fossem feitos devagar e coordenadamente melhoraria minha habilidade e eu fui notando isso. Com o passar do tempo ele foi me ensinando mais teoria, que eu era muito fraco, eu era mais mecânica, e olhe lá. (risos). (Entrevista, 08/04/2015, p.7)

67 Frase dita pelo jovem Flávio. (Entrevista, 08/04/2015, p.12).

Flávio percebe que está melhorando sua forma de tocar e surpreende-se como as aulas fizeram uma sensível diferença na sua forma de aprender. Ele vivenciou um breve período de dois meses com o primeiro professor, mas não fez nenhuma análise sobre essa experiência. Ficou claro que a sua consideração sobre ter um professor de guitarra está totalmente focada nas aulas que ele teve com o segundo professor.

Heraldo – A próxima pergunta é sobre como você avalia o perfil dele (esse segundo professor), considerando que você veio de um processo de autoaprendizagem, ele conseguiu atender as suas expectativas?

Flávio – Consegui bastante, e foi até além, [...] porque sempre tem aquela coisa que muita gente diz, AH EU DEMOREI TANTOS ANOS PRA TOCAR, e no final das contas a pessoa nem toca tanto. Mas, depois dessas aulas, em pouco tempo, eu já estava tocando muito mais do que quando eu comecei. Foi pouco tempo para o tanto que eu tinha aprendido... Até levei um susto nisso e eu pensei CARAMBA! (Entrevista, 08/04/2015, p.7)

Heraldo – Pelo que aparenta não tem nenhum ponto negativo que você atribui ao processo que ele te propôs.

Flávio – [...] eu creio que não porque, como eu te falei, foi uma coisa muito tranquila, pelo fato das aulas serem na casa dele e eu ser o último aluno do dia. A gente ficava horas e horas com ele me mostrando bandas diferentes, ou visões diferentes de uma mesma coisa. (Entrevista, 08/04/2015, p.8)

Flávio precisou parar com suas aulas por cerca de sete meses por questões financeiras, mas continuou praticando o que tinha aprendido com o segundo professor, inclusive aplicando esses conhecimentos na sua banda.

Heraldo: Você aplicava esses conhecimentos na sua banda?

Flávio – Eu aplicava sempre, eu sempre tentei aprender a improvisar que inclusive é uma coisa que eu aprendi faz pouco tempo. Eu só comecei a improvisar depois que eu tinha saído da aula, mas eu já tinha aprendido a parte teórica do improviso, que é a parte que você está aprendendo as escalas e os seus “*Shapes*”⁶⁸. Aprendi alguns

68 Shapes – Formatos, desenhos das escalas utilizadas na guitarra.

exercícios mecânicos e aí eu comecei a tentar aplicar na banda. Quando os ensaios aconteciam, no final, a galera ficava tocando uma sequência de acordes e eu ia tentando improvisar em cima daquilo. Foi quando eu comecei a colocar para fora umas coisas da cabeça, é um dos pontos que eu julgo que ainda tenho necessidade de fazer aula. (Entrevista, 08/04/2015, p.12).

Depois desse período, ele retorna às aulas com seu professor, mas desta vez ele relata que foi muito diferente do primeiro período. Detectei, aqui, um sensível amadurecimento como aprendiz, pois a sua forma de absorver os conteúdos estava mais precisa e com uma assimilação mais eficiente.

Heraldo: como foi esse retorno?

Flávio – Foi bacana, porque eu voltei sentindo que eu estava mais “esponja”, digamos assim, conseguindo absorver mais coisas que eu demorava duas aulas (cada aula tinha 1 hora de duração) para pegar, e neste retorno eu demorava apenas quinze minutos [...]

Heraldo: Graças à pausa?

Flávio – Eu acho que por causa da pausa não, mas... Também né? Porque foi assim, eu estava fazendo as aulas e tal, aí eu tinha muita coisa para estudar, eu acabava deixando passar uma ou outra coisa. Quando eu tive essa pausa, foi um tempo que tive para poder organizar os conhecimentos, de treinar e tentar fazer por minha conta. Foi sentar e estudar. Por exemplo, EU TENHO QUE APRENDER CAMPO HARMÔNICO, O QUE É UM CAMPO HARMÔNICO? Então foi mais uma questão de organização das coisas que eu tinha visto e aprendido com ele. (Entrevista, 08/04/2015, p.12)

3.4.4 “A internet te mostra, mas não te analisa⁶⁹” – Orientação da informação na internet.

Um dos recursos (atributos pessoais) mais utilizados por muitos dos entrevistados foi o acesso às informações por meio da internet. Alguns jovens utilizaram com mais intensidade do que outros, mas nenhum dos entrevistados descartou esse recurso quando teve oportunidade de utilizá-lo. Na análise dos dados, detectei que esse meio digital de aprendizagem provocou motivações diversas, ampliou conhecimento, despertou novos interesses e até respondeu muitas questões que os autoaprendizes desenvolviam ao longo dos seus processos. Entretanto, em alguns momentos também gerou questionamentos sobre a confiabilidade dessas informações.

Um dos critérios para seleção dos participantes desta pesquisa foi que o autoaprendiz tivesse acesso à internet e que navegasse com razoável frequência, principalmente porque minha interação com eles se daria por esse meio. Mas também considerei que seria importante constar nesta pesquisa algumas percepções desses jovens a respeito do impacto que a internet causou nas suas trajetórias de autoaprendizado, visto que a comunicação digital tornou-se parte significativa das práticas musicais contemporâneas e de sua aprendizagem.

Nas entrevistas (Apêndice 4), interessei-me em investigar pontualmente três questões sobre a utilização da internet na formação musical dos jovens guitarristas. A primeira foi se a internet era um meio motivador (atributos pessoais) para o aprendiz iniciante de guitarra, a segunda dizia respeito à confiabilidade das informações disponibilizadas na rede e a terceira foi para entender se um orientador musical poderia contribuir na seleção dessas informações. Para minha surpresa, todos os jovens tinham opiniões sólidas nas suas avaliações sobre essas questões.

Nos relatos que estão a seguir os jovens demonstram um senso crítico, o que se alinha com os processos autônomos observados nos outros contextos de

69 Frase relatada por Stevie (Entrevista, 29/03/2015, p.23.).

aprendizagem (duas das dimensões do modelo *SDL*), mostraram-se maduros e com senso crítico interessante, apurado e consciente.

O jovem Stevie utilizou o recurso de pesquisa na internet sobre música e guitarra como autoaprendiz mesmo depois que iniciou seus estudos com orientação musical. Mas, ele tem ressalvas sobre o rendimento do autoaprendizado somente por meio da internet e aponta o porquê ele considera essencial o aprendizado com um orientador musical.

Heraldo – Como você vê o papel do professor atualmente e todas as possibilidades de aprendizagem musical que a internet oferece?

Stevie – Eu vou falar meu ponto de vista. Eu acho que a internet te faz procurar um professor. Por quê? Por exemplo, quando você está vendo um vídeo de aula ou de um show você não vai conseguir saber o jeito certinho de tocar aquilo. Às vezes, você tem perguntas para fazer do tipo, se eu fizer desse jeito? Mas, se eu fizer assim ou assado? O vídeo não vai te responder. Mas, se você tiver aula com um professor ele irá te dar motivação, objetivo, etc. A internet é um negócio muito aleatório, até é legal porque dá para fazer muitas coisas. Mas, se eu começo a tentar tirar uma música e não consigo tirar tudo aquilo, procuro outro vídeo que também é muito legal e assim você vai indo desse jeito. Então você fica querendo abraçar o mundo. Mas, com o professor não. Ele vai te dar a motivação para estudar. Você tem aquela obrigação de levar aquele estudo que ele te pediu para fazer na próxima semana. EU TENHO QUE APRESENTAR ISSO AQUI PARA O PROFESSOR, EU TENHO QUE MOSTRAR ISSO AQUI PARA O PROFESSOR. Então, um profissional vai te ouvir tocando e, então você vai ter uma análise sobre o que você está fazendo. Ele faz adendos e fala se você está tocando bem e o que você pode fazer para melhorar. E isso só se consegue com professor. Para mim é insubstituível. A internet não te analisa, a internet te mostra. (Entrevista, 29/03/2015, p.23)

Antes das aulas com o seu professor de guitarra, Flávio tinha muitas dificuldades de aprender assistindo aos vídeos no *Youtube*. Porém, após um tempo de aulas, ele relata que sua forma de aprender mudou consideravelmente.

Heraldo – Você respondeu que aprender via internet muitas vezes era complicado e meio frustrante, mas a partir dessa orientação musical a sua forma de aprender usando a internet mudou completamente.

Flávio – Mudou sim, eu comecei a ver assuntos e vídeos, de uma maneira totalmente diferente, não só pela quantidade de conhecimento que eu tinha adquirido, mas também pela maneira que eu estava revendo aquelas coisas. Por exemplo, antigamente, quando eu assistia a um vídeo, eu prestava atenção somente na sonoridade como um todo, mas depois das aulas eu estava prestando atenção em outros aspectos, como a precisão técnica dos guitarristas, a velocidade e principalmente no aspecto da criatividade propriamente dita. (Entrevista, 08/04/2015, p. 8).

No próximo relato, esse jovem tece sua avaliação sobre a orientação para uso da informação disponível na internet.

Heraldo – [...] O professor, atualmente, faz a diferença junto à utilização da internet?

Flávio – Faz, sem dúvida nenhuma. O professor tem uma função de guia, [...] Nem todo mundo sabe pesquisar. A internet é cheia de coisas boas, cheia de coisas ruins, cheia de informações certas e erradas, e então até mesmo na questão de saber procurar o professor é essencial. (Entrevista, 08/04/2015, p.8).

A jovem Michele começou seu autoaprendizado sem utilizar a internet para pesquisas de conteúdo musical. Porém, anos depois, já com as orientações nas aulas particulares e do curso de nível superior, passou a utilizá-la sem muita frequência para o seu aprendizado. Apesar da pouca presença desse recurso no seu processo de autoaprendizado, Michele faz uma avaliação como professora de guitarra, ou seja, agora como uma orientadora musical que também é.

Heraldo – Como você vê o papel do professor de música e todas essas possibilidades de autoaprendizagem musical que a internet oferece. Você acha que o papel dele muda?

Michele – Então, na internet você tem “tudo” que você quiser achar de informação, mas o aprendiz iniciante não sabe por onde começar, não sabe a ordem, então eu acho que esse é o papel principal do orientador. Eu penso assim até por experiência própria, por conta dos alunos que chegam a mim. Eles chegam achando que sabem tudo, mas não sabem nada por conta da confiança na internet. Eu acho tudo muito superficial na internet. Você acessa a informação, mas muitas vezes você não sabe o porquê daquilo. (Entrevista, 29/03/2015, p.13)

No próximo relato, Michele se alinha com a opinião de Stevie a respeito da orientação por meio dos vídeos postados por professores e demais usuários. Ela também considera que o orientador fará intervenções sobre seu rendimento no aprendizado e afirma que isso é impossível por intermédio de um vídeo previamente gravado.

Heraldo: E aí o professor faria total diferença?

Michele: Totalmente! Não só no que você deveria aprender como conteúdo, mas também na sua postura de como pegar no instrumento. Por mais que você busque conteúdo na internet você não vai ter alguém te explicando que seu dedão está posicionado de forma errada, que você está forçando o ombro e até pode desenvolver tendinite. Então neste aspecto eu acho que isso internet não ajudaria. (Entrevista, 29/03/2015, p.14)

No relato desta jovem, ela afirma que “não vai ter alguém te explicando”, mas é importante observar que ela se refere pontualmente aos conteúdos textuais e/ou em vídeos existentes em sites na internet, onde normalmente, não há nenhum tipo de contato com o professor, pois nem sempre, estes materiais didáticos são postados por professores de música ou de guitarra. Mas, atualmente é possível ter algum tipo de retorno para explicações de dúvidas que o aprendiz tenha. Essa comunicação pode ser via *email*, fóruns de discussão, etc. Este é um modelo intermediário entre assistir aulas no *Youtube* e ter aulas através de programas para videoconferência, como por exemplo, o próprio *Skype*. É importante ressaltar que os entrevistados relataram suas experiências vivenciadas num momento de suas vidas onde essas novas formas tecnológicas de ensino on-line não existiam ou, por razões diversas, não possuíam acesso a elas.

Daniele também leciona guitarra e mostra-se muito preocupada com os conteúdos não muito confiáveis que transitam pela internet. Mas, ela faz uma observação interessante a respeito do distanciamento do aprendiz com o fazer musical coletivo.

Neste caso, ela se refere aos guitarristas iniciantes não demonstrarem motivações para formar bandas por conta do uso da internet de forma exagerada.

Heraldo - Você acredita que as pessoas que querem aprender a tocar guitarra acreditam que a internet é um estimulador para começar?

Daniele – Ah, eu acho que (ela fala lentamente e melodiosamente, com um ar de leve desdém) em partes. Eu acho que o contato com pessoas que tocam deveria ser mais importante. Mas, voltando ao assunto, eu acho que a internet está deixando as pessoas muito desfocadas, digo até por mim, porque como eu peguei bem a transição – a fase que não tínhamos internet e a fase que temos internet. Eu percebo que quando não tinha internet as informações eram mais decupadas. Você pegava uma informação nova e você ficava muito tempo trabalhando nela, ficava tocando e quando você pegava um método... NOSSA aquilo ficava puído na tua mão. Hoje em dia eu acho que o acesso rápido a muitas informações, de certa forma, acaba desestimulando. [...] Eu acho que ser autoaprendiz hoje em dia, de certa forma é mais fácil por conta do acesso a informação ser bem mais rápida [...] Mas ao mesmo tempo com muita informação você não consegue processar tudo. (Entrevista, 31/03/2015, p.14)

Apesar dessa visão um pouco negativa sobre a utilização da internet para o aprendizado de música e guitarra, Daniele acredita que a orientação do professor pode reverter essa condição e fazer com que a internet seja mais um recurso positivo. Mas, apesar do grande volume de informação, ela percebe que os alunos atuais, que acessam à internet, não diferem dos que iniciaram seus aprendizados nos tempos que o acesso era limitado para poucos usuários.

Heraldo – O professor fará diferença nesse caos de informação? Como você vê o papel dele antes e depois da internet?

Daniele – Eu acho que sim e faz muita diferença. Eu acho que através do professor você consegue dar uma organizada nas informações que te chegam. Apesar de ter muitos recursos na internet eu ainda vejo meus alunos com os mesmos questionamentos que eu tinha há oito anos quando eu comecei a tocar quando não existia a internet para mim. Eu vejo o aluno chega a mim e ele tem a internet, tem a ferramenta, tem acesso a milhões de métodos e milhões de playbacks num estalo, mas ele chega para mim com as mesmas dúvidas. Então não vejo que a internet faz diferença nesse quesito de processar a informação, a informação chega, mas o processamento deve ser estimulado através de outra pessoa, no caso o professor, te falando e fazendo você enxergar a informação de outra forma. (Entrevista, 31/03/2015, p.16)

Jason finalizou seu curso de Licenciatura em música e tem uma trajetória que transitou entre o autoaprendizado e o aprendizado orientado. Atualmente, começou a ter aulas na White Green (WG) Escola de música situada em Campinas (SP) para seguir seus estudos focando exclusivamente no aperfeiçoamento desse instrumento. Mesmo assim, ele continua utilizando a internet e seus recursos para auxiliar seu constante processo de aprendizado, mas como os jovens já citados nesse tópico, Jason considera que é preciso saber utilizar os recursos que a rede oferece, caso contrário pode ter um efeito diferente do esperado.

Jason – Atualmente a internet virou um meio, tanto na parte de comunicação quanto na parte de estudo. Por exemplo, o *Youtube* é uma fonte muito grande de informações. Lá é possível ter acesso as vídeoaulas com exercícios sobre uma música e também, sobre a interpretação ao vivo. Você pode assistir e pausar para ver como a pessoa faz não se limitando apenas na audição, pois agora existe a parte visual ao mesmo tempo. A internet ajudou muito nesta questão visual. No meu dia a dia, eu uso muito o *Youtube* para estudar. Só que tem um porém. Ao mesmo tempo em que ela pode te ajudar ela também pode atrapalhar, caso você não souber usá-la. Existe muito conteúdo e isso pode deixar a pessoa um pouco perdida nos caminhos que tem ali dentro. É preciso ter um bom foco pelo que você quer buscar senão você acaba se perdendo. (Entrevista, 03/04/2015, p.16).

Jason faz uma analogia para explicar o valor da orientação realizada por um professor para utilizar a informação na internet, onde o orientador pode mapear seu caminho para que o aprendiz possa seguir sua jornada de aprendizado com mais eficiência. Mas mesmo assim, reconhece de valor o percurso errante do aprendiz.

Heraldo – E um professor ou orientador, ele ajudará na seleção dessas informações na internet?

Jason – Melhor porque por mais que nós tenhamos todas essas ferramentas ele vai te orientar para aquele caminho, como no exemplo do país, você quer achar onde está um rio, o professor vai mostrar o mapa para você, VOCÊ TEM QUE PASSAR POR ESTA ALDEIA, TEM QUE PASSAR POR ESTA OUTRA ALDEIA E VOCÊ VAI ENCONTRAR O RIO. Agora, quando você está sozinho e sem orientação, você não tem o mapa. O que vai acontecer? Você fará assim, VOU SEGUIR OS MEUS INSTINTOS, VOU LÁ E ANDAR NESTA DIREÇÃO VAMOS VER AONDE VAI DAR. DAI EU VOU ENCONTRAR UMA ALDEIA, NESSA ALDEIA EU PERGUNTO PRO

CARA COMO EU FAÇO PARA CHEGAR NAQUELE RIO, e ele me diz EU NÃO SEI CHEGAR NESTE RIO, TALVEZ A OUTRA ALDEIA SAIBA, daí eu faço outro caminho. Eu vou caindo de caminhos e caminhos até que no final eu consigo chegar lá, só que se eu tivesse o professor orientador ele iria me orientar me dando o mapa e assim eu chegaria muito mais rápido do que se eu fosse tentar sozinho. Porém, nessa ida às aldeias eu aprendi muitas coisas com eles também, eu tive oportunidade de conhecer outros povos e outras culturas e conseguindo chegar até o final. (Entrevista, 03/04/2015, p.17)

Neste tópico, apresentei alguns relatos a respeito da internet como recurso de aquisição de informações sobre música e seus conteúdos para o autoaprendizado de guitarra e em música. A maioria dos jovens apontou que uma orientação musical, além de trazer os benefícios musicais, também pode favorecer ao aprendiz uma forma mais seletiva e confiável da informação.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa originou-se tanto do meu próprio percurso como músico quanto de minha experiência como professor de guitarra. Motivações por orientação musical recorrentes tanto na minha trajetória de autoaprendiz, quanto na de vários jovens autoaprendizes que me procuraram para orientação, levaram-me a indagar acerca dessa motivação.

A revisão bibliográfica indicou que pouca atenção foi dada a esse aspecto. Em vista disso, desenvolvi a pesquisa convidando jovens guitarristas autoaprendizes para serem parceiros nessa empreitada. O levantamento de dados realizado por meio da internet mostrou-se muito eficiente e rico de possibilidade. A categorização do material coletado indicou expressiva autonomia dos nove jovens participantes da investigação para desenvolverem-se musicalmente.

Esse resultado parcial conduziu-me à busca de um fundamento conceitual capaz de auxiliar na interpretação dessa autonomia. A escolha do modelo *SDL* mostrou-se eficaz para a compreensão sobre as trajetórias dos jovens autoaprendizes de guitarra. Em contrapartida, conhecer o conceito da aprendizagem autodirecionada foi providencial para que análise dos dados pudesse ser realizada de forma minuciosa para atender ao objetivo desta pesquisa.

Para responder às perguntas iniciais da investigação, o modelo tridimensional *SDL* foi adaptado para o contexto de aprendizagem musical, possibilitando, assim, identificar que os jovens autoaprendizes apresentaram características de autodirecionamento em todas as dimensões existentes no modelo. Na primeira dimensão (atributos pessoais), os aprendizes demonstraram que são intensamente motivados e por isso desenvolveram estratégias aliadas aos recursos disponíveis, cada qual nas suas condições, para resolverem seus problemas nas suas trajetórias de aprendizado.

Para todos os jovens, a motivação mais importante para que a trajetória musical fosse iniciada deve-se aos primeiros contatos com instrumentos musicais. Mas, quando a guitarra cruza seus caminhos, o encantamento, os desejos, os

sonhos de se tornarem grandes guitarristas dão a esses aprendizes o combustível para buscarem as estratégias e os recursos para que esse objetivo fosse realizado.

Listo, aqui, outras motivações recorrentes entre os jovens para autoaprendizagem em música:

- a) Incentivo familiar;
- b) Tocar com amigos;
- c) Desejo de seguir um modelo (ídolo, professor, etc.);
- d) A dificuldade como desafio motivador;
- e) Situações frustrantes revertidas como motivadoras;
- f) Curiosidade por vários instrumentos e
- g) O ato de tocar músicas de que mais gosta.

Cada jovem demonstrou um conjunto de atributos pessoais singulares que variam de acordo com as suas personalidades, ambiente familiar, cultural e social, portanto, integrados aos contextos de aprendizagem musical. A seguir, listo as estratégias e recursos mais utilizados, buscados de acordo com algumas dessas motivações:

- a) Aprender a música de ouvido;
- b) Utilizar os softwares especializados em guitarra;
- c) Acessar a internet para aprender a partir de músicas cifradas e/ou com tablaturas em sites especializados;
- d) Utilizar as revistas impressas especializadas em guitarra;
- e) Usar os vídeos de shows e vídeoaulas no *Youtube*;
- f) Aprender com os amigos;
- g) Utilizar os recursos tecnológicos;
- h) Buscar os orientadores por meio da internet em videoconferência e
- i) Pesquisar por orientadores presenciais.

A segunda dimensão (processos autônomos), como já exposto, esteve presente permanentemente nas trajetórias dos participantes da pesquisa. Esses relataram constantes autoavaliações e monitoramentos nas suas ações como autoaprendizes e nos períodos quando estavam sendo orientados, inclusive em relação aos seus orientadores. Por consequência, os planejamentos estavam alinhados a partir da reflexão das avaliações e monitoramento.

Na terceira dimensão (contexto de aprendizagem), ficou claro que o contexto de aprendizagem musical propicia um nível alto de autodirecionamento, dando ao aprendiz grandes possibilidades e oportunidades para que ele tenha autonomia para alcançar seus objetivos musicais bem como desenvolver uma maturidade para que seus estudos sejam mais eficientes.

Resultados

Por que buscar uma orientação musical?

Todos os jovens manifestaram motivações diferentes para buscarem algum tipo de orientação musical. Alguns se motivaram para melhorar suas práticas musicas nas próprias bandas (Flávio e Mirela), outros, por dificuldades que não conseguiram sanar (Stevie, Jason, Flávio e Ludmilla).

Duas jovens (Michele e Josina) foram motivadas pela decisão de se profissionalizar e até pela autoavaliação de que o autoaprendizado não daria as condições de rendimento esperado (Daniele). Observa-se, ao longo da pesquisa, que o autoaprendizado requer muita força de vontade, autonomia, automotivação e determinação, atributos que todos os jovens participantes demonstram ter.

Evidencia-se que, em suas autoavaliações sobre o alcance dos seus limites no autoaprendizado, não se abateram e foram determinados a buscarem uma orientação musical. No entanto, nesse percurso alguns autoaprendizes podem até desenvolver certa angústia por não conseguir avançar o quanto desejam e, assim, correr o risco do desânimo tomar conta dessa situação e até desistir de continuar.

Esse momento foi superado quando a orientação musical se apresentou como um novo recurso para que dúvidas e sensações de incapacidades pudessem ser resolvidas, e assim conseguir avançar para a concretização dos objetivos musicais.

Os dados indicam diferentes níveis de autodirecionamento entre os jovens. Daniele, por exemplo, não conseguiu desenvolver um nível de motivação suficiente para sua iniciação na guitarra, entretanto Michele, Stevie, Josina, Ludmilla, Mirela tiveram altos níveis motivacionais para iniciarem suas trajetórias de aprendizado. Enquanto Flávio, José e Jason tiveram níveis motivacionais menos intensos.

Avaliando os períodos com os orientadores

Os relatos de Stevie, Michele e Flávio acerca de suas experiências com seus orientadores sintetizam alguns aspectos que foram comuns a todos os participantes desta pesquisa. Todos consideraram que ter uma orientação musical adequada traria benefícios para o aprendizado, inclusive para que um possível momento de retomada do autoaprendizado fosse mais maduro e eficiente.

A alternância entre o aprendizado orientado e o autoaprendizado foi uma constante em todos os casos. Compreendi, durante a pesquisa, que essa alternância funcionou como uma estratégia para que o conhecimento pudesse ser incorporado com mais eficiência, considerando que ambas as formas de aprendizado se complementam, dando suporte uma à outra.

É relevante pontuar que todos os jovens sempre estiveram atentos, autoavaliando-se e avaliando as suas orientações durante todo o processo. Em alguns momentos, alguns dos jovens, ao perceberem que a orientação não estava de acordo com seus objetivos, rapidamente a abandonava para encontrar outra mais adequada.

A maioria dos participantes da pesquisa teve suas primeiras experiências de orientação musical como alunos de professores de guitarra particulares e apenas a jovem Michele escolheu iniciar seus estudos orientados na música diretamente em uma escola. Observei que essa preferência, quase absoluta, deu-se por conta

desses orientadores não utilizarem um método rígido, ou até mesmo uma metodologia pré-estabelecida, criando assim um atendimento personalizado.

Os jovens que fizeram essa escolha demonstraram mais tranquilidade para exporem a esses professores suas necessidades e por estarem, de certa forma, com o controle sobre o que gostariam ou precisavam aprender.

Outros jovens (Michele, Jason, José e Ludmilla) depois de passarem por essa primeira experiência, mostraram-se mais instrumentalizados e amadurecidos para seguir seus aprendizados em contextos formais, que neste caso foram os cursos de música do nível superior.

Esses resultados indicam que a relação entre o autoaprendizado e o aprendizado orientado não se limita a ser linear, isto é, o autoaprendizado deixando de ocorrer a partir da opção pelo aprendizado orientado. O modelo *SDL* desvelou que os atributos pessoais dos jovens, suas capacidades de se monitorarem, se autoavaliarem e planejarem em um contexto altamente favorável ao aprendizado autodirecionado (contexto musical), possibilitou verificar uma relação de alternância, em todos jovens, entre o autoaprendizado e o aprendizado orientado, e de simultaneidade, em alguns.

A internet e a orientação musical

Stevie, Flávio, Michele, Daniele e Jason relataram suas experiências na utilização da internet para buscar informações e conhecimentos musicais. Eles constataram que as informações disponíveis na internet não possuem muitas garantias de confiabilidade quando se é um pesquisador inexperiente.

Neste caso, um orientador musical pode fazer significativa diferença sobre essa questão da seleção da informação. Todos confirmam que a internet proporciona grande motivação para o autoaprendiz de guitarra iniciante, mas é preciso saber pesquisar para que esta motivação não tenha o efeito contrário.

Além da pesquisa da informação, é importante ressaltar os recursos que estão disponibilizados na internet. Nesse cenário, o site *Youtube* foi amplamente utilizado por todos os jovens, pois além dos vídeos de shows de vários artistas,

oferece também quantidade de vídeoaulas que são produzidas por músicos amadores e profissionais.

Um dos jovens lembra que qualquer vídeoaula, por melhor que seja, não garante que o conteúdo que está sendo exposto será compreendido pelo seu espectador aprendiz. Stevie resumiu essa questão numa frase, “a internet não te analisa, a internet te mostra”.

Boa parte dos jovens desta pesquisa postou vídeos das suas performances em seus canais pessoais no *Youtube*. Nas entrevistas, criei a situação de assistirmos a estes vídeos com cada um dos jovens (dos que tinham vídeos postados no *Youtube*) para que eles fizessem uma autoavaliação entre as performances mais antigas e as atuais.

Nesse processo de interação, a maioria dos jovens surpreendeu-se com suas transformações no que tange à evolução pré e pós-orientação musical. Curiosamente, eles não tinham consciência de que seus vídeos mostravam como suas performances estavam se modificando ao longo das suas trajetórias, o que me fez entender que estas postagens foram motivadas para que eles pudessem divulgar suas performances nos seus canais do *Youtube*. Porém, após a experiência de assistirmos aos vídeos, perceberam que essas postagens de vídeos mostraram-se como mais um recurso para autoavaliação e monitoramento eficaz, e mais uma vez, vemos aqui como os processos autônomos estão presentes.

Outro recurso muito utilizado diz respeito aos sites que disponibilizam músicas cifradas e com tablaturas, tendo destaque para site brasileiro Cifra Club. Para alguns desses jovens, a tablatura não foi um recurso tão simples de ser compreendido para ser utilizado, mas com a utilização do software *Guitar Pro* foi possível resolver esse problema no período de autoaprendizado. Com exceção do software *Guitar Pro*, os demais recursos descritos são todos gratuitos, e por esta razão considero como outro fator motivador para o autoaprendiz de guitarra iniciante.

Outros resultados

Nesta pesquisa, também foi detectado que, de modo geral, os jovens desenvolveram múltiplos papéis, como os casos de Michele, Josina, Mirela, Ludmila, Daniele e José. Eles são autoaprendizes, possuem orientação, são instrumentistas profissionais e também alcançaram a profissão de orientadores musicais. Suas experiências de alternância entre o aprendizado orientado e autoaprendizado fizeram com que se tornassem estudantes mais focados e maduros, mas também adquiriram referências significativas para um atendimento personalizado aos seus alunos.

Apenas os jovens Flávio e Stevie não se profissionalizaram e consideram-se amadores, mas são autoaprendizes, são orientados e são instrumentistas nas suas bandas de música autoral. Sendo profissionais ou não, todos demonstram grande motivação e dedicação nos seus processos de autoaprendizado e no período que tiveram a orientação musical.

Um aspecto que me chamou atenção foi sobre o desenvolvimento da criatividade artística desses jovens guitarristas. Em um momento das entrevistas, perguntei se eram compositores, e apenas Stevie, José, Flávio e Daniele disseram que sim, por conta das suas bandas autorais. Os demais não se consideravam aptos ou preparados para compor. A maioria desses jovens foi motivada a buscar orientação para aprenderem a improvisar, mas por alguma razão eles não entendiam essa condição musical como uma forma de criatividade artística. Foram poucos os relatos sobre o incentivo dos orientadores para a composição, limitando-se as técnicas de improvisação tradicionais de *Blues* e *Jazz*.

Implicações dos resultados da pesquisa para a educação musical

Reavaliando as metodologias de orientação

O autoaprendiz desenvolve, ao longo de sua trajetória, uma forma de aprender personalizada. Seus gostos musicais, seu ambiente familiar, sua vida sociocultural e até mesmo religiosa vão participar da construção de conhecimento e saberes.

Por essa razão, é de grande importância que os orientadores considerem que esse tipo de aprendiz necessita de uma atenção diferenciada. Esses aprendizes possuem um atributo pessoal importante, a capacidade de autoavaliação, mas também avaliam constantemente seus orientadores. Em virtude disso, penso que, dependendo da metodologia adotada para estes tipos aprendizes, as chances de ineficiência são razoavelmente grandes.

Na análise de dados, alguns jovens relataram que tiveram alguns momentos de dificuldades de seguirem algumas metodologias, uns conseguiram se adaptar, porém outros decidiram procurar outros orientadores.

O conhecimento do conceito de aprendizagem autodirecionada (*SDL*) poderá ajudar e, até mesmo, motivar muitos professores de guitarra a aprimorar suas metodologias. É provável que muitos professores de guitarra tenham passado por esse processo, talvez até inconscientemente, sem ter conhecimento sobre sua existência. A aprendizagem autodirecionada, conforme foi apresentada nesta investigação, é uma estratégia didática que pode ser incorporada em contextos institucionalizados de aprendizagem musical como o relatado por Lebler (2008) onde o *SDL* foi utilizado por esse autor em curso de graduação em música popular na Austrália.

A produção acadêmica brasileira voltada para a guitarra elétrica ainda é muito pequena, como pude constatar na revisão bibliográfica. Mais investigações acerca do universo da guitarra elétrica são necessárias, pois este instrumento ainda possui muita visibilidade e continua sendo um dos mais procurados por iniciantes em

música. Mas também compreendo que a academia ainda tem muitas restrições no aceite de pesquisas relacionadas a este instrumento.

Saliento aqui mais algumas questões que foram despertadas nesta pesquisa para futuras investigações:

- 1) Conhecer os procedimentos metodológicos utilizados por professores de guitarra formais e informais.
- 2) Avaliar a eficácia da aplicação das características do aprendizado autodirecionado em cursos de formação musical.
- 3) Os orientadores estão aparelhados o suficiente para compreender e atender este aprendiz que transita entre o autoaprendizado e o aprendizado orientado por professores?
- 4) Quais tecnologias estão sendo utilizadas por professores e alunos de música como ferramentas de aprendizado?

Este período de pesquisa ampliou minhas reflexões e perspectivas sobre o aprendizado e o ensino de música e da guitarra elétrica. Meu próprio processo investigativo foi uma transformação de um pesquisador empírico autoaprendiz para um pesquisador científico com orientação profissional. Conhecer os conceitos da andragogia e da aprendizagem autodirecionada me mostraram o quanto eu os estava aplicando. Portanto hoje, posso me autoclassificar como um aprendiz autodirecionado. Na minha trajetória como docente, de alguma forma, sempre busquei ensinar meus alunos como desenvolverem autonomia de aprendizado e o modelo tridimensional *SDL* servirá como uma ferramenta para este propósito. Este modelo auxiliou-me a entender como os processos de autoaprendizado acontecem, e principalmente que não são lineares.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Usos e abusos dos estudos de caso. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 129, p. 640-642, 2006.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n129/a0736129.pdf>

Acesso em 06 out 2014

ALVES, Elioenai D.; VOGT, Maria Saleti Lock . REVISÃO TEÓRICA SOBRE A EDUCAÇÃO DE ADULTOS para uma aproximação com a andragogia. Educação (São Paulo), UFSM - Santa Maria RS, v. 30, n.2, p. 195-214, 2005.

Disponível em:

<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/3746>

Acesso em: 06 mar 2016

BAKER, David. Jazz Pedagogy. USA: Maher Publications, 1989.

CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

CASTRO, G. A. S. As "sonoridades" da guitarra elétrica: discussão de conceitos e aplicações. In: Encontro de Música e Mídia, 2010, São Paulo. Anais... São Paulo, 2010.

Disponível em:

[http://www.musimid.mus.br/6encontro/pdf/6%20Musimid%20\(2010\)%20-%20Guilherme%20Augusto%20Soares%20de%20Castro.pdf](http://www.musimid.mus.br/6encontro/pdf/6%20Musimid%20(2010)%20-%20Guilherme%20Augusto%20Soares%20de%20Castro.pdf)

Acesso em 21 abr 2014

COLLIER, J. *Jazz: a autentica musica americana*. Trad. Carlos Sussekind e Teresa Rezende costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

CORRÊA, M. K. *Violão sem professor: um estudo sobre processos de autoaprendizagem com adolescentes*. 2000. 191f. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

DENYER, R. Toque - Curso complete para Guitarra e Violão. Trad. Ingrid Lena Klein e Jose Augusto Lemos. Rio de Janeiro: Rio Gráfica e Editora Ltda., 1982.

DIEB, E. A. A produção musical do grupo Língua de trapo na vanguarda paulista e sua contemporaneidade, São Paulo, Revista Comtempo, v.5, n.5, p.1-14, 2013

Disponível em:

<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo/article/viewFile/8376/7935>

Acesso em 05 out 2014

FLICK, U. *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor, 2005.

FREITAS, H. ; JANISSEKMUNIZ,R.; ANDRIOTTI, F. K.; FREITAS, P.; COSTA, R. S. Pesquisa via Internet: características, processo e interface. Revista Eletrônica GIANTI , Porto Alegre, p.1-11, 2004.

Disponível em:

http://www.ufrgs.br/gianti/files/artigos/2004/2004_140_rev_eGIANTI.pdf

Acesso em 10 out 2014

GALLO, I. C. D. Por uma historiografia do punk. Projeto História (PUCSP), v. 41, p. 283-314, 2010

Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/6542>

Acessado em 05-10-2014

GARCIA, M. R. *O ensino de guitarra elétrica no contexto de aulas particulares*. In: CONGRESSO DA ABEM, 19., 2010, Goiânia. *Anais...* Goiânia: UFG, p. 1487-1496, 2010.

Disponível em:

http://www.academia.edu/2338141/O_ensino_de_guitarra_eletrica_no_contexto_das_aulas_particulares

Acesso em 11 maio 2014.

GARCIA, M. R. *Processos de auto-aprendizagem em guitarra e as aulas particulares de ensino do instrumento*. Revista da ABEM, v. 19, p. 53-62, 2011.

Disponível em:

http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista25/revista25_artigo5.pdf

Acesso em 21 abr 2014.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

Disponível em:

http://www.academia.edu/4405328/GIL_Antonio_Carlos_COMO_ELABORAR_PROJETOS_DE_PESQUISA_Copia

Acesso em 11 maio 2014.

GOHN, D. M. *Auto-Aprendizagem Musical: Alternativas Tecnológicas*.2002. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2002.

GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

Disponível em: <http://www.ufjf.br/labesc/files/2012/03/A-Arte-de-Pesquisar-Mirian-Goldenberg.pdf>

Acesso em 11 set 2013.

GOMES, R. B. *Por uma proposta curricular de curso superior em guitarra elétrica*. 2005. Dissertação (Mestrado em música) – Programa de pós-graduação em música, Centro de letras e artes, Universidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005

Disponível em: http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/cp020893.pdf

Acesso em 17 mar 2014

GREEN, L. How popular musicians learn a way ahead for music education. Brookfield: Ashgate, 2001.

GREEN, L. *Music, informal learning and the school: a new classroom pedagogy*. Abershot: Ashgate, 2008.

GREEN, L.; LEBLER, D.; TILL, R. Popular Music in Education Special Issue. *Journal of the International Association for the Study of Popular Music*, v.5, n. 1, p. 1-3, 2015.

GREEN, L. Ensino da música popular em si, para si e para 'outra' música: uma pesquisa atual em sala de aula. *Revista da ABEM*, v.20, n. 28, p. 61-80, 2012.

KNOWLES, M. S. *Self-directed learning*. New York (1975).: Association Press.

LACORTE, S.; GALVÃO, A. *Processos de aprendizagem de músicos populares: um estudo exploratório*. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 17, p. 29-38, set. 2007.

Disponível em:

<http://abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/278/208> - Acesso em 19 abr 2014.

LEBLER, D. Popular music pedagogy: peer learning in practice. *Music Education Research*, v. 10, n. 2, p. 193 -213, jun. 2008.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999. 260 p.

MANNING, G., *Self-Directed Learning: A Key Component of Adult Learning Theory*, *Journal of the Washington Institute of China Studies*, Summer 2007, Vol. 2, No. 2.

Disponível em:

MARQUES, A. *Processos de aprendizagens paralelas à aula de instrumento: três estudos de caso*. *Revista da ABEM*, v. 19, p. 37-44, 2008.

Disponível em:

<http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/257>

Acesso em 19 abr 2014

MATEIRO, T. *Eu quero estudar guitarra : um estudo sobre a formação instrumental dos licenciandos*. *OuvirOUver* (Uberlândia), v. 3, p. 139-152, 2007.

Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/432>

Acesso em 19 abr 2014.

MEDEIROS, F. J. B. *Guitarra Elétrica: um método para o estudo do aspecto criativo de melodias aplicadas às escalas modais de improvisação Jazzística*. 2002 Mestrado em Artes. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas. 2002.

Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000271599>

Acesso em 9 dez 2013

MIRANDA NETO, A. C. *A Guitarra Elétrica de Pepeu Gomes*. In: XV congresso da ANPPOM, 2005, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro, p. 1073-1082, 2005.

Disponível em:

<http://www.portaledumusicalcp2.mus.br/professor/docs/Affonso/mestrado%20affonso.pdf>

Acesso em 11 maio 2014.

NARITA, F. M. *Music, informal learning, and the distance education of teachers in Brazil : a self-study action research project in search of conscientization*. 2014. Tese (Doutorado em Music Education), Institute of Education - University of London.2014

NASCIMENTO,L.C. A história musical e os processos de aprendizagem fora da escola.VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, P. 1-9,2012.

Disponível em: http://educonse.com.br/2012/eixo_19/PDF/31.pdf

Acessado em 31-10-2015

NICOLAI-DA-COSTA, A. M.; ROMÃO-DIAS, Daniela ; LUCCIO, Flavia Di. O Uso de Entrevistas On-Line no Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). Psicologia. Reflexão e Crítica, v. 22, p. 36-43, 2009.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722009000100006

Acesso em 06 out 2014

NOGUEIRA, Bruno. Guitar Hero: novas práticas de consumo e cultura auditiva na música através dos videogames. Contemporânea (UFBA. Online), v. 8, p. 8, 2010.

Disponível em:

<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3698/2884>

Acesso em 03 abr 2016

PAIANO, V. C. "Investigando Ferramentas Síncronas e Assíncronas na Interação em Educação a Distância." 2007. Dissertação (Mestrado em tecnologias da informação e comunicação na formação em EAD), Universidade Norte do Paraná – UNOPAR e Universidade Federal do Ceará – UFC, Londrina, 2007.

Disponível em:

http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2960/1/2007_Dis_VCPAIANO.pdf

Acesso em 27 abr 2015

PFÜTZENREUTER, Allan César Tocar/jogar Rocksmith: as experiências de flow de jovens guitarristas que jogam games de música. Dissertação de Mestrado. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Música. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

Disponível em:

<http://hdl.handle.net/10183/77073>

Acesso em 23/07/2016

PHILPOTT, C. Assessment for self-directed learning in music education. In C. Philpott & G. Spruce (Eds.), *Debates in music teaching*. The Debates in Subject Teaching Series, London: Routledge, p. 1-11, 2013.

Disponível em:

http://www.rhinegoldeducation.co.uk/uploaded/ttm_teach%20meet%20paper%20chris%20philpott.pdf

Acesso em 13 nov 2015

RAMOS, Eugenio Maria de França. Introdução a Teorias de Aprendizagem e Modelos de Avaliação. Rio Claro / SP: UNESP, 2002 (publicação avulsa).

RECÔVA, S.L.. *Aprendizagem do músico popular: um processo de percepção através dos sentidos?*, Mestrado em Educação. Universidade Católica de Brasília, UCB/DF, Brasília. 2006.

Disponível em: http://www.bdt.d.ucb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=373

Acesso em 04 maio 2014

RODRIGUES, F. M.. *Processos de aprendizagem não-formais de violão e guitarra: uma abordagem da iniciação musical*. In: XIV Encontro Anual da ABEM, 2005, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, v. 1, p. 1-7, out 2005. Disponível em:

<http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/anais2005/Comunicacoes/26Fernando%20Macedo%20Rodrigues.pdf>

Acesso em 21 abr 2014

SMITH, M. K.. 'Malcolm Knowles, informal adult education, self-direction and andragogy', the encyclopedia of informal education, (2002)

Disponível em: www.infed.org/thinkers/et-knowl.htm.

Acesso em 12 mar 2016

SONG, Luyan; HILL, Janete R.. A Conceptual Model for Understanding Self-Directed Learning in Online Environments. *Journal of Interactive Online Learning* v. 6, n. 1, p. 27-42, Spring 2007. Disponível em: < www.ncolr.org/jiol>. Acesso em: 02 out 2015.

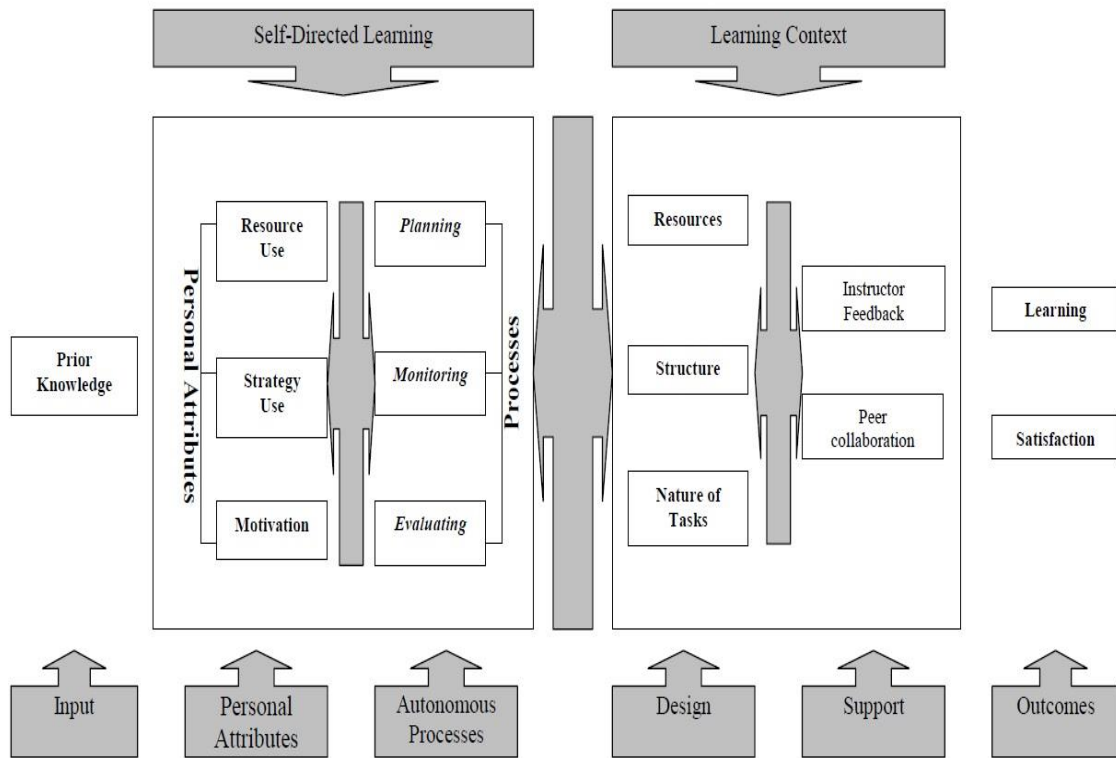
STAKE, R.E. - *Investigación com estudio de casos* - Ediciones Morata, S.L., Madrid, 1999.

STEBBINS, Robert. Educação para autorealização: processo e contexto. *Educação e Realidade*, ahead of print, p.1-16, 2015. Disponível em:
http://www.scielo.br/pdf/edreal/2015nahead/pt_2175-6236-edreal-51738.pdf
Acesso em: 07 abr 2016

VISCONTI, E. L. *A Guitarra Brasileira de Heraldo do Monte*. 2005. Dissertação de mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. Campinas, 2005
Disponível em:
<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000438295>
Acesso em 15 ago 2013

WILLE, R. B. . Educação musical formal, não-formal ou informal um estudo sobre processos de ensino e aprendizagem de adolescentes. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 13, p. 39-48, set 2005.
Disponível em:
<http://www.abemeduacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/323>
Acesso em 07 nov 2014

**APÊNDICE 1 – A Conceptual Model for Understanding Self-Directed Learning –
SONG;HILL (2007, p.11)**





PESQUISA SOBRE O AUTOAPRENDIZADO DA GUITARRA ELÉTRICA

Meu nome é Heraldo Paarmann e sou aluno
do curso de mestrado da UNESP (IA - Instituto de Artes)

Procuo jovens que aprendem ou aprenderam a
tocar guitarra sem o auxílio de um professor.

Se você:

Tem entre 18 e 29 anos;
Aprende ou aprende como autodidata;
Já estudou ou estuda com professor(es);
Publica seus vídeos no youtube;
Tem interesse em participar dessa pesquisa;

Você poderá me ajudar a compreender melhor esse universo de aprendizado.

Quer participar?

Caso você tenha interesse por favor entre em contato
através do meu perfil www.facebook.com/heraldopaarmann ou através
do meu email : heraldoguitar@hotmail.com

Obrigado!!

Mestrando : Heraldo Paarmann



PESQUISA SOBRE O AUTOAPRENDIZADO DA GUITARRA ELÉTRICA

Meu nome é Heraldo Paarmann e sou aluno
do curso de mestrado da UNESP (IA - Instituto de Artes)

ATENÇÃO GAROTAS GUITARRISTAS:

Procuro jovens do sexo feminino que aprendem ou aprenderam a
tocar guitarra sem auxílio de um professor

Se você :

- Tem entre 18 e 29 anos;
- Aprende ou aprende como autodidata;
- Já estudou ou estuda com professor(es);
- Publica seus vídeos no youtube;
- Tem interesse em participar dessa pesquisa;

Você poderá me ajudar a compreender melhor esse universo de aprendizado.

Quer participar?

Caso você tenha interesse por favor entre em contato
através do meu perfil www.facebook.com/heraldopaarmann ou através
do meu email : heraldoguitar@hotmail.com

Obrigado!!
Mestrando : Heraldo Paarmann



APÊNDICE 3 – Solicitação de compartilhamento do convite à minha rede de contatos no Facebook

Retornar ao álbum · Minhas fotos

Anterior · Próxima

PESQUISA SOBRE O AUTOAPRENDIZADO DA GUITARRA ELÉTRICA

Meu nome é Heraldo Paarmann e sou aluno do curso de mestrado da UNESP (IA - Instituto de Artes)

Procuo jovens que aprendem ou aprenderam a tocar guitarra sem o auxilio de um professor.

Se você:

- Tem entre 18 e 29 anos;
- Aprende ou aprende como autodidata;
- Já estudou ou estuda com professor(es);
- Publica seus videos no youtube;
- Tem interesse em participar dessa pesquisa;

Você poderá me ajudar a compreender melhor esse universo de aprendizado.

Quer participar?
Caso você tenha interesse por favor entre em contato através do meu perfil www.facebook.com/heraldopaarmann ou através do meu email : heraldoguitar@hotmail.com

Obrigado!!

Mestrando : Heraldo Paarmann

Curtir Comentar Marcar foto

Heraldo Paarmann
CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO DA MINHA PESQUISA DE Mestrado SOBRE O AUTOAPRENDIZADO DA GUITARRA ELÉTRICA!!!!

Peço a gentileza a todos meus amigos e colegas que fazem parte do meu perfil para compartilhar este convite de participação da minha pesquisa, obrigado !!!!

ATENÇÃO SOMENTE PODERÃO PARTICIPAR JOVENS QUE TENHAM ENTRE 18 E 29 ANOS DE IDADE... Ver mais

Curtir · Comentar · Desativar notificações · Compartilhar · Editar · 9 de outubro de 2014 · Editado ·

Fabio Grohi Hawkins, Silvio Jj, Ivan Capobianchi e outras 85 pessoas curtiram isso.
83 compartilhamentos

Marcello Amalfi é pra já!!!
9 de outubro de 2014 às 04:22 · Descurtir · 1

Daniilo Al Varenga Tenho sim o interesse, em que posso lhe ajudar amigo?
9 de outubro de 2014 às 04:22 · Descurtir · 1

Exibida na Linha do tempo

Álbum: Apresentações academicas

Compartilhado com: Público (editar)

- Marcar esta foto
- Add Location
- Alterar data

Abrir visualizador de fotos

Fazer download

Usar como foto do perfil

Usar como foto da capa

Usar como capa do álbum

Obter link

Procurar pessoas, coisas e locais

Heraldo Paarmann Página inicial 20+

Heraldo Paarmann compartilhou uma foto com o grupo **Aulas e Dicas de Guitarra**
 9 de outubro às 23:45 - São Paulo ·

Queridos, peço licença para postar aqui um convite convite para guitarristas participarem da minha pesquisa de mestrado.
 Minha pesquisa é sobre o aprendizado autodidata, porém, que em algum momento irá procurar ou procurou um professor. interessados por favor mandem mensagem inbox, ok?
 Obrigado e Abraços !!

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10204191955774634&set=a.10204138545199403.1073741834.1098991586&type=1&theater>



Heraldo Paarmann

CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO DA MINHA PESQUISA DE Mestrado SOBRE O AUTOAPRENDIZADO DA GUITARRA ELÉTRICA!!!!

Peço a gentileza a todos meus amigos e colegas que fazem parte do meu perfil para compartilhar este convite de participação da minha pesquisa, obrigado !!!!

ATENÇÃO SOMENTE PODERÃO PARTICIPAR JOVENS QUE TENHAM ENTRE 18 E 29 ANOS DE IDADE.

Interessados por favor responder este questionário do google docs (NO LINK LOGO ABAIXO) e mandem mensagem inbox me informando que está participando da seleção, ok?

<http://goo.gl/forms>

Obrigado !!! Bate-papo - (113)

Curtir · Comentar


e curtiram isso.

Escreva um comentário...

APÊNDICE 4 – Questionário on-line

20/10/2014

Questionário de seleção para a pesquisa de mestrado



[✎ Editar este formulário](#)

Questionário de seleção para a pesquisa de mestrado

"Jovens autoaprendizes de guitarra e a busca pela orientação musical sistematizada"
Mestrando: Heraldo Veridiano dos Santos

***Obrigatório**

Adicione a Data e horário que respondeu este questionário *

Exemplo: 03/05/2013 11h30

1) Dados pessoais *

Nome, Idade, Estado e Cidade

2) Há quanto tempo você toca guitarra? *

3) Você é amador ou profissional? *

https://docs.google.com/forms/d/1kS8Gu8H6_16qU4_kK7SITksyx9-96ISR1Yai8EVDHnw/viewform?c=0&w=1

1/3

- Amador
 Profissional

4) Como foi o início do seu aprendizado? *

Breve Relato

5) Você encontrou dificuldades para aprender? Caso sim quais? *

6) No seu processo de aprendizado você buscou informações de que forma? *

Assinale as alternativas que correspondem ao seu processo

- Amigos
 Videos no youtube
 Grupos e foruns na internet
 Revistas especializadas (físicas ou virtuais)
 Redes Sociais
 Professor de guitarra e/ou violão
 Escolas de música
 Sites com cifras e tablaturas
 Tecnologias diversas
 Tocar em bandas
 Tirar músicas de ouvido

7) Você já teve aulas com algum professor de guitarra? *

- Sim
 Não

8) Atualmente como está a sua situação de aprendizado? *

- Continua no autoaprendizado
 Tem aulas com professor
 Utiliza as duas formas anteriores

9) Possui acesso a internet com banda larga, webcam, microfone e sistema de som para realização de entrevista distância, podendo utilizar os aplicativos de conferência tais como Skype, Hagout e batepapo do facebook? *

- Sim
 Não

10) Como tomou conhecimento deste convite para participação da pesquisa? *

Breve relato

11) Deixe seu email e endereço do perfil no facebook *

Enviar

Nunca envie senhas em Formulários Google.

100% concluído.

Powered by
 Google Forms

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.
[Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Termos Adicionais](#)

[✎ Editar este formulário](#)

Segundo questionário de seleção para pesquisa de mestrado

"Jovens autoaprendizes de guitarra e a busca pela orientação musical sistematizada"

Mestrando: Heraldo Veridiano dos Santos

Na 1ª parte você indicou que foi autoaprendiz na guitarra. Responda por favor:

***Obrigatório**

Dados pessoais *

Nome completo, Idade, Cidade e Estado

1) Você percebeu a necessidade de uma orientação na guitarra ou em música? *

Em outras palavras, foi preciso ter aulas com um professor de guitarra ou de música?

- Guitarra
 Música

2) Caso sim, que tipo de necessidade o motivou? *

Qual o motivo que levou você a procurar um professor? Breve relato.

3) Depois de quanto tempo no autoaprendizado você procurou um professor? *
Escreva apenas o tempo, ex: 6 meses, 1 ano, 2 anos, 3 anos, etc..

4) Você publica vídeos no youtube ou facebook? *
Você tem costume de publicar suas práticas de guitarra?

Youtube
 Facebook
 Youtube e Facebook


5) Caso sim, *

Com Banda ao vivo
 Sozinho sem auxílio do playback
 Sozinho com playback (Backing Track)
 Ensinando algo

Enviar

100% concluído.

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Powered by **Google Forms**

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

[Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Termos Adicionais](#)

5) Você encontrou dificuldades para aprender? Caso sim quais? ***6) No seu processo de aprendizado você buscou informações de que forma ? ***

Assinale as alternativas que correspondem ao seu processo

- Amigos
- Videos no youtube
- Grupos e foruns na internet
- Revistas especializadas (físicas ou virtuais)
- Redes Sociais
- Professor de guitarra e/ou violão
- Escolas de música
- Sites com cifras e tablaturas
- Tecnologias diversas
- Tocar em bandas
- Tirar músicas de ouvido

7) Você já teve aulas com algum professor de guitarra? *

- Sim
- Não

8) Você percebeu a necessidade de uma orientação na guitarra ou em música ? *

Em outras palavras, foi preciso ter aulas com um professor de guitarra ou de música?

- Guitarra
- Música

9) Caso sim, que tipo de necessidade o motivou? *

Qual o motivo que levou você a procurar um professor? Breve relato.

10) Depois de quanto tempo no autoaprendizado você procurou um professor? *

Escreva apenas o tempo, ex: 6 meses, 1 ano, 2 anos, 3 anos, etc..

11) Você publica vídeos no youtube ou facebook? *

Você tem costume de publicar suas práticas de guitarra?

- Youtube
 Facebook
 Youtube e Facebook

Caso sim, *

- Com Banda ao vivo
 Sozinho sem auxílio do playback
 Sozinho com playback (Backing Track)
 Ensinando algo
 Diversas situações

12) Atualmente como está a sua situação de aprendizado? *

- Continua no autoaprendizado
 Tem aulas com professor
 Utiliza as duas formas anteriores

13) Possui acesso a internet com banda larga, webcam, microfone e sistema de som para realização de entrevista distância, podendo utilizar os aplicativos de conferência tais como Skype, Hagout e batepapo do facebook? *

- Sim
 Não

14) Como tomou conhecimento deste convite para participação da pesquisa? *

Breve relato

15) Deixe seu email e endereço do perfil no facebook *

Enviar



100% concluído.

Nunca envie senhas em Formulários Google.

Powered by
 Google Forms

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.
[Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Termos Adicionais](#)

APÊNDICE 5 – ROTEIRO GERAL DE ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- * Há quanto tempo você toca guitarra?
- * Você se considera amador ou profissional?
 - Pergunta adicional, caso necessário: Você em algum momento desejou se profissionalizar? Por que não seguiu adiante? Qual a sua atividade profissional atual?
- * Como foi o início do seu aprendizado?
- * Você encontrou dificuldades para aprender?
- * Você já teve aulas com algum professor de guitarra?
- * Você percebeu a necessidade de uma orientação de um professor, o que aconteceu para você tomar essa decisão?
- * Houve alguma situação que desencadeou essa reflexão sobre a limitação de ser uma/um autoaprendiz?
- * Depois de quanto tempo no autoaprendizado você procurou um professor?
- * Que tipo de necessidade te levou a buscar um professor?
- * Sobre as suas aulas com o professor particular, você o procurou sabendo quais eram as suas necessidades?
- * Você poderia dizer especificamente quais eram as suas limitações?
- * Como foi definido o seu curso com esse professor?
- * Foi proposto por ele ou vocês decidiram juntos?
- * Como você avalia o perfil do seu professor? Considerando que você chegou a ele vindo de um processo de autoaprendizagem ele conseguiu atender as suas expectativas?
- * Você conseguiria especificar os pontos positivos e negativos deste processo de aprendizado orientado por um professor?
- * Hoje, fazendo uma autoanálise como você analisa sua trajetória de aprendizagem?

Perguntas adicionais que cercam a pesquisa

Observei alguns vídeos com você tocando sozinho e com banda, estes vídeos foram postados entre o seu perfil do *Facebook* e do *Youtube*, você tem apenas esses vídeos?

* Você tem ainda toca com banda?

* Você compõe e/ou faz arranjos?

* A internet é um caminho que estimula os aprendizes de guitarra?

* Sobre esse grande mar de informação que a internet oferece um professor pode fazer diferença orientando a seleção dessas informações ou isso não tem importância?

* Como você classificaria o grau de confiabilidade das informações sobre conteúdo musical e músicas cifradas disponibilizadas na internet por milhares de pessoas?

APÊNDICE 6 - CATEGORIAS MAPEADAS NAS TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

1. INCENTIVO FAMILIAR

- 1.1 - Incentivo dos pais e/ou parentes
- 1.2 - Resistência dos pais
- 1.3 - Família de músicos
- 1.4 - Aprendizado com parentes
- 1.5 - Seguir um modelo de parente

2. PROFISSIONALIZAÇÃO

- 2.1 - Profissional ou amador?
- 2.2 - Mais ou menos profissional
- 2.3 - Responsabilidade
- 2.4 - Qualidade é sinônimo de ser profissional
- 2.5 - Quero ser profissional
- 2.6 - “Quando comecei a levar a sério”
- 2.7 - De aprendiz a orientador
- 2.8 - Tocar profissionalmente
- 2.9 - Tocar na Igreja
- 2.10 - Ler partitura
- 2.11 - Questões de gênero – Preconceito
- 2.12 - Lecionar
- 2.13 - Fazer uma faculdade de música - Legitimação da profissão
- 2.14 - Dominar habilidades
- 2.15 - Atitude profissional sem remuneração

3. AUTOAPRENDIZADO

- 3.1.1 - Começando com outros instrumentos
- 3.1.2 - Começando no violão
- 3.1.3 - Tirar Músicas de ouvido
- 3.1.4 - Tocar em banda (prática musical)
- 3.1.5 - Tocar na Igreja
- 3.1.6 - Música autoral e covers
- 3.1.7 - Tocar sozinho com backing track (prática musical)
- 3.1.8 - Tocar Rápido
- 3.1.9 - Dificuldades
- 3.1.10 - Aprendendo com Amigos
- 3.1.11 - Ídolos da música - Motivação
- 3.1.12 - Aprendendo com cifras
- 3.1.13 - Revistas com cifras de músicas famosas

- 3.1.14 - Aprendizado visual e sonoro
- 3.1.15 - O meu gosto (repertório)
- 3.1.16 - Aprendendo com tablatura
- 3.1.17 - Aprender a ler Partitura
- 3.1.18 - Recursos tecnológicos - Guitar pro – tablaturas – música controles
- 3.1.19 - Navegando na internet
- 3.1.20 - Cifra Club
- 3.1.21 - Pontos positivos e negativos do autoaprendizado
- 3.1.22 - Cifras
- 3.1.23 - Tablaturas
- 3.1.24 - Outros recursos
- 3.1.25 - Revistas físicas
- 3.1.26 - Persistência
- 3.1.27 - Sentir facilidade
- 3.1.28 - Sentir muita dificuldade
- 3.1.29 - Autoaprendizado Não é suficiente
- 3.1.30 - Autodisciplinar
- 3.1.31 - Aprendendo sozinho
- 3.1.32 - *SDL*
- 3.1.33 - Criatividade
- 3.1.34 - Tocar outros instrumentos
- 3.1.35 - Desânimo, desmotivação
- 3.1.36 - Aprendendo com a banda
- 3.1.37 - Vídeo aulas VHS
- 3.1.38 - Aulas em fitas K7
- 3.1.39 - Gravações em fita K7
- 3.1.40 - O autoaprendizado supriu a maior parte das minhas necessidades

3.2 - Internet

- 3.2.1 - Motivação para aprender
- 3.2.2 - Cifra Club
- 3.2.3 - *Youtube* - vídeo aulas, shows, etc.
- 3.2.4 - *Youtube* - postagens de vídeos pessoais - solo ou com banda
- 3.2.5 - *Facebook* - postagens de vídeos pessoais - solo ou com banda
- 3.2.6 - Confiabilidade das informações
- 3.2.7 - Busca de informação sob orientação confiável
- 3.2.8 - Aulas virtuais - Skype/Hangout
- 3.2.9 - Período sem acesso
- 3.2.10 - O professor como orientador da informação na internet
- 3.2.11 - Pesquisa por textos on-line
- 3.2.12 - Informações erradas adquiridas através da internet
- 3.2.13 - Pouca relação com a internet no início do aprendizado

3.3 – Desejos e Motivações

- 3.3.1 - Partitura
- 3.3.2 - Necessidades
- 3.3.3 - Criatividade
- 3.3.4 - Fazer Solos
- 3.3.5 - Fazer Pestana
- 3.3.6 - “Não saber o que está fazendo, preciso saber o que eu toco”
- 3.3.7 - Questões Financeiras
- 3.3.8 - Maus hábitos/vícios na guitarra
- 3.3.9 - Teoria musical
- 3.3.10 - Harmonia
- 3.3.11 - Improvisação
- 3.3.12 - Vontade de tocar músicas
- 3.3.13 - Eu quero tocar guitarra
- 3.3.14 - Internet motivadora
- 3.3.15 - A guitarra, sua beleza, status, diversidade sonora e encanto
- 3.3.16 - Tecnologias
- 3.3.17 - Tudo pela banda
- 3.3.18 - Desafios
- 3.3.19 - Não entendo como se faz
- 3.3.20 - Aprender para dar um dia dar aula
- 3.3.21 - Dar aula me estimula a estudar a aprender mais
- 3.3.22 - Eu quero montar uma banda
- 3.1.23 - Desânimo, desmotivação
- 3.3.24 - A banda motivou buscar orientação
- 3.3.25 - Composição - Música Autoral
- 3.3.26 - Fazer covers de bandas
- 3.3.27 - Eu preciso de um professor
- 3.3.28 - Eu gosto de aprender e estudar
- 3.3.29 - Ter aula motiva a organizar estudos
- 3.3.30 - Eu quero fazer faculdade de música

4. Orientação informal e/ou formal

- 4.1 - Resistência ou adesão
- 4.2 - Por que busquei orientação?
- 4.3 - 1º, 2º e 3º Professores
- 4.4 - Escolher o que vou estudar ou seguir o cronograma
- 4.5 - Aprender Técnicas para tocar melhor
- 4.6 - Orientação da informação na internet
- 4.7 - Novas necessidades
- 4.8 - Dificuldades
- 4.9 - Re-iluminando os saberes
- 4.10 - Ampliação de repertório
- 4.11 - Ampliação de vocabulário
- 4.12 - Pós orientação
- 4.13 - Avaliação do aprendiz sobre o professor

- 4.14 - De aprendiz a orientador
- 4.15 - Estudar de verdade
- 4.16 - Desaprovação metodológica
- 4.17 - Professores e escolas famosas
- 4.18 - Informal (aulas particulares)
- 4.19 - Formal (escolas e/ou faculdade)
- 4.20 - Um Método pode aprisionar
- 4.21 - Afetividade com o professor
- 4.22 - Orientação personalizada
- 4.23 - *SDL* – Self Direct Learning
- 4.24 - Início do aprendizado direto com professor
- 4.25 - Fazer faculdade de música
- 4.26 - Escola de música (curso livre ou técnico)
- 4.27 - O professor como modelo
- 4.28 - Percebeu evolução com orientação
- 4.29 - Não percebeu evolução
- 4.30 - A busca pelo professor ideal
- 4.31 - Encontrei o professor particular (informal) ideal
- 4.32 - Frustração perante a metodologia no ensino superior
- 4.33 - Período de adaptação e assimilação da metodologia/ Ensino Superior
- 4.34 - Professores atuais e distanciamento Das tecnologias e internet
- 4.35 - O termo orientador é adequado?
- 4.36 - Aprovação Metodológica
- 4.37 - Orientação não é suficiente

4.1 – Facilidades adquiridas durante e pós-orientação

- 4.1.1 - Melhora na organização dos estudos
- 4.1.2 - Mais eficiência na solução de problemas
- 4.1.3 - Maior controle mecânico e motor
- 4.1.4 - Mais apropriação dos conceitos de estruturação musical
- 4.1.5 - Melhora nas questões de criatividade
- 4.1.6 - Ser mais criterioso
- 4.1.7 - Aumento de repertório e vocabulário
- 4.1.8 - Melhora nas performances do repertório
- 4.1.9 - Mais domínio e fluidez para improvisações
- 4.1.10 - Aprendizado mais rápido para novos conhecimentos

5. Autoanálise - Trajetória de Aprendizado

- 5.1 - Eu não sabia o que estava tocando
- 5.2 - Preciso de um professor
- 5.3 - O método não me agradou
- 5.4 - Preciso de outro professor
- 5.5 - Consciência/ inconsciência/ intuição
- 5.6 - Não sabia por onde começar

- 5.7 - Resumo da trajetória de aprendizado
- 5.8 - O valor da orientação
- 5.9 - O valor do autoaprendizado

6. Metodologia

- 6.1 - Vídeos das trajetórias dos entrevistados
- 6.2 - A vergonha
- 6.3 - O antes e o depois
- 6.4 - A felicidade do agora
- 6.5 - Opinião dos entrevistados sobre a entrevista on-line

7. Indicações de *SDL – Self Direct Learning*

- 7.1 - Aprendendo com professor no violão e transferindo para a guitarra
- 7.2 - Aulas particulares (informal) e Autoaprendizado simultâneos
- 7.3 - Aulas particulares (Informal), Autoaprendizado, Aprendizado (Formal) em nível superior simultaneamente.
- 7.4 - Busca por novos conhecimentos não sugeridos pelo orientador, porém, checados pelo ele.
- 7.5 - Independência
- 7.6 - Autoanálise, Automotivação, Autocrítica.
- 7.7 - Consciência sobre suas necessidades
- 7.8 - Capacidade de saber qual tipo de orientador
- 7.9 - Aprendendo com professor no violão e transferindo para a guitarra sozinho.

8. Dificuldades gerais

- 8.1 - Aprender Sozinho
- 8.2 - Não conseguir organizar os estudos
- 8.3 - Processos criativos raros
- 8.4 - Não compõe, não faz arranjos.
- 8.5 - Improvisação
- 8.6 - Resolver problemas mecânicos
- 8.7 - Posturas
- 8.8 - Não conseguir fazer relações entre prática e teoria
- 8.9 - Conseguir pesquisar na internet
- 8.10 - Não ir além do que reproduzir músicas
- 8.11 - Foco intenso em desenhos (formatos de digitação)
- 8.12 - Sempre necessitar de orientação
- 8.13 - Dificuldade de seguir uma orientação e/ou seguir um método
- 8.14 - Frustrações
- 8.15 - Desmotivação para buscar um professor ideal
- 8.16 - Dificuldade de avaliar informações confiáveis na internet
- 8.17 - Informações sem garantias que sejam confiáveis
- 8.18 - Não conseguir aprender com as vídeoaulas do *Youtube*

- 8.19 - Insatisfação com sua sonoridade e habilidades
- 8.20 - Não consigo entender teoria
- 8.21 - Dificuldade de aprender com métodos (vídeo aulas, livro, etc.)
- 8.22 - Limitação de repertório
- 8.23 - Falta de condição financeira para ter aulas
- 8.24 - Autocrítica excessiva

APÊNDICE 7 - TCLE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você para participar da pesquisa "*Jovens autoaprendizes de guitarra e a busca pela orientação musical sistematizada*", sob a responsabilidade das pesquisadoras Profª Drª Margarete Arroyo e Heraldo Veridiano dos Santos.

Esta pesquisa tem por objetivo compreender como jovens autoaprendizes desenvolvem a necessidade de uma orientação musical sistematizada. Pretende-se identificar por que e como ocorre esta necessidade, mapear os processos de autoaprendizado, motivações e objetivos musicais. Com essas informações será possível analisar o que motiva o jovem autoaprendiz buscar a orientação musical sistematizada. Na sua participação, você será entrevistado presencialmente em local indicado por você ou virtualmente via vídeo conferência através dos programas Skype, Hangout ou batepapo do facebook. Caso você publique seus vídeos em sites estes também serão observados.

Em nenhum momento você será identificado (a). Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum gasto ou ganho financeiro pela participação na pesquisa.

Os riscos só ocorrerão se houver desrespeito ao sigilo da identidade dos sujeitos, o que não deverá ocorrer visto que os pesquisadores seguirão a Resolução 466/2012. O benefício desta pesquisa volta-se ao apoio do trabalho de professores de música no que tange a escolha dos instrumentos pelos estudantes e à construção do gosto musical pelos mesmos.

Você é livre para parar de participar a qualquer momento sem nenhum prejuízo.

Este termo de consentimento livre e esclarecido foi elaborado em duas vias de igual teor, sendo que uma ficará com o colaborador (a) e uma com o pesquisador (a).

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa você poderá entrar em contato com:

Pesquisadores: Profª Drª Margarete Arroyo (orientadora) e Heraldo Veridiano dos Santos (mestrando),
Fone: (11) 992 18 1201. PPG-Música/UNESP: Rua Dr. Bento Teobaldo Ferraz, 271 - Barra Funda - São Paulo, SP CEP: 01140-070; fone: (11) 3393-8632

São Paulo, dede 2015



Heraldo Veridiano dos Santos



Margarete Arroyo

Eu aceito participar no projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido

Participante da pesquisa

ANEXO 1 – APROVAÇÃO – PLATAFORMA BRASIL

14/09/2015

Mensagem de Impressão do Outlook.com

[Imprimir](#)

[Fechar](#)

PLATBR - Comunicado de Início de Projeto

De: **Equipe Plataforma Brasil** (plataformabrasil@saude.gov.br)

Enviada: quinta-feira, 2 de julho de 2015 03:55:57

Para: Heraldo Veridiano dos Santos (heraldoguitar@hotmail.com)

Sr. (a) Pesquisador (a),

O projeto Jovens autoaprendizes de guitarra e a busca da orientação musical sistematizada com número CAAE 39690714.4.0000.5402, tem data de início prevista para 01/02/2015.

Atenciosamente,

Plataforma Brasil

www.saude.gov.br/plataformabrasil

plataformabrasil@saude.gov.br

Esta é uma mensagem automática. Favor não responder este e-mail.